



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

O treinador de desporto adaptado - Perfil de formação, orientação no treino, estilo de decisão e de planificação

Gabriela dos Santos Nunes

Orientadores

Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita

Professor Doutor Marco Alexandre da Silva Batista

Dissertação de Mestrado apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Atividade Física – Especialidade em Desporto Adaptado, realizada sob a orientação científica dos orientadores Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita e Professor Doutor Marco Alexandre da Silva Batista, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

2020

Composição do júri

Presidente do júri

Grau académico, nome do presidente do júri”

Vogais

Grau académico, nome do vogal do júri”

Categoria profissional e o nome da Instituição

Grau académico, nome do vogal do júri”

Categoria profissional e o nome da Instituição

Grau académico, nome do vogal do júri”

Categoria profissional e o nome da Instituição

Aos meus pais e à minha irmã que sempre me apoiaram durante este percurso académico

Agradecimentos

Esta dissertação de mestrado não poderia ser realizada sem o apoio e incentivo de várias pessoas, que me acompanharam desde a minha chegada pela primeira vez a Castelo Branco vinda de tão longe, e onde certamente foram passados os melhores 5 anos da minha vida.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais e à minha irmã, por me apoiarem incondicionalmente desde o 1º dia e por sempre me motivarem a fazer mais e melhor.

A nível institucional, gostaria de agradecer ao Instituto Politécnico de Castelo Branco, mais concretamente à Escola Superior de Educação, por me ter proporcionado uma educação de excelência e por me ter permitido a realização desta investigação.

Aos meus amigos, às minhas colegas de casa, que sempre estiveram do meu lado durante esta longa caminhada, sejam eles antigos ou recentes, que certamente levarei para a vida, independentemente da distância.

Aos meus orientadores, Marco Batista e Helena Mesquita, por sempre me ajudarem em tudo o que foi necessário e por me apoiarem a nunca desistir.

Ao Professor Pedro Pires, por me ter ajudado ao longo desta investigação, por me ter fornecido o material necessário à realização da mesma.

Ao Pedro, pela motivação, apoio e por sempre estar presente em todos os momentos, sejam eles bons ou maus.

Por fim, mas não menos importante, a todos aqueles que me ajudaram e que contribuíram de alguma forma para o meu sucesso.

Resumo

Este trabalho académico é composto por compendio de artigos. Como objetivos pretendemos conhecer o grau de formação, o estilo de planificação, o perfil de treinador e o estilo decisional do treinador de desporto adaptado, durante o processo de treino. Objetivou-se ainda estabelecer relações e fatores de mediação entre as variáveis citadas, comparando-as entre géneros. Para conseguirmos responder aos objetivos, esta foi dividida em três estudos distintos: “Avaliação do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado”, “Comparação em função do género, do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão, numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado”, e “Avaliação dos fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil de treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado”.

A amostra do estudo foi constituída por 31 sujeitos, 21 do género masculino e 10 do género feminino, com idades compreendidas entre os 23 e os 60 anos ($M=40.65$, $DP=10,19$).

Para a recolha dos dados utilizámos os seguintes instrumentos: Coach Profile Questionnaire (CPQ) (Feu, Ibáñez, Graça & Sampaio, 2007), Sport Coach Learning Style (SCLS) (Feu, Ibáñez, Gozalo & Lorenzo, 2010), Sport Coach Decision Style (SCDS) (Feu, Ibáñez & Gozalo, 2007), e por fim, Sport Coach Planning Style (SCPS) (Feu, Ibáñez & Gozalo, 2007). Quanto ao tratamento estatístico, utilizou-se o Software SPSS v.22.0, tendo sido realizada a análise de fiabilidade, de normalidade dos dados, assim como a estatística descritiva. A análise inferencial obedeceu à aplicação de provas de comparação em função da normalidade dos dados. Foi ainda utilizada a extensão macro *PROCESS* do SPSS, para a determinação das análises de mediação entre as variáveis.

Relativamente ao primeiro estudo, os resultados foram-nos abonatórios que os treinadores apresentam a média mais elevada na Formação Académica, apresentam um Perfil Inovador, um estilo de Planificação Flexível e uma Tomada de Decisão Democrático. No segundo estudo, aferimos que não existem diferenças em termos de grau de formação, tipologia de planificação, perfil e tomada de decisão, em função do género. No terceiro estudo verificámos que não existe um efeito de mediação entre a tipologia de planificação e perfil do treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão.

Palavras chave

Treinadores; Desporto; Desporto Adaptado; Special Olympics; Liderança.

Abstract

This academic work is composed of a compendium of articles. As objectives we intend to know the degree of training, the planning style, the trainer profile and the decisional style of the adapted sport trainer, during the training process. It was also intended to establish relations and mediation factors between the variables cited, comparing them between genders. In order to answer the objectives, it was divided in three distinct studies: "Evaluation of the degree of training, planning typology, trainer profile and decision making in a sample of Portuguese adapted sport coaches", "Comparison according to gender, training degree, planning typology, trainer profile and decision making in a sample of Portuguese adapted sport coaches", and "Evaluation of the mediation factors of the planning typology and trainer profile, exercised between the degree of training and decision making in a sample of Portuguese adapted sport coaches".

The study sample consisted of 31 subjects, 21 male and 10 female, aged between 23 and 60 years ($M=40.65$, $DP=10.19$).

We used the following tools to collect the data: Coach Profile Questionnaire (CPQ) (Feu, Ibáñez, Graça & Sampaio, 2007), Sport Coach Learning Style (SCLS) (Feu, Ibáñez, Gozalo & Lorenzo, 2010), Sport Coach Decision Style (SCDS) (Feu, Ibáñez & Gozalo, 2007), and finally, Sport Coach Planning Style (SCPS) (Feu, Ibáñez & As for the statistical treatment, we used the SPSS v.22 software. .0 software was used, and the analysis of reliability, data normality and descriptive statistics were performed. The inferential analysis obeyed to the application of comparison tests according to the normality of the data. It was also used the macro PROCESS extension of the SPSS, to determine the mediation analysis between the variables.

Regarding the first study, the results were positive that the trainers present the highest average in the Academic Training, present an Innovative Profile, a Flexible Planning style and a Democratic Decision Making. In the second study, we found that there are no differences in terms of training level, planning typology, profile and decision making, according to gender. In the third study we found that there is no mediation effect between the type of planning and trainer profile, exercised between the degree of training and decision making.

Keywords

Coaches; Sport; Adapted Sports; Special Olympics; Leadership

Índice

Resumo	IX
Abstract.....	XI
Índice de Figuras.....	XVI
Índice de Quadros.....	XVIII
Índice de Acrónimos	XX
Capítulo 1: Revisão da Literatura	7
1. O Desporto Adaptado	9
1.1. História do Desporto Adaptado	10
1.2. História do Desporto Adaptado em Portugal	11
1.3 Special Olympics	13
2. Treinador no Desporto	15
2.1. Perfil do Treinador.....	16
2.2 A formação	19
2.3 A tomada de Decisão	21
2.4 O estilo de planificação.....	23
3. Treinador de Desporto Adaptado.....	25
Capítulo 2: Organização e Planificação do Estudo	29
1. Introdução	31
2. Problemática	31
2.1 Objetivos	31
2.2 Hipóteses	32
2.3 Variáveis do Estudo.....	33
3. Metodologia	34
3.1 Introdução.....	34
3.2 Caracterização da Amostra.....	34
3.3 Procedimentos para a recolha de dados.....	36
3.4 Instrumentos de Pesquisa.....	37
3.5. Protocolo de Tratamento de Escalas.....	39
3.6 Procedimentos Estatísticos	40
Capítulo 3: Estudos Realizados.....	43

Estudo I: Avaliação do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado	45
Estudo II: Comparação em função do género, do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão, numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado	59
Estudo III: Avaliação dos fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil de treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.	69
Capítulo 4: Conclusões	83
Anexos.....	113
Anexo A – Questionário aplicado aos Treinadores de Desporto Adaptado	115

Índice de Figuras

Figura 1 - Gráfico de percentagem por género	34
Figura 2 - Habilitações académicas dos treinadores	36
Figura 3 - Formulário online dos questionários aplicados.....	36
Figura 4 - Média e Mediana do Questionário “Sport Coach Learning Style”	52
Figura 5 - Média e Mediana do questionário “Sport Coach Planning Style”	53
Figura 6 - Média e Mediana do questionário "Coach Profile Questionnaire"	53
Figura 7 - Média e Mediana do questionário Sport Coach Decision Style	54
Figura 8 - Mediação entre o Jogador Reciclado, Tomada de Decisão Autoritário, Planificação Rígida e Perfil Tradicional.....	76
Figura 9 - Mediação entre a Formação Académica, Tomada de Decisão Democrático, Planificação Flexível e Perfil Inovador	77
Figura 10 - Mediação entre a Formação Autodidata, Tomada de Decisão Autoritário, Planificação Flexível, Perfil Dialogador	78

Índice de Quadros

Quadro 1 - Prioridade das funções do treinador desportivo em função do nível em que atua (Adaptado de Feu, 2006)	16
Quadro 2 - Anos de experiência enquanto jogador	35
Quadro 3 - Anos de experiência enquanto treinador	35
Quadro 4 - Classificação da fiabilidade a partir do coeficiente de Cronbach adaptado de George e Mallery (2003, p.231).....	41
Quadro 5 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário “Sport Coach Learning Style”	52
Quadro 6 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário “Sport Coach Planning Style”	52
Quadro 7 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário “Coach Profile Questionnaire.....	53
Quadro 8 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário “Sport Coach Decision Style”	54
Quadro 9 - Coorelação de Pearson entre os fatores dos questionários (Sport Coach Profile Questionnaire; Sport Coach Learning Style; Sport Coach Decision Style; Sport Coach Planning Style).....	55
Quadro 10 - Teste de normalidade, estatística descritiva e significância estatística da comparação das variáveis em função da variável género.....	65

Índice de Acrónimos

SCLS Sport Coach Learning Style

SCPS Sport Coach Planning Style

SPQ Sport Profile Questionnaire

SCDS Sport Coach Decision Style

Introdução Geral

Introdução

Ser treinador envolve como princípio central o de melhorar constantemente o desempenho da equipa ou do atleta, o que requer uma atividade cognitiva persistente para tomar decisões sobre uma multiplicidade de fatores situacionais dinâmicos (Jones, Armour & Potrac, 2003), dado que este desempenha um papel fundamental na construção do conceito de prática desportiva e do autoconceito do atleta (Silva, Massart, Figueiredo, Gonçalves, Sobral & Rama, 2002).

O treinador deve ser um líder por excelência, pois, além do óbvio contributo que oferece ao resultado da equipa, é inegável o seu papel no desenvolvimento do atleta, não só desportivamente, mas também no desenvolvimento emocional e capacidade de adaptação (Gomes, Seixas & Resende, 2017).

Associado às suas funções primárias, o treinador desportivo contribui para a formação pessoal e social, além de colaborar para o desenvolvimento da cidadania, educação, saúde e bem-estar de pessoas de todas as idades (ICCE, 2013).

É necessário também que sejam capazes de desempenhar diversas funções, tais como: planificar, controlar o treino e a competição, ajudar na formação dos jogadores, coordenar o grupo que colabora no treino, organizar o trabalho, avaliar o treino e a competição, analisar os processos de treino, ensinar os conteúdos específicos do desporto, investigar sobre a sua modalidade desportiva, entre outras (Meinberg, 2002)

A planificação é uma das funções mais importante dos treinadores, no desenvolvimento de um projeto desportivo (Buceta, 2004), variando os exercícios do treino, promovendo o sucesso dos atletas, bem como o da tomada de decisão.

Segundo Alves e Araújo (1996) a planificação é um processo humano complexo, que deve equacionar três factores:

- A situação onde terá lugar a decisão;
- O indivíduo que vai tomar a decisão;
- Decisão propriamente dita.

Segundo Ibañez (1996), o treinador desportivo pode optar por tomar diversas atitudes diante de uma planificação, tais como:

- Uma atitude rígida e com pouca flexibilidade para realizar mudanças;
- Uma atitude mais flexível para realizar mudanças em função do desenrolar dos treinos;
- Uma atitude repetida e improvisada nos seus treinos.

Uma planificação flexível é o estilo mais adequado para que o treinador possa adaptar-se às mudanças que se produzem no treino e na competição (Siedentop, 1991).

A tomada de decisão é também uma das funções importantes do treinador, sendo um dos aspetos mais relevantes do desempenho humano (Araújo & Carvalho, 2009),

que condiciona a consistência dos desempenhos de sucesso em todas as disciplinas desportivas (Passos, Batalau & Gonçalves, 2006), tanto para atletas quanto para treinadores (Vicente, 2012).

A tomada de decisão no desporto é limitada pelo tempo e exige conhecimento e extração de informações relevantes do ambiente do jogo em busca de uma solução para diferentes situações (Raab, 2012). Assim, a atenção, estratégias de busca visual, antecipação, seleção e execução de respostas são vitais para o bom desempenho (Liu, 2015; Piras, Lobietti & Squatrito, 2014).

O estilo de planificação e a tomada de decisão por parte do treinador são elementos essenciais para favorecer o êxito no que toca ao processo de formação e de treino, pelo que, Buceta (2004, p. 125) refere que “a planificação é uma das funções do treinador mais importantes para desenvolver adequadamente um projeto desportivo”.

A experiência leva a uma melhor descoberta e extração de informações visuais do ambiente (Wu, Zeng, Zhang, Wang & Tan, 2013), ou seja, o uso de estratégias visuais eficazes resulta numa pesquisa visual mais eficiente, rápida e precisa (Williams & Davids, 1998) no reconhecimento e recordação de padrões de jogo (Williams & Davids, 1995), que leva a uma tomada de decisão mais precisa (Abernethy & Russell, 1987). Permite interpretações adequadas das informações disponíveis (Ward, Williams & Bennett, 2002).

Entre os papéis desempenhados pelos treinadores, destaca-se também a capacidade tática de analisar situações competitivas, a fim de desenvolver planos de ação (estratégicos e táticos), definir estratégias de jogo, possibilitar ajustes durante a competição e tomar decisões que se adequem a diferentes cenários de partida e treino, entre outros aspetos (Mesquita, 2015).

Outro aspeto importante e fundamental para o bom rendimento por parte do treinador é a formação, pois é necessário possuírem um vasto leque de conhecimentos acerca da modalidade e do treino em si, para o sucesso dos seus atletas.

A aprendizagem profissional de treinadores decorre de um processo que envolve a experiência pessoal de prática desportiva e a experiência de prática profissional, tendo como fontes de aprendizagem, as pesquisas na internet, a interação com outros treinadores, a interação com mentores, clínicas, livros, vídeos, observação de treinadores rivais, experiência pessoal e programas de formação (Ramos, Graça, Nascimento & Silva, 2011).

A formação universitária deve ser reconhecida como uma etapa de formação que não se encerra em si, representando a preparação para o início de uma carreira profissional (Milistetd, Galatti, Collet, Tozetto & Nascimento, 2017).

De acordo com Tozetto, Gallatti e Milistedt (2018) a aprendizagem dos treinadores ocorre desde o nascimento, em episódios com a família chamado de socialização primária até ao meio envolvente chamado de socialização secundária que são as experiências daqueles que foram atletas.

Nascimento, Milistetd, Galatti, Collet e Tozetto (2017) consideram que a formação e atuação do treinador desportivo são sustentadas por conhecimentos e competências

relacionadas com o domínio da sua área de intervenção e também às com as necessidades de interação com os outros atores deste cenário desportivo.

Lima (2001) refere que para ser treinador é indispensável possuir um determinado “perfil” de personalidade que evidencie traços dominantes das qualidades e das capacidades que nas relações sociais, dinamizam um processo de aceitação e do reconhecimento do indivíduo que interfere na realização das aspirações pessoais, grupais ou sociais.

Fernandes, Moura e Lima (2013) afirmam que para o treinador obter sucesso precisa, além do conhecimento do jogo e metodologia de treino, ter capacidade de comunicação tanto em ambiente de treino quanto em ambiente de competição.

O trabalho da comunicação do treinador significa manter o entendimento, a motivação e a clareza dos objetivos para que esses possam ser comuns na relação treinador-atleta e que a maneira como o treinador elogia ou faz uma crítica aos seus atletas influencia diretamente na motivação e empenho de sua equipa durante os treinos e competições (Cozac, 2013).

O presente estudo está alicerçado no treinador de desporto adaptado, onde analisámos o seu perfil de formação, orientação no treino, estilo de decisão e de planificação centrado no processo de treino de indivíduos com deficiência intelectual.

A definição de Deficiência Intelectual e Desenvolvimental (DID) aparece, no Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-V), como “Intellectual and Developmental Disorder/Disability” e tal como Schalock, Borthwick-Duffy, Bradley, Buntinx, Coulter, Craig, Gomez, Lachapelle, Luckasson e Reeve (2010) referem, a DID é definida como a expressão conceptual, prática e social das limitações intelectuais e adaptativas concomitantes até aos 18 anos de idade. A American Psychiatric Association (APA) na sua versão mais recente (2013) mantém a mesma categorização por níveis de severidade, mas inova com o facto destas categorias se basearem na “severidade das limitações adaptativas”.

À luz da escassa informação na área do desporto adaptado, mais propriamente acerca do perfil dos treinadores de desporto adaptado em Portugal, esta investigação irá permitir-nos conhecer mais em detalhe acerca dos estilos de planificação, perfil decisional, grau de formação e orientação do treino.

O primeiro capítulo será composto por uma revisão de literatura sobre os temas relacionados com o nosso estudo, ou seja, acerca dos treinadores de desporto adaptado, sobre o seu grau de formação, o tipo de perfil, a tipologia de planificação e a sua tomada de decisão.

O segundo capítulo será constituído pela organização e planificação do estudo.

No terceiro capítulo apresentamos os estudos realizados, utilizando como base cada questionário e os resultados obtidos.

O quarto capítulo será constituído pelas conclusões retiradas dos estudos, as limitações e recomendações, referências bibliográficas e os anexos.

Capítulo 1: Revisão da Literatura

1. O Desporto Adaptado

O desporto adaptado na atualidade tem vindo a ocupar um lugar de plena excelência na sociedade, através da conquista de excelentes resultados em diversas competições e também pelos benefícios que têm na vida dos atletas com deficiência, sendo considerado um meio excepcional de exaltação dos valores humanos, constituindo-se como um instrumento de inclusão social, de promoção da tolerância e do respeito pelo outro (Marivoet, 2014).

Winnick (1990), define Desporto Adaptado como “sendo um conjunto de experiências desportivas modificadas ou especialmente concebidas para indivíduos com necessidades únicas” (p. 6), que não pode ser visto como um acontecimento social isolado do desporto em geral, pois quer o desporto adaptado, quer o desporto regular integram atletas, treinadores e espetadores que fazem parte da mesma sociedade, influenciando-se mutuamente e sendo influenciados pela sociedade na qual estão inseridos (Freire, 2009).

Cada modalidade do desporto adaptado irá direcionar o seu planeamento e o desempenho do indivíduo durante a sua realização (Silva, Marques, Pena, Molchansky, Borges, Campos & Gorla, 2013).

É também possível observar que as pessoas com deficiência física, envolvidas em desportos, estão mais satisfeitas com as suas vidas do que aqueles que não estão envolvidos (Mockevičienė & Savenkovienė, 2012).

Saraiva, Almeida, Oliveira, Fernandes e Cruz-Santos (2013), Sousa (2014) apontam o desporto adaptado como sendo representante de um dos fatores mais importantes ligados à promoção do sucesso educativo, inclusão, desenvolvimento psicossocial, e por outro lado, o combate ao abandono escolar e discriminação das pessoas com deficiência.

Podemos também encontrar benefícios a nível motor e físico como: o aumento dos níveis de força, resistência, flexibilidade e da aptidão física em geral (Duncan, Strycker & Chaumeton, 2015). Desde exercícios mais simples até os adaptados, as pessoas com deficiência encontram novas oportunidades de manter, desenvolver ou reabilitar sua saúde (seja no aspeto físico, psicológico ou social), o que representa uma melhoria em relação à mobilidade, equilíbrio e outros fatores, contribuindo diretamente para a qualidade de vida de pessoas em condições especiais, limitadoras ou restritivas (Wellichan & Santos, 2019).

Bohnert (2016) afirma que os desportos adaptados são atividades que envolvem esforço físico e uso de habilidades físicas específicas de indivíduos, cuja participação pode ser motivada por uma combinação de recompensas intrínsecas e extrínsecas.

1.1. História do Desporto Adaptado

O aparecimento do desporto adaptado veio causar um impacto de grande dimensão na vida das pessoas com deficiência, possibilitando a oportunidade de uma prática acessível a todos.

O desporto adaptado teve origem no século XIX, tendo sido praticado inicialmente por pessoas com deficiência auditiva na modalidade de beisebol em 1870 (Araújo, 1997). Deu-se o início da prática do futebol americano em 1885, na Escola Estadual de Illinois, Estados Unidos, e em 1888 surgiram os primeiros clubes para pessoas com deficiência auditiva (IPC, 2012; Marques & Gutierrez, 2014).

Em 1924 com a criação da Organização Mundial de Desportos para surdos, foram realizados em Paris, os “Jogos Internacionais para Surdos”, com a participação de 148 atletas de nove países europeus (CPP, 2015).

Através da fundação do Centro Nacional de Lesionados Vertebro-medulares no Hospital Stoke Mandeville de Aylesbury, em Buckinghamshire, na Grã-Bretanha pelo Dr. Ludwig Guttmann em 1944, foi iniciado o trabalho de reabilitação médica em veteranos de guerra utilizando as práticas desportivas para tal finalidade (Augusto & Brancatti, 2010).

Em 1945, foi realizado o primeiro programa de desporto em cadeira de rodas no Hospital Stoke Mandeville, tendo como objetivo trabalhar o tronco e membros superiores (Araújo, 1997; Marques & Gutierrez, 2014).

A 29 de julho de 1948, foi realizada assim a primeira competição oficial para pessoas com deficiência, data em que também se efetuou a abertura dos Jogos Olímpicos de Londres (Augusto & Brancatti, 2010).

Em 1959, foi fundado o Comité Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville, sendo este responsável pela organização dos jogos, contando já com a participação de 5 países: Inglaterra, Itália, Bélgica, França e Holanda (IPC, 2012; Cidade & Freitas, 2002; Marques & Gutierrez, 2014).

Em 1960, em Roma, aconteceram os primeiros Jogos Paralímpicos, com a participação de 400 atletas provenientes de 23 países, que desde então são realizados de 4 em 4 anos (IPC, 2012).

A constituição de um grupo internacional de trabalho para estudar os desafios do desporto para pessoas com deficiência em 1961, deu à origem à criação de uma federação internacional com o nome de “Organização Internacional do Desporto para Pessoas com Deficiência, em 1964 (IPC, 2012).

Aos longo das várias edições dos Jogos Paralímpicos, verificou-se um aumento de participantes, desde 400 atletas de 23 países em Roma (1960) para os 4200 atletas de 160 países em Londres (2012), e mais recentemente nos Jogos Paralímpicos do Rio de

Janeiro em 2016, onde participaram 4327 atletas, provenientes de também 160 países (IPC, 2012; IPC, 2016).

Os Jogos Paralímpicos, são hoje em dia considerados, um dos eventos desportivos mais importantes, a seguir aos Jogos Olímpicos, pelo número de modalidades existentes, pelo número de dias de competição, pelo número de países presentes, e também por se destacarem pela qualidade de espetáculo, e pela atração de espetadores, de medias e patrocinadores (FPDD, 1999).

1.2. História do Desporto Adaptado em Portugal

Em Portugal, o Desporto Adaptado teve origem com a guerra colonial, em hospitais de reabilitação, nomeadamente, no Centro de Reabilitação de Alcoitão, através da ocupação dos tempos livres com atividades desportivas (Louro, 2001).

A sua primeira participação oficial nos Jogos Paralímpicos, deu-se nos Jogos de 1972, em Heidelberg na Alemanha, onde Portugal participou com uma equipa de beisebol em cadeira de rodas, formada por indivíduos com lesões vertebro-medulares (FPDD, 2004; CPP, 2012).

Em 1984, Portugal participou nos Jogos Paralímpicos de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, de seguida em 1988 voltou a participar em Seul na Coreia do Sul, sendo estas duas participações da responsabilidade da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral (APPC) (FPDD, 2004).

O crescimento do desporto adaptado em Portugal tem vindo a evoluir a passos largos, tendo em 1988 surgido a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD), com a responsabilidade de promover a nível nacional as diversas modalidades desportivas existentes, reconhecendo assim cinco Associações Nacionais de Desporto por Deficiência: a Associação Nacional de Desporto para Deficientes Visuais (ANDDVIS), a Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual (ANDDI-Portugal), a Liga Portuguesa de Desporto para Surdos (LPDS), a Paralisia Cerebral Associação Nacional de Desporto (PC-AND), e a Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Motora (ANDDEMOT) (FPDD, 2012)

Em 2008, foi formado o Comité Paralímpico de Portugal, como uma organização pertencente ao Movimento Paralímpico, tutelado pelo International Paralympic Committee (IPC), tendo como objetivo a promoção do desporto adaptado de competição e alto rendimento e também a representação do Movimento Paralímpico Português (Estatutos do Comité Paralímpico de Portugal, 2018).

Cerca de um milhão da população portuguesa possui algum tipo de deficiência, sendo a taxa nacional de praticantes de 0,3%, o que representa cerca de três mil atletas (cerca de 25% são femininos) registados na FPDD (FPDD, 2011).

A Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, desenvolve e promove 38 modalidades desportivas para as diferentes deficiências, tais como: Andebol em Cadeira de Rodas, Atletismo, Basquetebol, Basquetebol em Cadeira de Rodas, Bilhar, Boccia, Bowling, Canoagem, Ciclismo, Equitação, Esgrima em Cadeira de Rodas, Futebol de 5, Futebol de 7, Futebol de 11, Ginástica, Goalball, Halterofilismo, Judo, Karaté, Lutas Amadoras, Natação, Orienta - ção, Pesca Desportiva, Petra, Remo, Rugby em Cadeira de Rodas, Slalom, Surf, Taekwondo, Ténis, Ténis de Mesa, Ténis em Cadeira de Rodas, Tiro, Tiro com Arco, Vela, Voleibol, Voleibol de Praia e Xadrez (Saraiva, Almeida, Oliveira, Fernandes & Cruz-Santos, 2013).

Relativamente ao Comité Paralímpico de Portugal, cada modalidade acima descrita é representada pelas seguintes associações e federações:

- Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual (ANDDI Portugal);
- Associação Nacional de Desporto para Deficientes Motores (ANDDEMOT);
- Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Visual (ANDDVIS);
- Federação de Andebol de Portugal (FAP)
- Federação de Campismo e Motanhismo de Portugal (FCMP);
- Federação de Desportos de Inverno (FDI Portugal);
- Federação Equestre Portuguesa (FEP);
- Federação Nacional de Karaté (FNK);
- Federação Portuguesa de Atletismo (FPA);
- Federação Portuguesa de Canoagem (FPC);
- Federação Portuguesa de Ciclismo (UVP-FPC);
- Federação Portuguesa de Golfe (FPG);
- Federação Portuguesa de Judo (FPJ);
- Federação Portuguesa de Lutas Amadoras (FPLA);
- Federação Portuguesa de Natação (FPN);
- Federação Portuguesa de Orientação (FPO);
- Federação Portuguesa de Taekwondo (FPTKD);
- Federação Portuguesa de Ténis (FPT);
- Federação Portuguesa de Ténis de Mesa (FPTM);
- Federação Portuguesa de Tiro (FPT);
- Federação Portuguesa de Triatlo (FPT);
- Federação Portuguesa de Remo (FPR);
- Federação Portuguesa de de Vela (FPV);
- Liga Portuguesa de Desporto para Surdos (LPDS);
- Paralisia Cerebral – Associação Nacional de Desporto (PC-AND).

Fonte: Estatutos do Comité Paralímpico de Portugal, de janeiro de 2013. Capítulo II (Dos Membros), Artigo 7º: Membros.

1.3 Special Olympics

O movimento Special Olympics teve a sua origem nos Estados Unidos da América, criado por Eunice Kennedy Shriver, após a realização de um acampamento de verão em junho de 1962 para crianças e adultos com deficiência intelectual, com o objetivo de explorar as suas capacidades numa variedade de desportos e de atividade física (Special Olympics General Orientation, 2010).

Em julho de 1968, foram realizados os “I jogos Internacionais de Verão das Special Olympics” organizados pela fundação Kennedy, no Soldier Field em Chicago, Illinois nos Estados Unidos da América, com a participação de 1000 atletas com deficiência intelectual de 26 estados americanos, incluindo o Canadá que competiu no atletismo e natação (Special Olympics General Orientation, 2010).

No mesmo ano, em dezembro, a Special Olympics estabelece-se como uma organização de caridade sem fins lucrativos, com o apoio da Associação Nacional de Cidadãos Retardados, do Conselho para Crianças Excepcionais e da Associação Americana de Deficiência Mental, sendo um primeiro esforço para proporcionar treino e competição desportiva para indivíduos com deficiência intelectual baseado no espírito e na tradição olímpica (Special Olympics Internacional, 1997; Special Olympics International, 2001).

A missão da Special Olympics é de promover durante todo o ano, o treino e competição numa variedade de desportos olímpicos para crianças e adultos com deficiência intelectual, proporcionando a oportunidade de desenvolver a sua aptidão física, demonstrar coragem, vivenciar momentos de alegria e participar numa partilha de talentos, habilidades e amizade com as suas famílias, outros atletas Special Olympics e a comunidade (Special Olympics General Orientation, 2010).

No que toca à elegibilidade, todas as pessoas com deficiência intelectual com pelo menos 8 anos de idade, são elegíveis para participar nas competições (Special Olympics General Orientation, 2010).

Um indivíduo só pode apresentar-se nas competições da Special Olympics se tiver um dos seguintes requisitos:

1. Ter sido avaliado por uma instituição ou profissional como uma pessoa com deficiência intelectual;
2. Apresentar atraso cognitivo (aprender mais devagar do que seus colegas) de acordo com medidas padrão;
3. Apresentar problemas de aprendizagem ou vocacionais significativos devido a atrasos cognitivos que requeiram ou tenham requerido educação especial.

A filosofia da Special Olympics é baseada na crença de que as pessoas com deficiência intelectual podem, com a devida instrução e motivação, aprender, aproveitar e beneficiar da participação em modalidades individuais e coletivas. Estas necessitam de ser adaptadas, sempre que necessário, para responder às necessidades daqueles que apresentam limitações físicas e intelectuais (Special Olympics General Orientation, 2010).

A Special Olympics acredita que o treino consistente é indispensável para o desenvolvimento das habilidades desportivas individuais. Além disso, a competição entre indivíduos com capacidades idênticas é o mais apropriado para testar essas habilidades, analisando o progresso e proporcionando incentivos para o crescimento pessoal (Special Olympics General Orientation, 2010).

A Special Olympics oferece suporte a mais de 5 milhões de atletas, 1 milhão de treinadores e voluntários, mais de 100.000 competições por ano e 34 desportos do tipo olímpico por meio de programas em mais de 170 países (Special Olympics website).

Segundo o website da Special Olympics, encontramos os seguintes desportos:

- Esqui Alpino;
- Atletismo;
- Badminton;
- Basquetebol;
- Boccia;
- Bowling;
- Cricket;
- Esqui Nórdico;
- Ciclismo;
- Equitação;
- Patinagem Artística;
- Floorball;
- Hockey no Gelo;
- Futebol;
- Golfe;
- Ginástica Artística;
- Ginástica Rítmica;
- Andebol;
- Judo;
- Canoagem;
- Netbol;
- Natação em águas livres;
- Levantamento do Peso;
- Patinagem;

- Vela;
- Patinagem Rápida;
- Snowboard;
- Snowshoeing;
- Softball;
- Natação;
- Ténis de Mesa;
- Ténis;
- Triatlo;
- Voleibol.

O Special Olympics em Portugal é composto por 2,521 atletas registados e pares unified, 94 treinadores e 11 competições, segundo os Censos de 2015.

Segundo o website do Comité Paralímpico de Portugal, a Seleção Portuguesa participou nas seguintes competições internacionais:

- 2007 - Jogos Mundiais de Verão da Special Olympics em Shanghai, China (21 atletas)
- 2011 - Jogos Mundiais de Verão da Special Olympics em Athens, Grécia (33 atletas);
- 2015 - Jogos Mundiais de Verão da Special Olympics em Los Angeles, USA (49 atletas);
- 2019 - Jogos Mundiais de Verão das Olimpíadas Especiais em Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos (31 atletas).

2. Treinador no Desporto

Atualmente, o treino tem vindo a ser uma área de grande destaque, dado que os treinadores têm vindo a assumir cada vez mais um papel relevante como educadores e mediadores no que toca aos atletas e no empenho dos mesmos na obtenção de melhores resultados.

Assim sendo, o papel do treinador é fundamental no processo de treino (Feu & Ibáñez, 2001) e a sua formação decisiva (Ibáñez, Parra & Asensio, 1999; Pazo, Sáenz-López, Fradua, Barata & Coelho, 2011), pois determina a qualidade do treino durante as etapas de formação desportiva (Azpillaga, González, Irazusta & Arruza, 2012; Lledó, Martínez & Huertas, 2014; Olmedilla, Ortega-Toro, Boladeras, Ortín & Bazaco, 2013), assim como o êxito desportivo dos jovens atletas (Cunha, Mesquita, Moreno, Boletto, Tavares & Silva 2010; Pulido, Sánchez-Oliva, Sánchez-Miguel, Leo & Garcia, 2016; Salazar, Flores, Pérez, Gómez & Hernández, 2016; Stoszkowski & Collins, 2017).

Sanchez (1994) define cinco grandes dimensões profissionais que os treinadores devem conhecer e dominar no seu desempenho profissional; a dimensão humana, a dimensão técnica, a dimensão gestor e manager, a dimensão de coordenação e líder e a dimensão psicopedagógica.

Feu (2006) propõe, que em cada etapa do processo de formação do atleta, a função do treinador apresente diferentes níveis de importância consoante as etapas e exigências do atleta (Quadro 1).

Funções do treinador	Etapa de iniciação desportiva	Etapa de Aprendizagem desportiva	Etapa de Rendimento Desportivo
Técnico desportivo	*	***	**
Projeto Desportivo	*	**	***
Organização e coordenação do projeto	*	**	***
Gestão de recursos	***	**	***
Gestão das relações humanas	*	***	***
Liderança	***	***	***
Motivação e Animação	***	***	*
Educação	***	**	*
Pedagogo	***	***	**
Desenvolvimento do talento	*	***	**
Investigação	*	*	**

Quadro 1 - Prioridade das funções do treinador desportivo em função do nível em que atua (Adaptado de Feu, 2006)

Mallett e Côté (2006) afirmam que os treinadores são fundamentais para o progresso desportivo dos seus atletas, na medida em que lhes cabe prepará-los com base em conhecimentos específicos imprescindíveis para a obtenção de sucesso na respetiva modalidade.

O treino desportivo, como processo pedagógico completo, requer um treinador caracterizado por uma conduta de autossuperação e amor pela sua profissão, dotado de conhecimentos, convicções e habilidades profissionais, que permita enfrentar com sucesso o processo de ensino educacional e, em geral, a carga social atribuída (Arencibia, Díaz, Ramirez & Cedeño, 2018).

2.1. Perfil do Treinador

Lima (2001) afirma ser indispensável o treinador possuir um determinado “perfil” de personalidade que evidencie traços dominantes das qualidades e das capacidades que, nas relações sociais, dinamizam um processo de aceitação e do reconhecimento do indivíduo que interfere na realização das aspirações pessoais, grupais ou sociais. Segundo Ramírez e Ibáñez (2007), durante o seu desenvolvimento profissional, os

treinadores adotam diferentes perfis, tendo em conta o papel dos mesmos dentro da equipa. Estes diferentes perfis centram-se no: Tradicional, Tecnológico, Crítico, Colaborador, Inovador e Dialogador.

O treinador Tradicional é considerado um especialista, cuja formação está diretamente ligada à sua especialização no desporto e especialmente aos aspetos técnicos das competências adquiridas anteriormente no treino. O conhecimento direcionado do treinador para um programa de treino, reproduz os objetivos, conteúdos, atividades, metodologias e os meios de evolução que recebeu sem consideração pelo ambiente inserido, assim como as características e os interesses dos estudantes (Moreno & Del Villar, 2004). Para este perfil de treinador, o conhecimento está mais relacionado com a acumulação de estratégias, conteúdos e atividades, do que propriamente com a procura de grandes conhecimentos. Aquilo que é apresentado, é exatamente aquilo que é direcionado para o plano de treino, em relação aos métodos reconhecidos na procura de perfeição nos resultados (Pieron, 1999)

O treinador Tecnológico procura programas eficazes, que tornem prioridade o estudo e o controlo dos parâmetros, que são quantitativos e objetivos relacionados com o desporto, tal como a identificação dos objetivos. A abordagem técnica é determinada pela atividade desportiva, sendo considerada um processo instrumental que estabelece rotinas para obter resultados (Pieron, 1999). O mesmo é reconhecido pela sua maneira de planear, aplicar e avaliar os métodos e as habilidades adquiridos de uma fundação científica (Del Villar & Fuentes, 1999).

O treinador Crítico dá prioridade a uma série de estratégias reflexivas, permitindo aos atletas que estes analisem a maneira como agem. Tornando-se consistente, tal como uma realidade complexa que permite responder a situações imprevisíveis, desenvolvidas durante a aprendizagem (Schon, 1992). Estes treinadores precisam de se comprometer a cumprir princípios éticos que permitam a coerência com os valores morais (Pascual, 2000; Sicilia, 2005). Como tal, o treinador crítico precisa de ser uma pessoa que questione continuamente as suas próprias ações, de modo que os alunos apliquem o mesmo à sua prática. Como tal, procura através de várias visões possíveis, os meios e estratégias ideais para alcançar este resultado (Fraile, 2008).

O treinador Colaborador partilha o seu treino com a sua equipa e com os seus assistentes, fazendo com que o individualismo seja diminuído, no qual o treinador tradicional está acostumado a identificar os problemas e encontrar solução para os atletas. Estes necessitam de trabalhar coletivamente com o treinador neste modelo, para que possam em conjunto tomar decisões, dado que a partir do processo democrático e participativo, a coesão do grupo é fortalecida à medida que os participantes são mais responsáveis e autónomos nas suas ações e não respondem apenas à imposição de um adulto (Johnson, 1997). Johnson, Johnson e Holubec (1999), referem a colaboração como uma estratégia de trabalho em conjunto, com o objetivo de alcançar os objetivos comuns que envolvem a prática, onde os participantes

precisam de realizar um esforço para alargar o seu próprio conhecimento e o conhecimento dos colegas.

O treinador Inovador é aquele que procura técnicas e estratégias dos atletas que são menos comuns e adquire através de testes, diferentes modos de atuar para obter melhores resultados (Moreno & Del Villar, 2004). Um educador criativo tenta criar novas oportunidades, para que existam novas experiências e sentimentos, que resultem numa melhor interação com os alunos (Alsina, Díaz, Giráldez & Ibarretxe, 2010). Dentro do perfil do treinador inovador, podemos aferir que a aprendizagem técnica e a tática são desenvolvidas por meio de uma metodologia ativa, através de uma descoberta guiada e da resolução de problemas que permitem aos participantes tomar iniciativas no processo (Mosston, 1978; Mosston & Ashworth, 1993). Ao mesmo tempo, os treinos são conduzidos de uma maneira aberta e flexível com o objetivo de os participantes apresentarem as suas próprias sugestões e explicarem os seus interesses e as suas necessidades ao longo do processo, baseado na negação ou no consentimento (Fraile, 2005). Segundo Lamour (1991), o jogo deve representar uma ferramenta básica que contribui para a criatividade no ambiente desportivo em todas as circunstâncias, nas quais existe a oportunidade para “brainstorming”, isto significa que oferecem grande oportunidade para ações abertas e diversas.

O treinador Dialogador tem a intenção de abrir um espaço de discussão que favorece a interação e comunicação entre os atletas, ajudando a criar um ambiente mais afetivo e emocional (Salmela, 1994). Segundo Moreno e Del Villar (2005), o treinador dialogador deve atribuir grande importância ao diálogo e às relações interpessoais. O treinador precisa de valorizar os feedbacks como forma de comunicação do treinador para expressar o conhecimento. O uso de uma linguagem acessível e compreensível, ajuda a melhorar as relações pessoais com os atletas através das competências interpessoais (Vaello, 2009).

A propósito dos tipos de perfis definidos anteriormente, Aranda, de Diego e Broada (2010), aplicaram um questionário, criado por Ibáñez (1996) e Feu (2006), a 345 participantes de Espanha, Portugal, Itália e França, em que foi possível concluir que o perfil mais comum encontrado nos treinadores foi o perfil Tecnológico (média=2.54), dado que os treinadores planeiam os seus treinos recorrendo a ferramentas tecnológicas e utilizam métodos e técnicas de treino com a ajuda da tecnologia.

Num estudo realizado por Gómez-López, Martínez e Ruiz-Sánchez (2018), foi aplicado o “Cuestionario de Orientación de Los Entreadores” validado por Feu, et al. (2007), com uma mostra de 63 homens e 13 mulheres, onde foi possível averiguar que os perfis mais predominantes nos treinadores foram o dialogador e inovador e os menos predominantes foram os perfis tecnológico e o crítico.

Num outro estudo realizado por Gamonales, Gómez-Carmona, Córdoba-Caro e Ibáñez (2019), com o objetivo de analisar o perfil autodefinido dos treinadores de futebol nos escalões jovens durante os meses competitivos, com uma amostra de 2 treinadores, concluíram que os treinadores apresentavam um perfil autodefinido

misto (Feu, Ibáñez, Graça et al., 2007), no qual um dos treinadores apresentava um perfil colaborador/dialogador e o segundo treinador apresentava um perfil tecnológico/colaborador.

Urbano-Arévalo, Mancha-triguera, Gómez-Carmona & Gamonales (2020), realizaram um estudo com 3 treinadores, com o objetivo de analisar um perfil autodefinido do treinador de Futebol, em foi possível aferir que o treinador A apresentava um perfil Dialogador/Colaborador, o treinador B apresentava um perfil Inovador/Tecnológico e o treinador C apresentava um perfil Crítico/Colaborador.

Com os estudo acima descritos, é possível concluir que não existe apenas um perfil de treinador, como refere Gamonales, Gómez-Carmona, Córdoba-Caro & Ibáñez, 2019) “ (...) estes perfis não devem considerar-se como puros ou rígidos” (p.205), isto devido ao treinador poder se posicionar em vários perfis, inclusive pode evoluir consoante o contexto, a formação adquirida ou a experiência (Ibáñez & Feu, 2000; López-Muñiz, Vázquez-Cano, Jaenes & López-Meneses, 2018; López-Muñiz, Jaenes, Vázquez-Cano & López-Meneses, 2019)

2.2 A formação

Perrenoud (1995) define formação como uma intervenção que visa uma modificação nos domínios dos saberes, dos saberes-fazer e dos saberes-ser do sujeito em formação. No âmbito desta conceção, temos de reconhecer que a formação envolve o desenvolvimento de pessoas não só na área dos conhecimentos, mas também, das realizações e das atitudes, que acontecem ao longo da vida dos profissionais, com base em movimentos estruturados, de base institucional, mas também da autoformação, do investimento e da reflexão em situações de autoformação.

As experiências dos treinadores permitem desenhar, selecionar e evoluir no trabalho efetuado com os grupos de desportistas durante o treino, tendo por objetivo os momentos de aprendizagens desejados (Clemente, Martins, & Mendes, 2015).

Os treinadores também têm uma grande responsabilidade em tornar agradável a prática desportiva, sendo as metodologias de treino adotadas e o apoio prestado pelo treinador aos seus atletas um dos principais aspetos geradores de sucesso no desporto (Nazarudin, Omar-Fauzee, Geok, Jamalis & Din, 2009).

A formação é um elemento essencial para favorecer o desenvolvimento profissional dos treinadores e o acesso ao nível de especialista na sua profissão/área. O treino de pessoas não só culmina no que veio a ser chamado de treino formal ou treino no campo académico, estes também contribuem com experiências e aprendizagens adquiridas fora do sistema escolar, é digamos, educação não formal (Colom, 2005).

A investigação sobre a formação de treinadores tem procurado expandir o conhecimento sobre o que os treinadores precisam saber para sejam capazes de exercer esta função com competência (Cushion et al, 2003; Demers et al, 2006).

O desenvolvimento profissional de um treinador é um processo abrangente que inclui os diferentes caminhos e experiências que influenciam a sua aprendizagem e o seu crescimento global (Mallett, Trudel, Lyle, & Rynne, 2009; Trudel, Gilbert & Werthner, 2010). Mais especificamente, os pesquisadores descobriram que os contextos de formação de um treinador são classificados em quatro tipos: formal (p. ex., cursos de treinadores), não formal (p. ex., workshops, seminários, etc.), informal (p. ex., pesquisas online) (Nelson, Cushion & Potrac, 2006) e interna (p. ex., reflexão crítica registada em diário) (Werthner & Trudel, 2006).

Para Gilbert e Trudel (2001), o conhecimento do treinador engloba diferentes domínios:

- 1) O conhecimento científico proveniente da sua formação académica, ações de formação e auto-investigação;
- 2) O conhecimento prático, ou seja, conhecimento tácito que é originado pela sua prática de treino acumulada;
- 3) O conhecimento resultante da prática desportiva como ex-atleta em situações de treino e competição.

Estes conhecimentos devem ser acompanhados por um processo reflexivo na prática e sobre a prática como treinador (Cushion, Armour & Jones, 2003; Gilbert & Trudel, 2001; Lemyre, Trudel & Durand-Bush, 2007; Nelson & Cushion, 2006), e conduzidos por um tutor ou mentor que oriente inicialmente o processo de reflexão (Bloom, Durand-Bush, Salmela & Schinke, 1998; Nash & Sproule, 2009).

No estudo efetuado por Feu, Ibañez, Calvo, Saiz e Alonso (2012), realizado com 333 treinadores de andebol, com o objetivo de descobrir se os treinadores usavam a experiência como jogadores, a experiência como treinador ou a formação académica, os autores constataram que os treinadores utilizam mais os conhecimentos no âmbito académico do que as experiências e conhecimentos adquiridos como jogador (Média= 72.96).

Ayala-Zuluaga, Aguirre-Loaiza e Ramos-Bermúdez (2015), desenvolveram um estudo descritivo, no qual a amostra foi composta por 90 indivíduos, 86 homens e 4 mulheres, com o objetivo de identificar a formação académica e a experiência desportiva nos treinadores da América do Sul. Concluíram assim que 99% dos treinadores apresentavam uma formação superior, sendo 85% apresentava formação profissional (Graduação e Pós-Graduação), de seguida 14% era composto por técnico e tecnológicos e apenas 1% contava com formação básica.

Num estudo realizado por Cortela, Milistetd, Galatti, Both e Balbinotti (2019), com uma amostra de 60 treinadores, concluíram que 50% dos treinadores apresentavam formação superior em educação física. Milistetd, Trudel, Mesquita e Nascimento (2014)

defendem que os cursos das universidades têm dado pouca atenção às disciplinas relacionadas com o coaching desportivo, bem como as estratégias experienciais de aprendizagem, o que leva a um distanciamento e ausência de relações entre os saberes produzidos e ensinados no meio académico e aqueles necessários ao exercício profissional dos treinadores (Cavazai,, Culver, Wethner & Bales, 2013; Rodrigues, Paes & Souza-Neto, 2016).

Relativamente a outro estudo realizado por Urbano-Arévalo, Mancha-Triguero, Gómez-Carmona e Gamonales (2020), com o objetivo de analisar o perfil autodefinido dos treinadores de futebol jovem, tinham como amostra um total de 3 treinadores, sendo que os treinadores A e B apresentavam um grau de formação académico e o treinador C, um grau de formação de jogador reciclado.

Em contexto de formação e capacidade de um treinador, o processo de treino desportivo tem uma extrema importância, pois o mesmo influenciará fortemente o desenvolvimento do atleta para alcançar o alto nível de desempenho (Pérez, 2002; Cunha, Mesquita, Perla, Boletto, Tavares & Silva, 2010; Ramos, Ayala & Aguirre, 2012), visto que o treinador é o coordenador interdisciplinar e responsável pela preparação física, tática, técnica e psicológica dos seus atletas.

2.3 A tomada de Decisão

A tomada de decisão é um processo humano, complexo, que deve equacionar três fatores: a situação onde terá lugar a decisão; o indivíduo que vai tomar a decisão e a decisão propriamente dita (Alves & Araújo, 1996).

Segundo Yates (2001), a tomada de decisão é considerada como um processo que leva ao compromisso de uma ação, cujo objetivo é produzir resultados satisfatórios.

Não existem habilidades genéricas que façam das pessoas melhores decisoras. Simplesmente, adquirem-se padrões e constroem-se modelos conceptuais mais sofisticados. Desta forma, reconhece-se rapidamente o que deve fazer-se nas situações (Crandall, Klein, & Hoffman, 2006).

A tomada de decisão está relacionada com a forma como os líderes controlam a sua atividade e tomam as decisões (Gomes & Resende, 2014).

Pinheiro (2010), refere que a função do treinador implica múltiplas componentes, tais como:

- a tomada de decisões;
- a análise de vários indicadores;
- análise de critérios que obedecem a uma certa ordem e que constam em diferentes domínios, como a organização do treino, liderança, estilo e forma de comunicação com os jogadores, dirigentes, árbitros, jornalistas, opções estratégicas e

táticas decorrentes da observação do jogo, gestão das pressões contidas na competição, do controlo da capacidade de concentração e emoção.

A eficácia do treinador em termos de tomada de decisão, tanto a nível competitivo como a nível do treino, dependem de muitos fatores, no entanto, o facto de serem precisos durante o processo de treino e competição, é baseado principalmente em processos informais de educação subjacente ao treinador, isto é, em situações de aprendizagem empírica (Nasch & Collins, 2006; Werthner & Trudel, 2006; Lemyre, Trudel & Durand-Bush, 2007; Cushion, Armour & Jones, 2012; Ayala-Zuluaga, Aguirre-Loaiza & Ramos-Bermúdez, 2015).

No desporto, podemos avaliar se o treinador gere a sua autoridade ativa ou passivamente, ou seja, se envolve os atletas nos aspetos importantes do treino e competição ou se, por outro lado, adia/evita tomar decisões perante determinado problema (Gomes & Resende, 2014).

A partir das atitudes dos treinadores podemos estabelecer três tipos de modelos que são: autoritário, democrático e permissivo (Chelladurai, Haggerty & Baxter, 1989; Ibáñez, 1996; Martens, 1997).

O comportamento do treinador autoritário, envolve uma tomada de decisão independente e com ênfase na autoridade pessoal (Chelladurai, 2007), é caracterizada por líderes que decidem, e colocam em prática ideias sem ter qualquer participação do grupo, determina as precauções para a execução das tarefas uma por vez, à medida que se tornam necessárias e de maneira imprevisível para o grupo (Dall'oglio, Sousa, Paiano, Nayara & Cornelius, 2017)

O treinador democrático permite uma maior participação dos atletas nas decisões referentes aos objetivos do grupo, aos métodos utilizados e às táticas e estratégia de jogo (Chelladurai, 2007). As diretrizes são debatidas e decididas pelo líder. O próprio grupo esboça as medidas e técnicas para atingir o alvo, com aconselhamento técnico do líder, quando necessário. A divisão de tarefas fica a critério do próprio grupo e cada membro tem a liberdade de escolher seus colegas de trabalho (Dall'oglio, Sousa, Paiano, Nayara & Cornelius, 2017)

O treinador permissivo caracteriza-se pela total liberdade dos liderados para a tomada de decisões grupais ou individuais. A participação deste líder é mínima, apresentando apenas alternativas variadas ao grupo, esclarecendo que poderia fornecer informações desde que solicitada (Dall'oglio, Sousa, Paiano, Nayara & Cornelius, 2017)

No estudo realizado por Feu, Ibáñez e Gozalo (2007), com 334 participantes, teve com o objetivo construir e validar as escalas, com as propriedades psicométricas adequadas, uma para identificar os estilos de planificação e a outra para estudar os estilos de decisão. Concluíram que os treinadores participantes no estudo tiveram um valor mais elevados nas variáveis Autoritário ($M=64.55$) e Democrático ($M=66.70$).

Num estudo realizado por Gamonales, Gómez-Carmona, Córdoba-Caro e Ibáñez (2019), com o objetivo de analisar o perfil autodefinido dos treinadores de futebol, nos escalões jovens durante os meses competitivo, com uma amostra de 2 treinadores, concluíram que os treinadores apresentavam um estilo de tomada de decisão misto, na qual o treinador A apresentava um estilo de tomada de decisão Democrático/ Autoritário e o treinador B apresentava um estilo de tomada de decisão Democrático/Permissivo.

Num estudo mais recente, realizado por Urbano-Arévalo, Mancha-Triguero, Gómez-Carmona e Gamonales (2020), com o objetivo de analisar o perfil autodefinido dos treinadores de futebol jovem, com uma amostra de 3 treinadores, foi possível verificar que os treinadores de A e B apresentavam uma tomada de decisão democrática enquanto que o treinador C apresentava uma tomada de decisão permissiva.

2.4 O estilo de planificação

O treinador desportivo necessita de desempenhar diversas funções, dado que é responsável pela planificação, desenvolvimento e controlo do treino (Feu & Ibáñez, 2001; Ibáñez, 2000). As tarefas de treino projetadas para os treinadores, são as que se referem ao cronograma e processo e do treino (Sáenz-López, Feu & Ibáñez, 2006).

Segundo Ibáñez (1996), o treinador desportivo pode ter de tomar diversas atitudes relacionadas com a planificação:

- Uma atitude rígida e com pouca flexibilidade para realizar mudanças;
- Uma atitude mais flexível para realizar mudanças em função do desenrolar dos treinos;
- Uma atitude de improvisação nos treinos.

A planificação desportiva, segundo Seirul-lo (1987, citado por Reverter, Jové, Fonseca e Navarro, 2012), é considerada como uma proposta teórica constituída pela descrição, organização e desenho de todos os acontecimentos ao longo do treino, numa determinada fase da vida desportiva de um desportista, assim como os mecanismos de controlo que permitam modificar esses acontecimentos a fim de obter, um processo de treino cada vez mais adequado, para que o seu destinatário possa alcançar os resultados desejados na competição desportiva.

Podemos considerar a planificação, como sendo uma antecipação mental do projeto de organização que deve integrar os conhecimentos científicos num sistema estrutural e organizado do processo de tudo o que ocorre na preparação do desportista (Matveev, 1997; Forteza, 2001; Romero & Becali, 2014; Vargas, 2015).

Segundo Weinberg e Gould (2010, p. 221) “Os líderes bem preparados planificam com antecipação para ter em conta as contingências, inclusive, as que consideram pouco prováveis ou desagradáveis”.

A programação da planificação permite assim ordenar os conteúdos a abordar durante o treino, através de um plano estratégico que permita alcançar os objetivos propostos, com uma organização mais detalhada e concreta de todos os elementos e fatores a que se propõe (González Badillo, 2013).

A planificação do treino deve ser o mais completa possível, pois não basta só o desenho organizado da tarefa a realizar, sendo que em cada uma delas é necessário um maior número de objetivos, para a sua análise e avaliação posterior (Ibáñez, Feu & Cañadas, 2016). Além dos dados contextuais que permitem que o treino seja colocado no ambiente em que ocorre (hora, local, etc.), um bom planeamento do treino obterá dados diversos, que se agrupam de acordo com a sua natureza (Ibáñez, Feu & Cañadas, 2016).

É importante que a preparação da planificação seja orientada de maneira a que os seus resultados se revertam ao longo do processo de treino e competição, por isso, os objetivos devem ser direcionados para o melhoramento do processo docente-educativo, de forma individual e coletiva, pelo que a sua organização e planificação requer um critério preciso para se operacionalizar, sendo a forma mais adequada de preparação metodológica (Reyes, Quián, Santana & García, 2019)

No estudo realizado por Feu, Ibáñez e Gozalo (2007), com treinadores de Andebol, num total de 334 participantes, os autores concluíram que os treinadores obtiveram uma maior média na Planificação Flexível ($M=77,53$), enquanto que nos fatores Rígido obtiveram uma média=35.41 e no Improvisador obtiveram uma média=23.74.

Relativamente a um estudo realizado por Gamonales, Gómez-Carmona, Córdoba-Caro e Ibáñez (2019) com uma amostra de 2 treinadores, com o objetivo de analisar o perfil autodefinido dos treinadores de futebol nos escalões jovens durante os meses competitivo, verificaram que os treinadores apresentavam estilos de planificação diferentes, o treinador A apresentou um estilo de planificação Flexível/Rígido, enquanto que o treinador B apresentou um estilo de planificação Flexível/Improvisador.

Num estudo mais recente realizado por Urbano-Arévalo, Mancha-Triguero, Gómez-Carmona e Gamonales (2020), com o objetivo de analisar o perfil autodefinido dos treinadores de futebol jovem, com uma amostra de 3 treinadores, o treinador A apresentava um estilo de planificação Rígido, o treinador B apresentava um estilo de planificação improvisador e o treinado C apresentava um estilo de planificação flexível.

Vários estudos verificaram que não se pode improvisar na planificação (Jones, Armour & Potrac, 2002), muito menos ser flexível. Feu e Ibáñez (2001) referem que é um processo que justifica o treino desportivo e que implica responsabilidades (Vizcaíno, Sáenz-López, Rebollo & Conde, 2014; López, Vázquez, Jaenes & López 2018)

Por isso, é recomendado desenhar programações de conteúdos standard e que sejam trabalhados durante a etapa formativa. Desta forma, ajudará os treinadores com menos experiência ou formação a trabalhar os conteúdos essenciais segundo a idade

dos desportistas e assim desenrolar os objetivos planificados (Gamonaes, Gómez-Carmona, Córdoba-Caro & Ibáñez, 2019).

3. Treinador de Desporto Adaptado

Nos dias de hoje, observamos cada vez mais indivíduos com deficiência a praticar atividades desportivas, seja como um meio de reabilitação/melhoria de qualidade de vida ou como meio de inclusão na sociedade.

O treinador no desporto adaptado tem um papel importante na superação de barreiras e também levar a que os indivíduos sejam vistos como atletas no desporto e não apenas como indivíduos com deficiência.

Para Horton e Deakin (2008), os treinadores têm uma elevada importância no percurso do atleta pois são eles que são responsáveis por dar instruções, ou, como refere Starkes (2000), são eles que incentivam o atleta a treinarem a longo prazo.

Os treinadores têm uma grande influência na componente pedagógica e na ação educativa, pois necessitam de dominar um vasto reportório de habilidades/técnicas de ensino para que possa dar resposta às características e exigências do desporto/da aula em si (Leal & Costa, 2017; Pacheco, 2002).

Os conhecimentos básicos da modalidade são importantes, dado que é necessário que o treinador tenha conhecimentos e habilidades no uso da pedagogia desportiva, que se manifesta na capacidade de adaptar as suas sessões às características individuais e às atitudes do desportista (Reyes, Quián, Santana & García, 2019).

Para além de melhorar as habilidades físicas, táticas e técnicas, o treinador assume também um papel importante na preparação psicológica dos seus atletas, assim como no desenvolvimento pessoal e social dos mesmos (Fletcher & Scott, 2010).

Bastos e Martin (2015) defendem a importância de entender os fatores motivacionais que alicerçam a participação desportiva de atletas com deficiência intelectual com o intuito de ajudar pais/familiares, treinadores a fornecer, apoiar e conservar um clima motivacional adequado de maneira a despertar a motivação para a prática desportiva.

Os treinadores necessitam também de manter um estilo de liderança, em que consiste em ser eficaz para desenvolver a motivação intrínseca nos atletas de desporto adaptado, tendo em conta que estes são extremamente influenciados pelos comportamentos dos seus treinadores (Banack, Sabiston, & Bloom, 2011; Tawse, Bloom, Sabiston & Reid, 2012).

Deste modo, o treinador assume-se como um elemento fundamental para a eficácia da preparação psicológica dos atletas, tendo em conta que a sua recetividade para

colaborar com um psicólogo do desporto irá interferir na vontade dos seus atletas para receberem um novo membro (Martin, 2017).

Outro aspeto que é necessário realçar, tem a ver com o facto do treinador necessitar de adquirir conhecimentos específicos em relação ao envolvimento das pessoas com deficiência em atividades físicas e desportivas, o que atualmente tem sido uma das grandes barreiras (Audley, 2002; Rimmer, Riley, Wang, Rauworth, & Jurkowski, 2004; Moran & Block, 2010; Elinder, Bergstrom, Hagberg, Wihlman & Hagstromer, 2010; Robertson, Bucks, Skinner, Allison & Dunlop, 2011).

A intervenção do treinador do desporto adaptado exige que este tenha conhecimentos específicos relativos às características inerentes às deficiências, pois disso advém imensas especificidades, dentre elas, a classificação desportiva, as regras, os equipamentos, ambiente acessível e as próprias modalidades (Silva, 2018)

Dentro deste contexto, estudos apontam que os conhecimentos específicos adquiridos foram obtidos por meio de situações informais (Duarte & Culver, 2014; Douglas, Falcão & Bloom, 2018), tais como: informações na internet, observações durante sessões de treino, conversas com atletas e pais, interação com outros treinadores e profissionais da área (McMaster, Culver & Werthner, 2012; Duarte & Culver, 2014; Douglas, Falcão & Bloom, 2018).

Wareham, Burkett, Innes e Lovell (2017) destacaram que a interação com profissionais mais experientes contribui para aquisição de conhecimentos do processo de treino de atletas com deficiência e no desenvolvimento de habilidades de comunicação com esses atletas.

A interação com os atletas possibilita situações de aprendizagem e reflexão, pois as diferentes deficiências necessitam de adaptações específicas para a prática (Falcão, Bloom & Loughhead, 2015; Douglas, Falcão & Bloom, 2018). Por isso, as especificidades de cada deficiência exigem do treinador habilidades para adaptação e conceção de diferentes estratégias para o processo de treino dos paratletas (Cregan, Bloom & Reid, 2007; Duarte & Culver, 2014).

Uma das preocupações do treinador de desporto adaptado na formação de atletas com deficiência, é o facto de promover experiências ser positivas, de forma a que, para além da orientação da atividade, também trabalhe a autoestima destes indivíduos, uma vez que já carregam o preconceito vivenciado e os problemas estruturais da vida (Resende & Gilbert, 2016).

No planeamento das atividades físicas adaptadas que visam a formação dos alunos/atletas, é essencial que existam adaptações práticas para o acompanhamento do grupo e para que a participação seja ativa, e ainda que permitam proporcionar a todos os envolvidos, oportunidades de compreensão sobre os problemas e os desafios que enfrentam no seu dia-a-dia (Mariano, 2012).

Para além do ambiente desportivo, treinadores que atuam com pessoas com deficiência incentivam os atletas a evoluírem no âmbito educacional, profissional e na independência para realização de atividades cotidianas (Tawse et al., 2012).

Capítulo 2: Organização e Planificação do Estudo

1. Introdução

Neste capítulo será apresentado a problemática de estudo, os objetivos, as hipóteses e as variáveis em análise.

2. Problemática

Na sociedade em que vivemos o desporto adaptado está a evoluir paulatinamente e devido a este facto é necessário que os treinadores tenham uma formação adequada, para que sejam capazes de compreender as deficiências dos atletas e as questões de acessibilidade (Depauw & Gavron, 2005; Cregan, Bloom & Reid, 2007; Martin & Whalen, 2014), que consigam comunicar de maneira a que criem vínculos de confiança e um ambiente de treino favorável ao desenvolvimento a nível desportivo e pessoal dos atletas (McMaster, Culver & Werthner, 2012; Duarte & Culver, 2014; Townsend, Smith & Cushion, 2015).

O tipo de deficiência e as características de cada atleta são determinantes na abordagem feita pelos treinadores (Cregan, Bloom & Reid, 2007; Tawse, Bloom, Sabiston & Reid, 2012), e a ausência de experiência com indivíduos com deficiência vão justificar o facto de que é necessário que os treinadores detenham um conjunto de conhecimentos, sejam adquiridos por meios académicos, empíricos ou informais.

Consideramos desta forma, imprescindível, encontrar uma resposta para o problema que compõe o nosso estudo e que se centra em investigar se: A formação do treinador de desporto adaptado tem influência no estilo decisional, planificação e de orientação no treino?

2.1 Objetivos

Para Marconi e Lakatos (2002, p. 24) “toda a pesquisa deve ter um objetivo determinado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar.”

Em função do problema referido anteriormente, definimos os seguintes objetivos para o nosso estudo:

- Conhecer o grau de formação dos treinadores de desporto adaptado;
- Analisar a tipologia da planificação dos treinadores de desporto adaptado;
- Analisar o tipo de perfil do treinador de desporto adaptado;
- Analisar as tomadas de decisão por parte dos treinadores de desporto adaptado;
- Verificar relações entre o grau de formação do treinador, a tipologia da planificação dos treinadores, a tipologia do perfil do treinador e as tomadas de decisão do treinador, de maneira a entender o perfil dos treinadores que atuam na área do desporto adaptado.

- Comparar entre géneros, o grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.
- Determinar fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil de treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

2.2 Hipóteses

As hipóteses são uma “tentativa de oferecer uma solução possível mediante uma proposição, ou seja, uma expressão verbal suscetível de ser declarada verdadeira ou falsa (Gil, 2002:31).”

As hipóteses são respostas possíveis e provisórias para as questões da pesquisa e tornam-se também instrumentos importantes como guias na tarefa de investigação (Lakatos & Marconi, 1995)

Atendendo aos objetivos do estudo, foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1 – O treinador de formação académica correlaciona-se positivamente com o estilo de planificação flexível, perfil inovador e tomada de decisão democrático.

Hipótese 2 – O treinador de formação de jogador reciclado correlaciona-se positivamente com o estilo de planificação rígido, perfil tradicional e tomada de decisão autoritário.

Hipótese 3 – O treinador autodidata correlaciona-se positivamente com o estilo de planificação rígido, perfil dialogador e tomada de decisão permissivo.

Hipótese 4 – Não existem diferenças significativas entre géneros, no grau de formação, estilo de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão dos treinadores de desporto adaptado.

Hipótese 5 – O estilo de planificação e o perfil inovador exercem um efeito de mediação entre o treinador de formação académica e o estilo de tomada de decisão democrático por parte dos treinadores de desporto adaptado.

Hipótese 6 – O treinador de perfil jogador reciclado e a tomada de decisão autoritário, exercem um efeito de mediação entre o estilo de planificação rígido e o perfil de treinador tradicional.

Hipótese 7 - O treinador de formação autodidata e a tomada de decisão autoritário exercem um efeito de mediação entre o estilo de planificação flexível e o perfil de treinador dialogador.

2.3 Variáveis do Estudo

Segundo Tuckman (2005) as variáveis devem ser classificadas em dois tipos: variáveis independentes e variáveis dependentes.

Marconi e Lakatos (2000), definem variáveis independentes, como as variáveis que influenciam, determinam ou afetam outras variáveis. Estas são o fator determinante, condição ou causa para determinado resultado, efeito ou consequência; são os fatores manipulados (geralmente) pelo investigador, na sua tentativa de assegurar a relação do fator com um fenómeno observado ou a ser descoberto, para ver que influência exerce sobre um possível resultado (p. 189).

Por variável dependente ('Y' ou 'VD'), conforme Marconi e Lakatos (2000, p. 189), define-se a variável a ser explicada ou descoberta, em virtude de ser influenciada, determinada ou afetada pela variável independente; "é o fator que aparece, desaparece ou varia à medida que o investigador introduz, tira ou modifica a variável independente; a propriedade ou fator que é efeito resultado, consequência ou resposta a algo que foi manipulado (variável independente)".

Posto isto, foram propostas as seguintes variáveis:

Independentes

- ✓ Idade: Variável de escala com base nos anos cronologicamente cumpridos pelo treinador, no processo de desenvolvimento ontogenético;
- ✓ Género: Variável categórica quanto ao dimorfismo sexual, masculino e feminino;
- ✓ Anos de experiência enquanto jogador: Experiências adquiridas enquanto jogador, categorizado entre os seguintes intervalos – 1 época, entre 2 e 3, entre 4 e 5, entre 6 e 7, entre 8 e 9, entre 10 e 11, mais de 11 e nenhuma;
- ✓ Anos de experiência enquanto treinador: Experiências adquiridas através do meio académico ou cursos de formação, categorizado nos seguintes intervalos – 1 época, entre 2 e 3, entre 4 e 5, entre 6 e 7, entre 8 e 9, entre 10 e 11, entre 11 e 12, entre 13 e 14, entre 15 e 20, entre 21 e 25, entre 25 e 30, 31 ou mais anos;
- ✓ Habilitações académicas: Licenciado em Ciências da Atividade Física/Desporto/Educação Física, Licenciado em Ensino Básico – Variante Educação Física e Ensino Secundário (12ºano) com Formação Técnica em Desporto.

Dependentes

- ✓ Perfil do treinador: Treinador Tradicional, Treinador Tecnológico, Treinador Inovador, Treinador Colaborador, Treinador Dialogador e Treinador Crítico;
- ✓ Estilo de Tomada de Decisão: Permissivo; Democrático e Autoritário;
- ✓ Estilo de formação: Jogador Reciclado; Formação Académica; Autodidata.
- ✓ Estilo de Planificação: Flexível, Rígido e Improvisador.

3. Metodologia

3.1 Introdução

Richardson (1999, p. 22) salienta que método é “o caminho ou a maneira para se chegar a determinado fim ou objetivo”, e a metodologia pode ser entendida como “os procedimentos e regras utilizadas por determinado método”.

Para conseguirmos alcançar os objetivos traçados, realizámos um estudo de carácter transversal, que assenta numa investigação quantitativa, pois requer o uso de medidas e de métodos padronizados convertíveis em números, pelo que não permite uma grande variedade de respostas, pois as opções de resposta são limitadas. É de natureza estática, tendo como finalidade construir e contribuir para o alargamento do corpo de conhecimento e quanto à dimensão é direcionada para a população.

Como técnica de recolha de dados recorreremos ao Inquérito por questionário, tendo sido aplicados questionários compostos por questões fechadas, que segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”

3.2 Caracterização da Amostra

A amostra foi composta por 31 indivíduos (N=31), 21 (67,7%) do género masculino e 10 (32,5%) do género feminino, com idades compreendidas entre os 23 e os 60 anos (M=40.65; DP=10,19), como podemos verificar na figura 1.

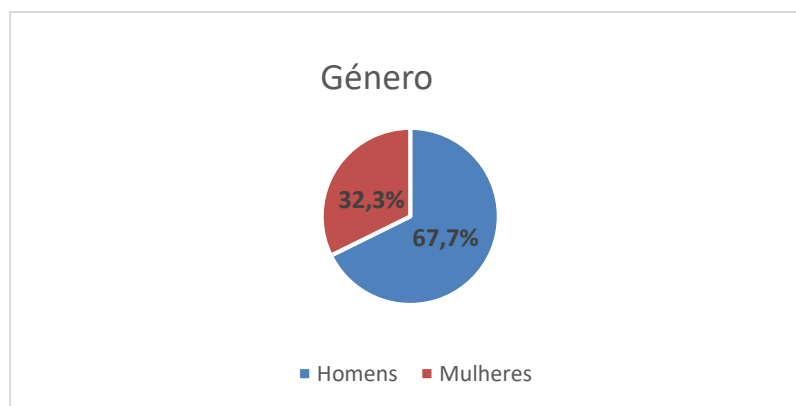


Figura 1 - Gráfico de percentagem por género

Da análise ao quadro 2, constatamos que em relação ao número de anos como jogador da modalidade que treina, verificámos que 35,5% não praticou a modalidade que treina (N=11), 9,7% praticou entre 2 e 3 épocas (N=3), 22,6% dos indivíduos (N=7) praticou entre 4 e 5 épocas, 6,5% praticou entre 6 e 7 anos (N=2), 12,9% praticou entre 8 e 9 épocas (N=4) e 12,9% dos inquiridos praticou mais de 11 épocas (N=4).

Nº Épocas	Frequência	Percentagem
Entre 2 e 3	3	9,7
Entre 4 e 5	7	22,6
Entre 6 e 7	2	6,5
Entre 8 e 9	4	12,9
Mais de 11	4	12,9
Nenhuma	11	35,5
Total	31	100,0

Quadro 2 - Anos de experiência enquanto jogador

No que diz respeito aos anos de experiência enquanto treinador, verificámos no quadro 3 que o valor modal se centra entre 4 e 5 anos de experiência (N=8; 25,8%), verificámos também que os valores mais elevados se centravam em 1 época de experiência com 16,1%, entre 2 e 3 épocas com 9,7%, entre 11 e 12 épocas com 9,7%, e entre 15 e 20 épocas com 12,9%. Os valores mais baixos se concentravam entre 6 e 7 épocas com 3,2%, entre 8 e 9 épocas com 6,5%, entre 10 e 11 épocas com 3,2%, entre 13 e 14 épocas com 6,5%, entre 21 e 25 épocas com 3,2% e entre 31 ou mais com 3,2%.

Nº de Épocas	Frequência	Percentagem
1 Época	5	16,1
Entre 2 e 3	3	9,7
Entre 4 e 5	8	25,8
Entre 6 e 7	1	3,2
Entre 8 e 9	2	6,5
Entre 10 e 11	1	3,2
Entre 11 e 12	3	9,7
Entre 13 e 14	2	6,5
Entre 15 e 20	4	12,9
Entre 21 e 25	1	3,2
Entre 31 ou mais anos	1	3,2
Total	31	100,0

Quadro 3 - Anos de experiência enquanto treinador

No que diz respeito às habilitações académicas (Figura 2), verificámos que 48,4% dos indivíduos (N=15) têm Curso Superior e em grande parte têm uma Pós-Graduação, Mestrado ou doutoramento (N=14; 45,2%).

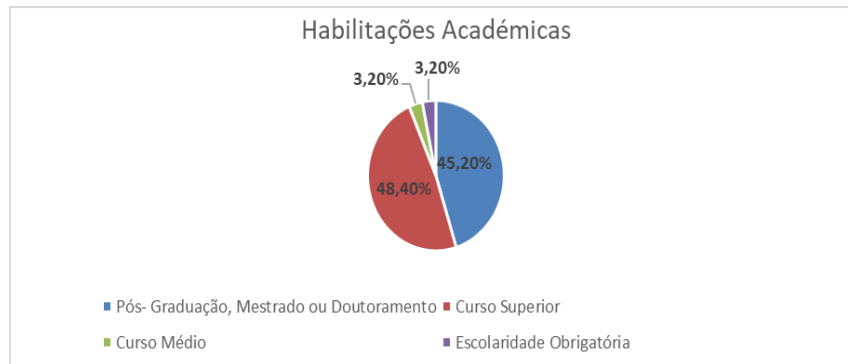


Figura 2 - Habilitações académicas dos treinadores

3.3 Procedimentos para a recolha de dados

Inicialmente começámos por distribuir os questionários no V Encontro de Desporto Adaptado de Castelo Branco, onde os treinadores foram informados do objetivo do estudo e que assim comos os procedimentos éticos adotados. Posteriormente, foram distribuídos mais questionários nos 6º Jogos de Desportos Adaptados – Cova da Beira.

Em seguida foi realizado um formulário no Google Forms, para assim facilitar o contacto com os treinadores de desporto adaptado a intervir em Portugal e para também conseguirmos reunir uma maior dimensão da amostra (Figura 1)

Modelo do Treinador de Desporto Adaptado – Caracterização do perfil de formação, orientação no treino, estilo de decisão e de planificação

Os dados recolhidos destinam-se à elaboração de uma tese de mestrado em desporto adaptado, dirigida ao Instituto Politécnico de Castelo Branco, garantindo-se o anonimato e confidencialidade dos mesmos.

Agradecemos a sua preciosa colaboração. Este questionário pretende averiguar as preferências dos Treinadores face às distintas situações ou problemas que surgem durante o treino. Sendo que 0 significa totalmente em desacordo e 100 significa totalmente de acordo.

*Obrigatório

Endereço de email *

O seu email

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

1. Procurar meios e recursos materiais que melhorem o treino e abandonar os que não sirvam. *

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Totalmente em Desacordo ○○○○○○○○○○ Totalmente de Acordo

2. Utilizar o discurso e a palavra como um meio para conduzir o treino *

Figura 3 - Formulário online dos questionários aplicados

3.4 Instrumentos de Pesquisa

Os instrumentos de pesquisa são indispensáveis para que o investigador consiga levantar dados iniciais e para que o mesmo avalie o alcance das ações de intervenção realizadas.

Devido ao nosso estudo ser de natureza quantitativa, foi utilizado o inquérito por questionário como instrumento de pesquisa, dado que é uma ferramenta de colheita e de mensuração dos dados, com a função de dar resposta às questões formuladas de forma consistente e direta (Lima, 2016).

3.4.1 Questionário

Numa investigação de inquérito por questionário, o levantamento de dados pode ser conduzido presencialmente, pela aplicação de um questionário pessoalmente ou via telefone, ou não presencialmente, pela aplicação de um questionário via internet (Coutinho, 2011). O processo de recolha de dados é complementado por métodos de análise de dados, os quais permitem organizar, apresentar e descrever os dados e abrem caminho à identificação de relações e padrões entre os elementos/variáveis.

Os questionários aplicados, foram compostos por quatro escalas designadas por: Coach Profile Questionnaire (CPQ) – Questionário do Perfil do Treinador, Sport Coach Learning Style (SCLS) – Questionário do Estilo de Aprendizagem do Treinador, Sport Coach Decision Style (SCDS) – Questionário do Estilo de Decisão do Treinador e o Sport Coach Planning Style (SCPS) – Questionário do Estilo de Planificação do Treinador.

O questionário Coach Profile Questionnaire de Feu, Ibáñez, Graça e Sampaio (2007), permite-nos recolher dados relativos aos diferentes tipos de perfil dos treinadores. O Sport Coach Learning Style (SCLS) criado por Feu, Ibáñez, Gozalo e Lorenzo (2010), permite-nos avaliar a formação de cada treinador. Para avaliarmos o estilo de Tomada de Decisão utilizámos o Sport Coach Decision Style (SCDS) de Feu, Ibáñez e Gozalo (2007) e para avaliar o estilo de planificação utilizámos o questionário Sport Coach Planning Style (SCPS) criado por Feu, Ibáñez e Gozalo (2007).

3.4.1.1 Questionário “Coach Profile Questionnaire (CPQ)”

O questionário “Coach Profile Questionnaire” (CPQ) de Feu, Ibáñez, Graça e Sampaio (2007) é composto por 46 itens. Este permite-nos identificar os 6 perfis do treinador para representar as suas orientações no processo de treino, tais como:

- Treinador tradicional;
- Treinador Tecnológico;
- Treinador Inovador;

- Treinador Colaborador;
- Treinador Dialogador;
- Treinador Crítico.

Os perfis estão sujeitos à influência de quatro variáveis: atitude em relação ao treino, a formação do treinador, o processo de planeamento e o envolvimento do treinador. Por outro lado, os seis perfis não devem ser considerados puros ou rígidos, porque o treinador tende de fluir entre os vários e até a evoluir para outros, dependendo do contexto, treino, etc.

Para estabelecer as características de cada perfil, Ibáñez (1996) baseia-se em cinco dimensões:

- **Estilo de treino** – Características da liderança dos treinadores no momento de conduzir o treino e a competição;
- **Meios e Recursos Materiais** – O uso que os treinadores fazem aos meios e recursos disponíveis;
- **Clima de treino** – Atitudes e estados que o treinador gera ou prefere no treino e na competição;
- **Relação com os seus assistentes ou colaboradores** – Relação que os treinadores preferem com os seus ajudantes e colaboradores;
- **Relacionamento com seus jogadores** – Relação que os treinadores preferem estabelecer com os seus jogadores.

3.4.1.2 Questionário “Sport Coach Learning Style (SCLS)”

Em relação ao questionário “Sport Coach Learning Style (SCLS)” criado por Feu, Ibáñez, Gozalo e Lorenzo (2010), composto por 15 perguntas em que avalia os conhecimentos e as competências do treinador, estabelecendo três aspetos: Formação Académica, Jogador Reciclado e Formação Autodidata (Ibáñez, 1996).

As variáveis que constituem este questionário são:

- Experiências enquanto treinador e jogador;
- Metodologia;
- Conhecimentos adquiridos enquanto jogador, através de cursos de formação ou através de outras pessoas;
- Exercícios aprendidos enquanto jogador ou durante cursos de formação para treinadores;
- Aprendizagem adquirida enquanto atleta, curso de formação de treinadores ou por experiências pessoais.

3.4.1.3 Questionário “Sport Coach Decision Style (SCDS)”

No que toca ao questionário “Sport Coach Decision Style (SCDS)” de Feu, Ibáñez e Gozalo (2007), composto por 12 perguntas em que ajuda a identificar o estilo de decisão dos treinadores em função da participação dos atletas em relação aos diversos problemas do treino. Inicialmente os autores identificaram três perfis de treinadores: permissivo, democrático e autoritário.

São estes compostos pelas seguintes variáveis:

- Decisões sobre os objetivos;
- Decisões no Treino;
- Decisões na Disciplina;
- Decisões sobre a Atividade dos Jogadores;
- Decisões com os Colaboradores.

3.4.1.4 Questionário “Sport Coach Planning Style (SCPS)”

No que toca à escala “Sport Coach Planning Style (SCPS)” gerado por Feu, Ibáñez e Gozalo (2007), o questionário é constituído por 15 itens, divididos em 5 dimensões: planificação das sessões; planificação dos exercícios; planificação dos objetivos; planificação geral e planificação da metodologia. Determinando assim o estilo de planificação de cada treinador categorizado por: Flexível, Rígido e Improvisador.

As variáveis que compõem o questionário são:

- Planificação das Sessões;
- Planificação dos Exercícios;
- Planificação dos Objetivos;
- Planificação Geral;
- Planificação da Metodologia.

3.5. Protocolo de Tratamento de Escalas

O questionário Coach Profile Questionnaire permite a determinação de 6 perfis, que são calculadas pelos itens:

- Tradicional (7,8,10,13,14,15,40);
- Crítico (1,5,6,18,20,30,36,37);
- Dialogador (2,12,16,24,25,26,38,46);
- Inovador (4,11,19,21,27,34,43,44);
- Tecnológico (3,17,22,23,28,35,42,46);

- Colaborador (9,29,31,32,33,39,41).

O questionário Sport Coach Learning Style determina 3 graus de formação, calculados pelos seguintes itens:

- Jogador Reciclado (1,4,7,13,11);
- Formação Académica (5,6,8,9,14);
- Autodidata (2,3,10,12,15).

Em relação ao questionário Sport Coach Decision Style possibilita a determinação de 3 estilos de decisão, calculados pelos itens:

- Autoritário (4,7,9,10,11);
- Democrático (1,3,12);
- Permissivo (2,5,6,8).

No que diz respeito Sport Coach Planning Style, são determinados 3 estilos de planificação, calculados pelos itens:

- Flexível (1,2,4,13,15);
- Rígido (5,8,10,11,12);
- Improvisador (3,6,7,9,14).

3.6 Procedimentos Estatísticos

O tratamento estatístico foi feito a partir do programa de análise estatístico Statistical Package for a Social Sciences (SPSS 22.0) onde serão inseridos e analisados os dados.

A estatística é um conjunto de métodos e técnicas, cujo objetivo é “analisar os dados disponíveis e que estão sujeitos a certo grau de incerteza no planeamento e obtenção de resultados” (Ignácio, 2010, p.180).

Para conseguirmos determinar se o instrumento é válido ou não para o nosso estudo e se responde às questões formuladas, procedemos à análise da consistência interna, que segundo Muñiz (1996), pode ser entendida como uma propriedade das pontuações de um teste, que conseqüentemente tem um impacto importante sobre a precisão dos resultados obtidos por um instrumento (Domínguez-Lara & Merino-Soto, 2015).

De acordo com Hayes (1995):

a validade refere-se ao grau com que a escala utilizada no questionário (e conseqüentemente este próprio) realmente mede o objeto para o qual ela foi criada para medir, e a fiabilidade é definida como o grau com que as medições estão isentas de erros aleatórios (p.228).

Procedemos então à verificação dos valores do coeficiente de Alfa de Cronbach, coeficiente que mede a correlação entre as respostas em um questionário por meio da análise do perfil das respostas dadas pelos respondentes cujos valores variam de 0 a 1 (Cunha, Neto & Stackfleth, 2016; Alexandre, Gallasch, Lima & Rodrigues, 2013; Coluci, Alexandre & Milani, 2015; Malacarne, Luiz, Amaral & Siqueira, 2017). Quanto mais próximo de 1, maior a confiabilidade entre os indicadores, como se pode verificar no quadro 4.

Fiabilidade	Muito Baixa	Baixa	Moderada	Aceitável	Alta	Muito Alta
Valor de α	$\alpha \leq 0,5$	$\alpha \geq 0,50$	$\alpha \geq 0,60$	$\alpha \geq 0,70$	$\alpha \geq 0,80$	$\alpha \geq 0,90$

Quadro 4 - Classificação da fiabilidade a partir do coeficiente de Cronbach adaptado de George e Mallery (2003, p.231)

As estimativas de fiabilidade pela consistência interna são a média de todos os possíveis modos de subdividir o conjunto total de itens a fim de calcular o coeficiente de fidedignidade de um dado instrumento, o qual demonstra o quão bem os itens refletem o mesmo constructo e produzem resultados similares e consistentes (Silva & Ribeiro-Filho, 2006)

Um limite inferior geralmente aceite é de $\alpha \geq 0,70$, apesar de ser aceite $\alpha \geq 0,60$ em pesquisas exploratórias (Cunha, et. al, 2016; Alexandre et. al, 2013; Coluci, Alexandre & Milani, 2015; Malacarne, et. al, 2017).

Para também conseguir um nível de fiabilidade mais elevado, calculámos o Omega de Mcdonald, que tem como o objetivo de agrupar os itens de um teste que mede o mesmo fator comum ou geral (Béland, Cousineau & Loye, 2017). Alguns autores defendem que Omega de Mcdonald é o teste mais fiável para revelar a verdadeira confiabilidade do instrumento, como é o caso de Revelle e Zinbarg (2009), onde revelam que este teste fornece uma aproximação mais precisa da confiabilidade da escala, no qual o valor de ómega é sempre mais alto.

Para que seja considerado um valor adequado de fiabilidade através do coeficiente Omega, os valores devem encontrar-se entre 0.70 e 0.90 (Campo-Arias & Oviedo, 2008), apesar de em algumas ocasiões ser aceitável valores superiores a 0.65 (Katz, 2006).

Após a verificação da consistência interna, realizámos a análise descritiva das variáveis categóricas, onde obtivemos os valores absolutos, percentuais, média, desvio padrão, mediana e valores mínimos e máximos. Segundo Fávero e Belfiore (2017, p.11) “a estatística descritiva descreve e sintetiza as características principais observadas num conjunto de dados por meio de tabelas, gráficos e medidas-resumo, permitindo ao pesquisador melhor compreensão do comportamento dos dados”.

Realizámos de seguida o teste da Correlação Bivariada de Pearson, para verificar a existência de corelação entre as variáveis de cada questionário, em que este coeficiente

é um número entre -1 e 1 que expressa o grau de dependência linear entre duas variáveis quantitativas, indicando que quando uma variável é negativa, significa que quando uma diminui a outra aumenta, e quando positiva, indica que quando uma variável aumenta, a outra imediatamente aumenta (Johnson & Wicherin, 2007).

Para realizámos a comparação entre géneros no nosso segundo estudo, realizámos primeiramente o teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov, e em seguida realizámos o teste T para amostras independentes.

Por fim, para analisar a mediação existentes entre as variáveis, utilizámos o Process v. 3 de Hayes (2018), onde o objetivo é estabelecer ou testar como X provoca efeito no Y, frequentemente num modelo onde uma ou mais variáveis podem intervir. Estas variáveis, geralmente chamadas mediadores, são conceptualizadas como o mecanismo em que X influencia Y (Hayes, 2018).

Capítulo 3: Estudos Realizados

Estudo I: Avaliação do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar o grau de formação, a tipologia de planificação, o perfil do treinador e a tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado. A amostra foi composta por 31 treinadores (N=31), sendo 67,7% do género masculino (N=21) e 32,3% do género feminino (N=10), com uma média de idades de $\pm 40,65$ DP= 10,19.

Para levarmos a efeito o objetivo de estudo, recorremos à aplicação dos seguintes questionários: Coach Profile Questionnaire (Feu, Ibáñez, Graça & Sampaio, 2010), Sport Coach Learning Style (Feu, Ibáñez, Gonzalo & Lorenzo, 2010), Sport Coach Decision Style (Feu, Ibáñez, & Gonzalo, 2007) e Sport Coach Planning Style (Feu, Ibáñez & Gonzalo, 2007).

Após analisados os resultados obtidos, verificámos que os treinadores apontam para um grau de formação académico (M=77.68), num estilo de planificação flexível (M=81.16), num perfil de treinador inovador (M=84.40) e num estilo de tomada de decisão democrático (M=82.80).

Palavras-Chave

Treinadores, Desporto, Desporto Adaptado, Special Olympics, Liderança.

Abstract

The present study aimed to analyze the degree of training, the type of planning, the profile of the coach and decision making in a sample of portuguese coaches of adapted sports. The sample consisted of 31 coaches (N = 31), with 67.7% being male (N = 21) and 32.3% female (N = 10), with an average age of ± 40.65 SD = 10.19.

To carry out the study objective, we used the following questionnaires: Coach Profile Questionnaire (Feu, Ibáñez, Graça & Sampaio, 2010), Sport Coach Learning Style (Feu, Ibáñez, Gonzalo & Lorenzo, 2010), Sport Coach Decision Style (Feu, Ibáñez, & Gonzalo, 2007) and Sport Coach Planning Style (Feu, Ibáñez & Gonzalo, 2007).

After analyzing the results obtained, we found that the coaches point to an academic degree (M = 77.68), in a flexible planning style (M = 81.16), in an innovative coach profile (M = 84.40) and in a decision-making style democratic decision (M = 82.80).

Key-words

Coaches; Sport; Adapted Sports; Special Olympics; Leadership.

Introdução

Com o crescimento do desporto adaptado nos dias de hoje, são necessários treinadores dotados de competências específicas no domínio do treino.

Segundo Pinheiro (2010) o treinador tem como funções a organização do treino, liderança, estilo e forma de comunicação com os jogadores, dirigentes, árbitros, jornalistas, opções estratégicas e táticas decorrente da observação do jogo, gestão das pressões contidas na competição, do controlo da capacidade de concentração e emoção.

Vários autores, como Araújo (1994), Simão (1998), Lima (2001) e Feu et. al (2012) têm revelado através dos seus estudos que o treinador tem um papel cada vez mais importante na formação dos seus atletas, sendo por isso responsável por um vasto leque de funções, com vista à constante e progressiva evolução do rendimento dos mesmos.

Araújo (1994) refere que a profissão de treinador exige um conhecimento multidisciplinar, tornando-se, evidentemente, imprescindíveis os conhecimentos inerentes à tática, à técnica e à preparação condicional na modalidade desportiva em que se especialize, bem como o domínio da pedagogia e metodologia de ensino e a necessidade expressa de ser um especialista no estimular do interesse e a motivação dos que consigo aprendem e treinam.

Hashweh (2005), afirma que um bom treinador deverá ter não apenas uma boa bagagem de conhecimentos científicos e pedagógicos, mas também uma ampla variedade de recursos pedagógicos no seu treino, que o capacitem para enfrentar as mais variadas situações que possa encontrar.

Para se tornar um treinador eficaz, este necessita de adquirir um leque vasto de competências apoiadas nos seus conhecimentos, uma delas é a sua formação, no qual para serem treinadores do desporto necessitam de ter um conhecimento profissional (específico e relacionado com a forma como se ensina, valores, filosofia e objetivos para orientar as ações, conhecimento interpessoal (relacionamento com as pessoas) e conhecimento intrapessoal (autoavaliação e reflexão) (ICCE & ASOIF, 2012)

O treinador constitui o elemento crucial no processo desportivo por ser o responsável máximo pelo desenvolvimento dos atletas e que garante o seu bem-estar, é responsável por proporcionar vivenciais positivas de modo a que o jovem atleta continue a praticar um estilo de vida ativa e também por mantê-los motivados por razões intrínsecas (Resende & Gilbert, 2015)

O mesmo adquire uma importância crucial, não só na organização dos exercícios, como também na articulação do antes e do depois, devendo ter sempre como referencial o jogo (pois é para a sua melhor concretização que se efetuam os exercícios). Isto é, o treinador terá que tornar evidente aos olhos dos atletas a razão pela qual montou um exercício com referência ao jogo que vai disputar, tornando o conhecimento implícito em explícito (Resende, Sá, Barbosa & Gomes, 2017).

Outro aspeto importante no treinador, é a sua capacidade para planificar e orientar os seus treinos, sendo a planificação um processo que segue na maioria dos casos, um desenvolvimento das diferentes dimensões do processo de treino (físico/técnico-tático e psicológico) (Santos, Castelo & Silva, 2011). O planeamento desportivo é um processo que analisa, define e sistematiza as diferentes operações inerentes à construção e desenvolvimento dos praticantes ou das equipas (Oliveira, 2005).

Perante o descrito, pretendemos caracterizar grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão dos treinadores de desporto adaptado.

Participantes

Neste estudo participaram 31 treinadores (N=31), 21 (67,7%) do género masculino e 10 (32,5%) do género feminino, com idades entre os 23 e os 60 anos, com uma média de idades de 40,65.

Os dados foram obtidos de forma anónima, através de um questionário, garantindo a confidencialidade dos mesmos.

Quanto à natureza da amostra, podemos dizer que é intencional por conveniência, sendo que são elementos “sem probabilidades previamente especificadas ou conhecidas” (Anderson, 2011: 264).

Instrumentos

Para a realização deste estudo, foram utilizados 4 questionários, sendo os: Coach Profile Questionnaire (CPQ) de Feu, Ibáñez, Graça e Sampaio (2007) que nos permite obter as informações relativamente aos diferentes tipos de perfil de treinadores; Sport Coach Learning Style (SCLS) de Feu, Ibáñez, Gozalo e Lorenzo (2010), que nos permite avaliar o tipo de formação dos treinadores; Sport Coach Decision Style (SCDS), de Feu, Ibáñez e Gozalo (2007) que nos permite avaliar a tomada de decisão dos treinadores; Sport Coach Planning Style (SCPS) também de Feu, Ibáñez e Gozalo (2007), permite-nos avaliar o estilo de planificação.

Para se avaliar cada componente, cada pergunta apresenta uma escala que vai de 0 a 100, em que o 0 significa totalmente em desacordo e o 100 totalmente de acordo.

Objetivo e Hipóteses de estudo:

O presente estudo tem como objetivos:

1. Conhecer o grau de formação dos treinadores de desporto adaptado;
2. Analisar a tipologia da planificação dos treinadores de desporto adaptado;
3. Analisar o tipo de perfil do treinador de desporto adaptado;
4. Analisar as tomadas de decisão por parte dos treinadores de desporto adaptado;

5. Verificar relações entre o grau de formação do treinador, a tipologia da planificação dos treinadores, a tipologia do perfil do treinador e as tomadas de decisão do treinador, de maneira a entender o perfil dos treinadores que atuam na área do desporto adaptado.

Perante estes objetivos formulámos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 - O Treinador de Formação Académica correlaciona-se positivamente com o Estilo de Planificação Flexível, Perfil Inovador e Tomada de Decisão Democrático.

Hipótese 2 - O Treinador de Formação de Jogador Reciclado correlaciona-se positivamente com o Estilo de Planificação Rígido, Perfil Tradicional e Tomada de Decisão Autoritário.

Hipótese 3 - O Treinador Autodidata correlaciona-se positivamente com o Estilo de Planificação Rígido, Perfil Dialogador e Tomada de Decisão Permissivo.

Análise Estatística

Neste estudo incidimos sobre a avaliação da consistência interna das dimensões que constituem os questionários de (Formação, Planificação, Perfil e Tomada de Decisão) determinando o Alfa de Cronbach e o Omega de McDonald. Posteriormente determinámos os valores mínimos, máximos, média, mediana e desvio padrão de cada uma das dimensões dos questionários supracitados.

Seguidamente procedemos à análise de correlação bivariada de Pearson entre as dimensões dos questionários avaliados.

Resultados

Os quadros e figuras seguintes apresentarão os dados relativos à estatística descritiva e a análise da fiabilidade de cada questionário do estudo.

O quadro 5 apresenta os valores relativos ao questionário "*Sport Coach Learning Style*". Relativamente à consistência interna analisada através do Alfa de Cronbach e o Omega de McDonald, este questionário apresenta uma fiabilidade considerada muito alta.

Verificámos que a variável do estilo de aprendizagem que apresentou a média mais alta foi “Académica” ($M=77.68$), de seguida foi o “Jogador Autodidata” ($M=68.97$) e a variável com a média mais baixa foi o “Jogador Reciclado” ($M= 64.84$).

	Alfa	Omega	Amplitude	Min	Máx	Média	Mediana	DP	KS
Académica	0.95	0.96	0-100	40	100	77.68	78.71	15.10	.86
Jogador Reciclado	0.92	0.92	0-100	20	100	64.84	64.84	1.85	.78
Autodidata	0.90	0.86	0-100	32	90	68.97	72.26	14.95	.91

Quadro 5 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário “Sport Coach Learning Style”

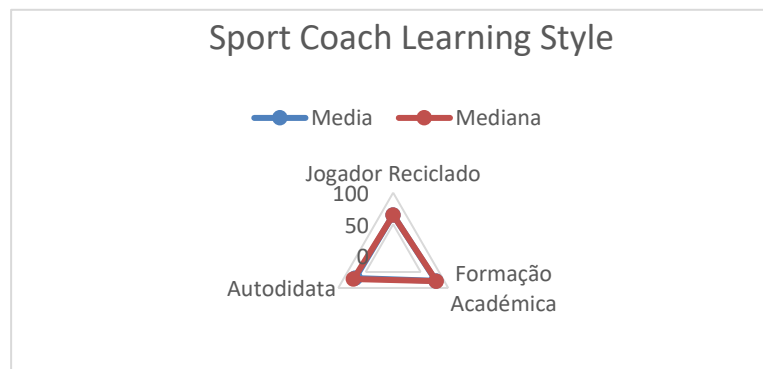


Figura 4 - Média e Mediana do Questionário “Sport Coach Learning Style”

De seguida, apresentamos o quadro da estatística descritiva e da análise da fiabilidade e da consistência interna do questionário “*Sport Coach Planning Style*”, verificámos assim que este questionário apresenta valores de fiabilidade considerados altos e em relação à média de cada dimensão do mesmo, os valores mais baixos foram o estilo de planificação “Rígido” e “Improvisador” ($M=35.61$) e a variável com a média com o valor mais elevado foi o estilo de planificação “Flexível” ($M=81.16$).

	Alfa	Omega	Amplitude	Min	Máx	Média	Mediana	DP	KS
Flexível	0.89	0.84	0-100	48	100	81.16	76.68	13.71	.80
Rígido	0.85	0.83	0-100	10	80	35.61	32.26	19.96	.77
Improvisador	0.92	0.90	0-100	0	82	35.61	34.20	22.46	.97

Quadro 6 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário “Sport Coach Planning Style”



Figura 5 - Média e Mediana do questionário "Sport Coach Planning Style"

O seguinte quadro (quadro 7), apresenta a estatística descrita e análise da fiabilidade do questionário "Coach Profile Questionnaire". Em relação à consistência interna do questionário, verificamos que o questionário apresenta uma fiabilidade considerada alta. E relação aos valores obtidos podemos observar que o valor mais alto de média foi o perfil "Inovador" ($M=84,40$), de seguida foi o perfil "Crítico" ($M=83,31$), perfil "Dialogador" ($M=81,98$), perfil "Tecnológico" ($M=78,19$), perfil "Colaborador" ($M=74,70$) e o valor mais baixo encontrado foi o perfil "Tradicional" ($M=73,82$).

	Alfa	Omega	Amplitude	Min	Máx	Média	Mediana	DP	KS
Tradicional	0.90	0.89	0-100	41.43	97.14	73.82	74.52	12.48	.49
Crítico	0.79	0.79	0-100	67.50	100	83.31	86.30	8.60	.62
Dialogador	0.87	0.88	0-100	51.25	100	81.98	84.35	10.89	.66
Inovador	0.82	0.86	0-100	67.50	100	84.40	86.30	9.51	.63
Tecnológico	0.91	0.91	0-100	55	100	78.19	78.39	12.10	.41
Colaborador	0.86	0.87	0-100	34.29	100	74.70	78.71	15.08	.63

Quadro 7 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário "Coach Profile Questionnaire"

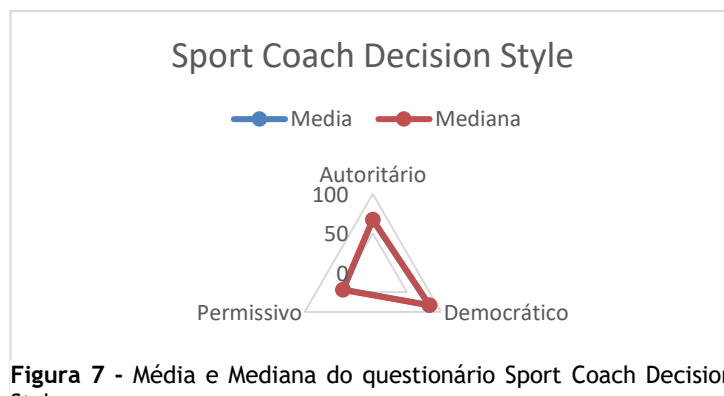


Figura 6 - Média e Mediana do questionário "Coach Profile Questionnaire"

Em seguida, no quadro 8, verificamos a estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário “*Sport Coach Decision Style*”, verificamos que este questionário também apresenta uma consistência interna muito alta, e em relação aos valores das médias de cada dimensão do questionário, podemos observar que a variável com a média mais alta é o estilo de decisão “*Democrático*” (82.20), de seguida a variável “*Autoritário*” (M=68.82) e a média mais baixa é o estilo de decisão “*Permissivo*” (M=43.44), e com. Podemos observar que este questionário apresenta uma fiabilidade e uma consistência interna alta ($\alpha \geq .80$).

	Alfa	Omega	Amplitude	Min	Máx	Média	Mediana	DP	KS
Autoritário	0.90	0.92	0-100	24	94	68.82	67.42	16.79	.72
Democrático	0.87	0.78	0-100	46.67	100	82.80	83.55	13.34	.89
Permissivo	0.86	0.86	0-100	0	100	43.44	44.20	21.88	.68

Quadro 8 - Estatística descritiva e análise de fiabilidade do questionário “Sport Coach Decision Style”



O Quadro 9, apresenta as correlações existentes entre todas as variáveis dos questionários, onde observamos correlações positivas entre a grande maioria das variáveis, ainda que bastantes não sejam significativas. Registaram-se ainda correlações negativas não significativas entre a variável permissivo e académico (-0,25), entre a variável Rígido e Flexível (-0.12), entre a variável Inovador e Rígido (-0.25), entre a variável Tecnológico e Rígido (-0.14), entre a variável Inovador e Improvisador (-0.24), entre a variável Tecnológico e Improvisador (-0.14), entre a variável Colaborador e Improvisador (-0.06), entre a variável Autoritário e Crítico (-0.14) e por fim entre a variável Autoritário e Inovador (-0.06).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1.Académico	-													
2.J. Reciclado	0.32	-												
3.Autodidata	0.44	0.64	-											
4.Flêxivel	0.17	0.49**	0.13	-										
5.Rígido	0.04	0.34	0.44	-0.12	-									
6.Improvisador	0.20	0.21	0.27	0.83	0.47*	-								
7.Tradicional	0.53*	0.15	0.53**	0.24	0.18	0.09	-							
8.Crítico	0.36*	0.11	0.38	0.35	-0.32	-0.27	0.15	-						
9.Dialogador	0.31	0.31	0.47**	0.37*	0.48	0.13	0.38	0.65**	-					
10.Inovador	0.34	0.30	0.24	0.35	-0.25	-0.24	0.25	0.66**	0.76-	-				
11.Tecnológico	0.20	0.18	0.18	0.16	-0.14	-0.14	0.31	0.52**	0.55**	0.70**	-			
12.Colaborador	0.30	0.05	0.38*	0.16	0.12	-0.06	0.47**	0.57**	0.72**	0.55**	0.51**	-		
13.Autoritário	0.27	0.44	0.43	0.25	0.51**	0.22	0.40	-0.14	0.10	-0.06	0.09	0.54	-	
14.Democrático	0.46**	0.41	0.34	0.44*	0.18	-0.03	0.38	0.42*	0.60**	0.57**	0.36*	0.41*	0.33	-
15.Permissivo	-0.25	0.11	0.18	0.19	0.35	0.50**	0.14	-0.04	0.25	0.07	0.09	0.18	0.40*	0.38

Quadro 9 - Coorelação de Pearson entre os fatores dos questionários (Sport Coach Profile Questionnaire; Sport Coach Learning Style; Sport Coach Decision Style; Sport Coach Planning Style)

** A correlação é significativa a 0.01.

* A correlação é significativa a 0.05.

Discussão de resultados

Este estudo teve como objetivo a avaliação do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado, bem como traçar correlações entre as variáveis em estudo. Estas investigações são absolutamente necessárias para dar consistência e progredir na investigação dos programas de treino (Coté, Salmela, Trudel, Baria & Russel, 1995; García-Mas & Vicens, 1995; Lyle, 2002).

Relativamente às nossas hipóteses, podemos desta maneira verificar que:

Hipótese 1 – *O Treinador de Formação Académica correlaciona-se positivamente com o Estilo de Planificação Flexível, Perfil Inovador e Tomada de Decisão Democrático.*

Podemos aceitar a hipótese 1, visto que a correlação é positiva fraca entre o estilo de planificação flexível (0.17), uma correlação positiva moderada o perfil inovador (0.34) e a tomada de decisão democrático (0.46).

Hipótese 2 – *O Treinador de Formação de Jogador Reciclado correlaciona-se positivamente com o Estilo de Planificação Rígido, Perfil Tradicional e Tomada de Decisão Autoritário.*

Verificamos que a nossa hipótese 2, também pode ser aceite, dado que a correlação com o estilo de planificação rígido é de 0.34 considerada positiva moderada, com o perfil de treinador tradicional é de 0.15, considerada fraca correlação positiva e com a tomada de decisão autoritário é de 0.44, considerada positiva moderada

Hipótese 3 – *O Treinador Autodidata correlaciona-se positivamente com o Estilo de Planificação Rígido, Perfil Dialogador e Tomada de Decisão Permissivo.*

No que toca à nossa hipótese 3, podemos aceitá-la, posto que a correlação com o estilo de planificação rígido é de 0.44, considerada positiva moderada, com o perfil de treinador dialogador é de 0.47, considerada também positiva moderada e com a tomada de decisão permissivo é de 0.18, considerada positiva fraca.

A formação de treinadores deve incorporar uma remodelação dos domínios do saber, do saber-ser e saber-fazer de um indivíduo, de forma a que esse adquira uma unidade de conhecimentos e competências que lhe permitam desempenhar as suas funções com o máximo de primazia (Perrenoud, 1995 cit. in Mesquita, 2010).

É possível verificar que os treinadores optam por uma formação mais académica, o que lhes permite desenvolver um alargado conhecimento acerca da população em estudo, ou seja, os indivíduos com deficiência. Numa perspetiva apoiada por Mesquita (2010, p.87), onde “ a formação académica proporciona aos futuros treinadores (...) o desenvolvimento de atitudes

críticas situadas, a abertura a novas ideias e a capacidade de encarar os limites do seu próprio conhecimento, pelo desenvolvimento de competências metacognitivas”.

Alguns autores (Ibáñez, 1996; Martens, 1997; Feu et. al., 2003), nos seus trabalhos sobre os modelos de treino, concluíram que não existe apenas um só perfil de treinador, nem perfis puros de treinador. Para estes autores, os treinadores ajustam o seu perfil às suas características pessoais e às características circunstanciais do contexto de treino.

Com base nos dados, é possível verificar que os treinadores optam por um treino mais inovador, que cativa os atletas para uma boa prática desportiva para que estes não percam o interesse pela modalidade, nem pelas tarefas propostas, mas ao mesmo tempo são críticos, pois necessitam de exigir o máximo dos seus atletas para um melhor rendimento nas competições.

No que toca ao estilo de planificação, os treinadores utilizam um estilo mais flexível, sendo mais eficiente para enfrentar certos imprevistos do que fazer uma previsão daquilo que pode acontecer durante um treino, fazendo com que leve ao pensamento de que o melhor modo de prever é construí-lo (Hamel, 1996; Simon, 1990; Sterman, 1991).

A fase de preparação dos atletas necessita de certo modo, uma abordagem mais flexível, dentro de certos limites, mantendo sempre o foco, esta capacidade de desenvolver o plano sendo flexível no imediato e mantendo a coerência em ciclos de treino longos, é uma característica bem evidente da ação orquestradora do treinador, segundo Jones & Wallace (2006), sendo que é possível verificar que no nosso estudo, os treinadores tendem a ser mais flexíveis na sua planificação.

Em relação ao processo de tomada de decisão, este é aquele que seleciona a ação correta de acordo com as circunstâncias correntes, o contexto e experiências passadas. A qualidade da decisão é obviamente influenciada pela qualidade da informação preceptiva recebida, mas também pelo conhecimento do executante do contexto e as expectativas baseadas em experiências passadas (Abernethy, Summers, & Ford, 1998).

No nosso estudo, os resultados são abonatórios que os treinadores são mais democráticos nas suas decisões, permitindo assim que os atletas tenham uma opinião acerca dos aspetos relacionados com o treino e com as competições, em consequência disso, os atletas se sentirão mais à vontade para exprimir as suas ambições e dificuldades a melhorar. Como refere Cruz e Gomes (1996), é um comportamento onde o treinador permite uma maior participação dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo, métodos de treino e táticas e estratégias de competição.

Estudo II: Comparação em função do género, do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão, numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado

Resumo

O presente estudo tem como objetivo comparar o grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de Desporto Adaptado, em função do género.

Nesta investigação participaram 31 indivíduos, dos quais 21 (67,7%) são do género masculino (N=21) e 10 (32,5%) são género feminino (N=10), com idades compreendidas entre os 23 e os 60 anos, com uma média de idades de $\pm 40,65$.

Foram aplicados 4 questionários a cada indivíduo: Coach Profile Questionnaire (Feu, Ibáñez, Graça & Sampaio, 2010), Sport Coach Learning Style (Feu, Ibáñez, Gonzalo & Lorenzo, 2010), Sport Coach Decision Style (Feu, Ibáñez, & Gonzalo, 2007) e Sport Coach Planning Style (Feu, Ibáñez & Gonzalo, 2007).

Foi utilizado o programa SPSS (v.23.0), onde foi realizada a estatística descritiva, a fim de obter as Médias e o Desvio Padrão de cada variável em questão. Para verificar a normalidade foi aplicado o teste Kolmogorov-Smirnov, tendo obtido uma distribuição normal, de seguida foi aplicado o Teste-T Student para amostras independentes.

Ao analisar os resultados obtidos, podemos verificar que não foram encontradas diferenças significativas na distribuição dos dados.

Palavras-Chave

Género; Sport Coach Profile Questionnaire; Sport Coach Learning Style; Sport Coach Decision Style; Sport Coach Planning Style

Abstract

The present study aims to compare the degree of training, type of planning, profile of coach and decision making in a sample of Portuguese coaches of Adapted Sports, according to gender.

In this investigation 31 individuals participated, of which 21 (67.7%) are male (N = 21) and 10 (32.5%) are female (N = 10), aged between 23 and 60 years, with an average age of ± 40.65 .

Four questionnaires were applied to each individual: Coach Profile Questionnaire (Feu, Ibáñez, Graça & Sampaio, 2010), Sport Coach Learning Style (Feu, Ibáñez, Gonzalo & Lorenzo, 2010), Sport Coach Decision Style (Feu, Ibáñez, & Gonzalo, 2007) and Sport Coach Planning Style (Feu, Ibáñez & Gonzalo, 2007).

The SPSS program (v.23.0) was used, where descriptive statistics was performed, in order to obtain the Means and Standard Deviation of each variable in question. To verify normality, the Kolmogorov-Smirnov test was applied, having obtained a normal distribution, then the Student T-Test for independent samples was applied.

When analyzing the results obtained, we can see that no significant differences were found in the data distribution.

Keywords

Gender; Sport Coach Profile Questionnaire; Sport Coach Learning Style; Sport Coach Decision Style; Sport Coach Planning Style

Introdução

O treino desportivo tem recebido uma crescente e diversificada atenção por parte da comunidade científica (Abraham & Collins, 1998; Gilbert, 2002; Cassidy, Jones & Potrac, 2004). Um dos maiores problemas da investigação científica sobre a intervenção do treinador, está na criação de uma ligação entre a teoria e prática, pois a conceptualização dos processos de treino é ainda insuficiente (Lyle, 2002).

Ao treinador desportivo é incumbido um conjunto alargado de funções, as quais requerem um corpo eclético de conhecimentos e competências para exercer cabalmente a sua atividade profissional (Abraham, Collins & Martindale, 2006; McCallister, Blinde & Weiss, 2000; Vargas-Tonsing, 2007).

Gilbert, Lichtenwaltdt, Gilbert, Zelezny e Côte (2006) afirmam que “a revolução constante no treino está a provocar nos profissionais a convicção que é necessário integrar o máximo de conhecimentos das ciências relacionadas com este contexto de prática desportiva de uma maneira eficaz” (p.428).

Aliás, sabendo que os cursos de formação de treinadores são muito recentes (Campbell, 1993) e que não oferecem resposta às necessidades reais de conhecimento dos treinadores (Saury & Durand, 1998), constata-se um interesse cada vez maior pela investigação, no intuito de identificar a forma de melhorar os conhecimentos e competências dos treinadores. No entanto a educação dos treinadores, atualmente tem estado num contexto mais académico, não apenas para garantir uma formação de qualidade num ambiente adequado, mas também para garantir as mínimas condições no sentido de reconhecer a atividade de treinador como uma profissão no mundo todo (International Council for Coaching Excellence, 2013).

Rosado (1997), ao definir um modelo de formação de treinadores, desenha um perfil de competências a desenvolver, referindo que devem orientar-se no sentido de otimizar as influências do treinador sobre os atletas e que potencia uma influência não só sobre o nível de prática da modalidade sobre o jovem enquanto atleta, mas também, sobre o jovem enquanto pessoa.

Dentro das muitas razões que são evidenciadas na literatura para diferenciar as conceções e o comportamento do treinador está o género (Abraham & Collins, 1998), no qual muitos dos estudos suscitam a ideia de que a atividade de treinador é tradicionalmente masculina (Chelladurai et al., 1999).

Posto isto, é pertinente conhecer e analisar as opiniões dos diferentes treinadores em função do género, relativamente ao treino, nomeadamente a sua formação, o estilo de planificação, a tomada de decisão e o seu perfil, e se existem ou não diferenças nestas variáveis em estudo.

Participantes

Neste estudo participaram 31 treinadores (N=31), sendo 21 do género masculino e 10 do género feminino, com idades entre os 23 e os 60 anos, com uma média de idades de 40.65 e um desvio padrão de 10.19. Os homens apresentaram uma média de idades de 39 anos, com um desvio padrão de 8, no que toca às mulheres, estas apresentavam uma média de idades de 44 e um desvio padrão de 14.

Os dados foram obtidos de forma anónima, através de um questionário, garantindo a confidencialidade dos mesmos.

Quanto à natureza da amostra, podemos dizer que é intencional por conveniência, sendo que são elementos “sem probabilidades previamente especificadas ou conhecidas” (Anderson, 2011, p. 264).

Instrumentos

Para a realização deste estudo, foram utilizados 4 questionários, sendo os: Coach Profile Questionnaire (CPQ) de Feu, Ibáñez, Graça e Sampaio (2007) que nos permite obter as informações relativamente aos diferentes tipos de perfil de treinadores; Sport Coach Learning Style (SCLS) de Feu, Ibáñez, Gozalo e Lorenzo (2010), que nos permite avaliar o tipo de formação dos treinadores; Sport Coach Decision Style (SCDS), de Feu, Ibáñez e Gozalo (2007) que nos permite avaliar a tomada de decisão dos treinadores; Sport Coach Planning Style (SCPS) também de Feu, Ibáñez e Gozalo (2007), permite-nos avaliar o estilo de planificação.

Para se avaliar cada componente, cada pergunta apresenta uma escala que vai de 0 a 100, em que o 0 significa totalmente em desacordo e o 100 totalmente de acordo.

Objetivos e Hipóteses de estudo

O presente estudo tem como objetivo:

- Comparar entre géneros, o grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

Perante os objetivos, formulámos a seguinte hipótese:

- Não existem diferenças significativas entre géneros, no Grau de Formação, Estilo de Planificação, Perfil de Treinador e Tomada de decisão dos treinadores de desporto adaptado.

Análise Estatística

Neste estudo iremos realizar a comparação do grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão em função dos géneros dos treinadores participantes.

Para determinar o tipo de provas a aplicar, testámos a normalidade da distribuição dos dados através da prova Kolmogorov-Smirnov, devido ao número da amostra ser superior a 30 participantes.

Como em todas as dimensões obtivemos uma distribuição normal com um valor de significância de $p > 0.05$, optámos por aplicar a prova T para amostras independentes.

Resultados

No Quadro 10 iremos observar os valores obtidos através do teste Kolmogorov-Smirnov e do teste T.

		Homens			Mulheres		Sig.
		KS	M	DP	M	DP	
Grau de Formação	Académico	0.46	76.38	17.35	80.40	8.88	0.40
	J. Reciclado	0.57	64.20	22.1	66.20	9.68	0.79
	Autodidata	0.38	68.76	15.49	69.40	14.55	0.91
Estilo de Planificação	Flexível	0.54	80.10	14.26	83.40	12.90	0.54
	Rígido	0.59	38.48	20.59	29.60	18.08	0.24
	Improvisador	0.31	37.61	23.19	31.40	21.38	0.47
Perfil de Treinador	Tradicional	0.97	74.22	12.87	73.00	12.26	0.80
	Crítico	0.84	83.40	7.64	83.13	10.81	0.95
	Dialogador	0.78	82.26	11.92	81.38	8.89	0.84
	Inovador	0.82	84.17	8.90	84.88	11.20	0.86
	Tecnológico	0.99	78.04	11.34	78.50	14.21	0.93
	Colaborador	0.63	76.60	14.49	70.71	16.28	0.32
Estilo de Tomada de Decisão	Autoritário	0.68	66.16	18.67	68.20	12.70	0.73
	Democrático	0.40	82.06	13.92	84.33	12.58	0.67
	Permissivo	0.75	42.02	20.62	46.43	25.20	0.64

* Sig $\alpha \leq 0,05$

Quadro 10 - Teste de normalidade, estatística descritiva e significância estatística da comparação das variáveis em função da variável género.

Ao realizarmos a análise dos dados apresentados pelo Quadro 10 podemos verificar que as mulheres apresentam valores mais elevados no que toca à formação académica ($M=80.40$), no estilo de planificação flexível ($M=83.40$), no perfil inovador ($M=84,88$) e na tomada de decisão democrático ($M= 84.33$).

Em relação aos homens, estes apresentam valores mais elevados na formação académica também ($M=76,38$), no estilo de planificação flexível ($M=80.10$), no perfil Inovador ($M=84.17$) e na tomada de decisão democrático ($M=82.06$).

Discussão de Resultados

O presente estudo objetivou a comparação entre géneros, quanto ao grau de formação, tipologia de planificação, perfil de treinador e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

Atendendo à nossa hipótese para este estudo, **Hipótese 1** - *Não existem diferenças significativas entre géneros, no Grau de Formação, Estilo de Planificação, Perfil de Treinador e*

Tomada de decisão dos treinadores de desporto adaptado. Podemos, portanto, aceitá-la, visto que os níveis de significância obtidos são superiores a 0.05, verificando assim que não existem diferenças significativas entre géneros.

No mundo do desporto, durante muitos anos residia o predomínio masculino, onde a mulher era apenas uma espetadora e não podia participar (Almeida, 2001), fazendo com que o potencial das mulheres fosse negligenciado e marginalizado (Hargreaves, 1994).

No entanto, apesar do grande envolvimento no desporto e de elevada qualificação para exercer no alto nível, ficam-se na generalidade pelos escalões de formação (Almeida & Cruz, 2010), revelando falta de orientação estrutural, reforçando assim, a noção que a alta performance é demasiado para a mulher (Norman, 2008).

O papel do treinador é fundamental e principalmente a sua formação (Pazo, Sáenz-López, Fradua, Barata, & Coelho, 2011), visto que são estes que devem conduzir os processos de desenvolvimento e êxito desportivo dos seus atletas (Salazar, Flores, Pérez, Gómez, & Hernández, 2016). Posto isto, é exigido ao treinador que tenha conhecimento profissional e especializado da modalidade em questão (Terol, 2004; Jiménez, 2017; Guillen, Copello, Gutierrez & Guerra 2018).

Nos primeiros anos de atividade, ambos os sexos apresentam experiências equivalentes, no entanto as mulheres são mais novas, melhor qualificadas e possuem maior nível de experiência competitiva pessoal. A educação formal e não formal, a experiência como atleta e treinadora, são atributos que contribuem para um conjunto de competências do treinador (Côté, 2006).

Os nossos resultados evidenciaram que tanto os homens como as mulheres optam por uma formação mais académica, sendo que esta possui uma grande relevância em relação à experiência enquanto jogador ou por meios informais, visto que os conhecimentos adquiridos através de uma formação mais formal, servem como bases teóricas e práticas para a especialização dos treinadores, e estão baseadas em pressupostos científicos (Demers, Woodburn, & Savard, 2006).

Outras das funções do treinador é a capacidade de planificar e a tomada de decisão, em relação ao nosso questionário os treinadores podem adotar uma planificação flexível, rígida ou improvisada, tanto os homens como as mulheres preferem a construção de uma planificação mais flexível, o que lhes permite adaptar consoante as circunstâncias inerentes à modalidade, tais como o número de atletas que possam ou não comparecer aos treinos, o acesso aos materiais, o espaço que lhes é atribuído e às diferentes deficiências dos atletas, pois a introdução de um novo atleta com uma deficiência diferente pode ser necessário a adaptação dos exercícios. No que toca à tomada de decisão, no nosso questionário os treinadores podiam apresentar uma tomada de decisão democrático, autoritário e permissivo, no nosso estudo os homens e as mulheres preferiam uma tomada de decisão democrático, onde existe uma cooperação entre os atletas e o treinadores, permitindo aos atletas a participação nas decisões sobre estratégias e métodos a serem utilizados nos jogos e nos objetivos da equipa (Duarte, Teques & Silva, 2017).

O questionário em estudo ajudou também a descobrir a orientação de cada treinador, determinando assim um perfil, que pode ser tradicional, crítico, inovador, tecnológico, dialogador e colaborador, com o resultados obtidos aferimos que os homens e mulheres adotam um perfil inovador, na qual experimenta e introduz mudanças para alcançar maior e preferem que os seus colaboradores sugiram novas estratégias para melhorar o treino (ibáñez, 1996), no entanto alguns dos homens também adotam um perfil mais crítico, em que analisa, reflete e critica o processo de

treino que está a desenvolver, sendo então um inconformista, provocando um clima mais tenso dentro da equipa (Ibáñez, 1996)

As diferenças em função do sexo têm sido estudadas no âmbito das relações interpessoais gerais, sendo que alguns autores apoiam a semelhança entre sexos (Hyde, 2005) e outros defendem que o sexo exerce uma influência enorme nas relações (Cross & Madson, 1997).

Estudo III: Avaliação dos fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil de treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

Resumo

O nosso estudo teve como objetivo, determinar os fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil do treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

A amostra foi constituída por 31 sujeitos (N=31), sendo 21 do género masculino (N=21) e 10 do género feminino (N=10), com idades entre os 23 e os 60 anos, com uma média de idades de $\pm 40,65$.

Para analisarmos estes componentes, foram aplicados 4 questionários: Coach Profile Questionnaire (Feu, Ibáñez, Graça & Sampaio, 2010), Sport Coach Learning Style (Feu, Ibáñez, Gonzalo & Lorenzo, 2010), Sport Coach Decision Style (Feu, Ibáñez, & Gonzalo, 2007) e Sport Coach Planning Style (Feu, Ibáñez & Gonzalo, 2007).

A análise estatística foi realizada através de modelos de mediação, com recurso ao modelo 6, através do método *bootstrap* com 10000 amostras.

Podemos concluir que não existe um efeito de mediação entre as variáveis da tipologia de planificação e perfil do treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão.

Palavras-Chave

Modelo de Mediação, Process, Desporto adaptado, Treinador.

Abstract

Our study aimed to determine the mediation factors of the type of planning and the profile of the coach, exercised between the degree of training and decision making in the sample of Portuguese coaches of adapted sports.

The sample was verified by 31 subjects ($N = 31$), 21 of whom were male ($N = 21$) and 10 were female ($N = 10$), aged between 23 and 60 years, with an average age of ± 40.65 .

To analyze these components, 4 questionnaires were required: Coach Profile Questionnaire (Feu, Ibáñez, Graça & Sampaio, 2010), Sports Coach Learning Style (Feu, Ibáñez, Gonzalo & Lorenzo, 2010), Coach Decision Style Sports (Feu, Ibáñez, & Gonzalo, 2007) and Sports coach's planning style (Feu, Ibáñez & Gonzalo, 2007).

A statistical analysis was performed using mediation models, using model 6, using the 10000 samples *bootstrap* method.

We can demand that there is no mediation effect between the variables of the type of planning and the profile of the coach, exercised between the degree of training and decision making.

Keywords

Mediation; Total effect; Direct effect; Indirect effect

Introdução

O presente estudo tem como objetivo verificar se existe um efeito de mediação entre as variáveis propostas, na qual foram determinámos uma variável dependente, uma independente e duas variáveis mediadoras.

As mediações realizadas foram determinadas da seguinte forma: Grau de Formação como variável independente (VI), a Tomada de decisão como variável dependente (VD), e o Estilo de Planificação (M1) e o Perfil de Treinador (M2) como variáveis mediadoras.

Posto isto, na nossa primeira mediação utilizámos o grau de formação Jogador Reciclado (VI), a tomada de decisão Autoritário (VD), o estilo de planificação Rígida (M1) e o perfil de treinador Tradicional (M2). Na segunda mediação utilizámos o grau de formação Académica (VI), a tomada de decisão Democrático (VD), o estilo de planificação Flexível (M1) e o perfil de treinador Inovador (M2). Por fim, como terceira mediação utilizámos o grau de formação Autodidata (VI), a tomada de decisão Autoritário (VD), e o estilo de planificação Flexível (M1) e o perfil de treinador Dialogador (M2).

Análises de mediação e moderação são utilizadas para estabelecer evidências ou testar hipóteses sobre os mecanismos que explicam como certos efeitos acontecem ou em que condições eles facilitam ou inibem tais efeitos (Hayes, 2013).

O conceito de mediação remete imediatamente para uma distinção considerando o número de mediadores da relação X-Y. Caso a relação entre X e Y envolva uma variável de mediação, está-se na presença de mediação simples, caso o processo de mediação envolva mais que uma variável mediadora, está-se na presença de mediação múltipla (Preacher e Hayes, 2004; MacKinnon, 2008; Preacher e Hayes, 2008).

Segundo Baron e Kenny (1986, p.1167) uma variável é designada de mediador “na medida em que ela explica/é responsável pela relação entre o preditor e o critério” (Preacher & Hayes, 2004, p.717).

No nosso estudo, estamos na presença de uma mediação múltipla, pois envolvem duas variáveis mediadoras.

Para Abbad e Torres (2002) “o conceito de mediação implica suposição de relacionamentos entre as variáveis envolvidas. Uma variável mediadora é aquela que, ao estar presente na equação de regressão, diminui a magnitude do relacionamento entre uma variável independente e uma variável dependente” (p.21).

Por variável dependente (“Y” ou “VD”), conforme Marconi e Lakatos (2000), define-se a variável a ser explicada ou descoberta, em virtude de ser influenciada, determinada ou afetada pela variável independente,

é o fator que aparece, desaparece ou varia à medida que o investigador introduz, tira ou modifica a variável independente; a propriedade ou fator que é efeito resultado, consequência ou resposta a algo que foi manipulado (variável independente)(p.189).

Conforme Jung (2009) as variáveis dependentes “são aquelas cujo comportamento se quer verificar em função das oscilações das variáveis independentes, ou seja, correspondem àquilo que se deseja prever e/ou obter como resultado” (p.20).

Por variável independente ('X' ou 'VI'), conforme Marconi e Lakatos (2000), define-se a variável que

influencia, determina ou afeta outra variável; é o fator determinante, condição ou causa para determinado resultado, efeito ou consequência; é o fator manipulado (geralmente) pelo investigador, na sua tentativa de assegurar a relação do fator com um fenômeno observado ou a ser descoberto, para ver que influência exerce sobre um possível resultado (p.189).

Conforme Jung (2009), as variáveis independentes correspondem “àquilo em função do qual se deseja conseguir realizar previsões e/ou obter resultados” (p.18).

Podemos encontrar conceitos fundamentais numa mediação tais como: Efeito Total, Efeito Direto e Efeito Indireto.

O efeito total de X em Y pode ser representado de diversas formas. O efeito total é interpretado em quanto dois grupos que diferem em uma unidade em X estão propensos a diferir em Y . O caminho c quantifica o efeito total de X em Y e é dado por $c = c' + ab$ (Prado, Korelo & Silva, 2014).

Para a estimativa desse efeito, devem ser analisados os outros caminhos, que são os efeitos diretos e indiretos. ou seja, a é o coeficiente preditor do impacto de X em M , e b e c' são os coeficientes preditores do impacto de M e X sobre Y , respetivamente (Prado, Korelo & Silva, 2014).

O caminho b representa o efeito causal do mediador na variável dependente, sem contabilizar o impacto da variável independente. Já o caminho c' representa o efeito causal direto da variável independente sobre a dependente controlado pelo mediador. Na linguagem da análise de caminhos, c' quantifica o efeito direto de X em Y , enquanto que o produto de a e b , quantifica o efeito indireto de X em Y por meio do mediador M (Prado, Korelo & Silva, 2014).

O caminho b também pode ser considerado um efeito direto, porém do mediador sobre a variável dependente. O efeito indireto (ab ou $a * b$) é a diferença entre o efeito total e o efeito direto. O efeito indireto é representado pelos dois caminhos (a e b) que ligam X a Y por meio de M (Prado, Korelo & Silva, 2014).

Para derivar esses efeitos, é necessário se estimar os componentes que constituem os efeitos indiretos, ou seja, o efeito de X em M , assim como o efeito de M sobre Y (Hayes, 2013).

No modelo de mediação múltipla o efeito indireto é dado igualmente por $c - c'$, no entanto, as equações de regressão estimadas são diferentes, visto consistir num modelo com vários mediadores (MacKinnon, 2008; Preacher & Hayes, 2008).

Neste estudo foi aplicado também o método bootstapp, a base da técnica é a obtenção de um “novo” conjunto de dados, por reamostragem do conjunto de dados original (Efron & Tibishirani, 1993).

A distribuição empírica é obtida reamostrando a amostra original (x) vezes, estimando-se em cada uma dessas reamostras, o efeito indireto (Preacher & Hayes, 2008; Yay, 2017). Através da

distribuição empírica para o efeito indireto é possível obter o erro padrão deste efeito, o seu p-value e construir-lhe intervalos de confiança, os quais são assimétricos (Goldstein, 2016)).

A estimativa de bootstrap do efeito indireto corresponde à média da distribuição gerada, ou seja, à média (\bar{x}) das estimativas obtidas do efeito indireto (MacKinnon, 2008). O intervalo de confiança a $100 \times 1 - \alpha$ % permite concluir sobre a presença ou não de mediação, sendo a forma mais utilizada o recurso aos percentis associados ao bootstrap, através dos quais se obtêm os percentis empíricos, correspondentes a $\frac{\alpha}{2}$ e $1 - \frac{\alpha}{2}$ como limites do IC (Yay, 2017).

Posto isto, o principal objetivo do estudo é determinar fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil de treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

Participantes

Neste estudo participaram 31 treinadores (N=31), sendo 21 do género masculino e 10 do género feminino, com idades entre os 23 e os 60 anos, com uma média de idades de 40,65.

Os dados foram obtidos de forma anónima, através de um questionário, garantindo a confidencialidade dos mesmos.

Objetivos e Hipóteses do Estudo

Para o presente estudo determinámos o seguinte objetivo:

- Determinar fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil de treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

No que toca às hipóteses de estudo definimos as seguintes:

- O Treinador de Perfil Jogador Reciclado e a Tomada de Decisão Autoritário, exercem um efeito de mediação entre o Estilo de Planificação Rígido e o Perfil de Treinador Tradicional.
- O Treinador de Formação Académica e o Estilo de Tomada de Decisão Democrático exercem um efeito de mediação entre o Estilo de Planificação Flexível e o Perfil Inovador por parte dos Treinadores de Desporto Adaptado.
- O Treinador de Formação Autodidata e a Tomada de Decisão Autoritário exercem um efeito de mediação entre o estilo de planificação flexível e o Perfil de Treinador Dialogador.

Análise Estatística

A análise dos dados foi efetuada com recurso ao programa de análise estatística SPSS (v.23.0), onde utilizámos os intervalos de confiança para mediação, com um nível de confiança de 95%. Todos os dados foram agrupados por variável, calculando de seguida as médias de cada variável.

Neste estudo foi testado o modelo de mediação para as variáveis em questão, no qual foi utilizado o macro Process v. 3 de Hayes (2018) – o modelo 6, utilizando o método *bootstrap* com

10000 amostras. Determinámos assim uma variável para X como variável independente (Grau de Formação), uma variável para Y como variável dependente (Tomada de Decisão), e 2 mediadores, sendo M1 (Estilo de Planificação) e M2 (Perfil de Treinador), para auferir se as variáveis se influenciam, ou seja, se a variável X tem influência em Y.

Este processo permitiu-nos obter os efeitos diretos e indiretos de cada variável do modelo, e o efeito total do mesmo.

Resultados

As figuras seguintes apresentarão os dados relativos ao processo de mediação de cada hipótese. As mediações foram realizadas da seguinte forma: Tipo de Formação (X), Tomada de Decisão (Y), Estilo de Planificação (M2) e o Perfil do Treinador (M2).

A figura 9 apresenta a mediação entre o Jogador Reciclado (X), Autoritário (Y), Planificação Rígida (M1) e Perfil Tradicional (M2).

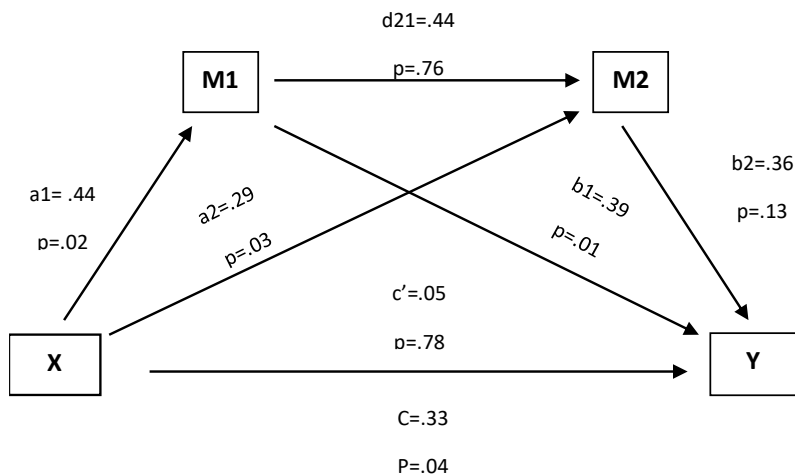


Figura 8 - Mediação entre o Jogador Reciclado, Tomada de Decisão Autoritário, Planificação Rígida e Perfil Tradicional

Para explicar as ligações existentes entre as variáveis, foram encontrados valores para as análises de regressão, sendo que a 1ª análise de regressão é a que liga o X com M1 caracterizada pelo coeficiente a_1 , a 2ª análise de regressão é a que liga o X com M2 caracterizada pelo coeficiente a_2 , a ligação entre M1 e M2, apresentada pelo coeficiente d_{21} . Em relação à análise de regressão 3, esta é ligação entre o Y e o M1, M2 e X, caracterizado pelo coeficiente b_1 , b_2 e c' .

O efeito total da nossa mediação é apresentado pelo coeficiente C.

A ligação c' , vai representar o efeito direto da variável independente sobre a dependente, através dos mediadores, sendo assim obtivemos os seguintes valores:

Efeito Direto de X em Y

$C'=.05$; $P=.78$; IC 95% [-.28, .38]

Para analisar uma mediação é necessário ter em conta o efeito indireto, ou seja, o efeito de X em M, assim como o efeito de M sobre Y (Hayes, 2013). Posto isto, verificámos os seguintes valores:

a_1b_1 (Ind1): $X \rightarrow M1 \rightarrow M2$	\longrightarrow	X - JReciclado; M1- PRígido; M2 - PTradicional
$B= .17$, $SE= .11$, 95% IC [.03, .44]		
a_2b_2 (Ind2): $X \rightarrow M2 \rightarrow Y$	\longrightarrow	X - JReciclado; M2 - PTradicional; Y - PAutoritário
$B= .10$, $SE= .07$, 95% IC [-.05, .26]		
$a_1d_2b_2$ (Ind3): $X \rightarrow M1 \rightarrow M2 \rightarrow Y$	\longrightarrow	X - JReciclado; M1- PRígido; M2 - PTradicional; Y - PAutoritário
$B= .06$, $SE= .02$, 95% IC [-.03, .06]		

De seguida, a figura 10 representa a mediação entre a Formação Académica (X), Tomada de Decisão Democrático (Y), tendo como mediadores a Planificação Flexível (M1) e o Perfil Inovador (M2).

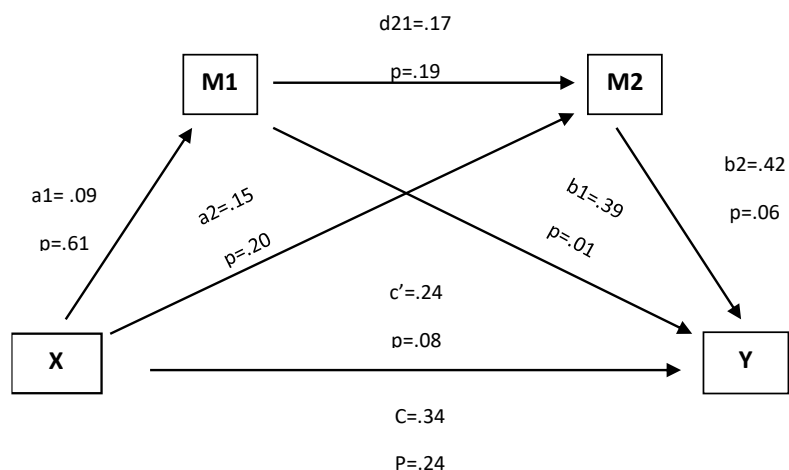


Figura 9 - Mediação entre a Formação Académica, Tomada de Decisão Democrático, Planificação Flexível e Perfil Inovador

Foram encontrados valores para explicar as ligações existentes entre as variáveis, a isto chamamos de análises de regressão, sendo que a 1ª análise de regressão é a que liga o X com M1 caracterizada pelo coeficiente a_1 , a 2ª análise de regressão é a que liga o X com M2 caracterizada pelo coeficiente a_2 , a ligação entre M1 e M2, apresentada pelo coeficiente d_{21} . Em relação à análise de regressão 3, esta é ligação entre o Y e o M1, M2 e X, caracterizado pelo coeficiente b_1 , b_2 e c' . O efeito total encontrado é dado pelo coeficiente C.

Em seguida obtivemos o efeito direto, em que é o efeito provocado de X em Y, controlado pelo meio dos mediadores:

Efeito Direto de X em Y

$C'=.24, P=.08, IC\ 95\% [-.03, .51]$

Obtivemos também os valores do efeito indireto, que significa o efeito de uma variável sobre outra, no qual existem as variáveis mediadoras:

$a_1b_1(Ind1): X \rightarrow M1 \rightarrow Y$

$B= .03, SE= .09, 95\% IC [-.09, .28]$

$a_2b_2 (Ind2): X \rightarrow M2 \rightarrow Y$

$B= .06, SE= .11, 95\% IC [-.04, .39]$

$a_1d_2b_2 (Ind3): X \rightarrow M1 \rightarrow M2 \rightarrow Y$

$B= .006, SE=.03, 95\% IC [-.06, .08]$

X – FAcadémica; M1 – PFlexível; Y – TDemocrático.
X – FAcadémica; M2 – PInovador Y – TDemocrático.
X - FAcadémica; M1 – PFlexível; M2 – PInovador; Y – TDemocrático.

A figura 11 representa o modelo constituído pela Formação Autodidata (X), Tomada de Decisão Autoritário (Y), sendo os moderados a Planificação Flexível (M1) e o Perfil Dialogador (M2).

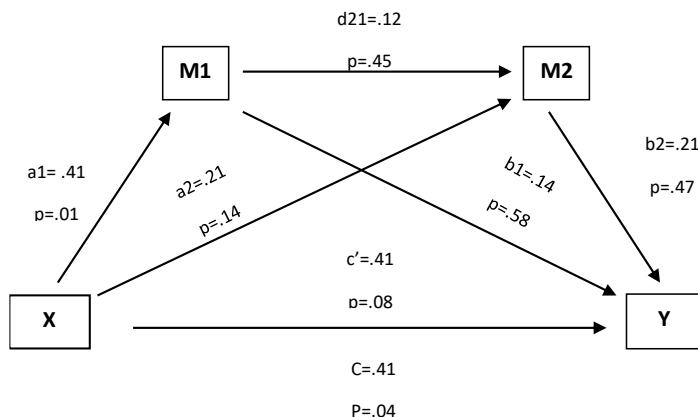


Figura 10 - Mediação entre a Formação Autodidata, Tomada de Decisão Autoritário, Planificação Flexível, Perfil Dialogador

Obtivemos os valores para explicar as ligações existentes entre as variáveis, na qual denominamos de análises de regressão, sendo que a 1ª análise de regressão é a que liga o X com M1 caracterizada pelo coeficiente a_1 , a 2ª análise de regressão é a que liga o X com M2 caracterizada pelo coeficiente a_2 , a ligação entre M1 e M2, apresentada pelo coeficiente d_{21} . No que toca à análise de regressão 3, esta é ligação entre o Y e o M1, M2 e X, caracterizado pelo coeficiente b_1, b_2 e c' . O efeito total encontrado é dado pelo coeficiente C.

Encontrámos também os valores do efeito direto, denominado por c' , que avalia o efeito da variável independente sobre a variável dependente:

Efeito Direto de X em Y

$C'=.41, P= .08, IC\ 95\% [-.06, .89]$

Foram encontrados 3 efeitos indiretos neste modelo, onde analisa o efeito provocado pela variável dependente sobre a variável independente, adicionando as variáveis moderadoras:

a1b1(Ind1): X → M1 → Y

B=.06, SE=.12, 95 IC [-.27, .22]

a2b2 (Ind2): X → M2 → Y

B=-.05, SE= .09, 95% IC [-.24, .14]

a1d21b2 (Ind3): X → M1 → M2 → Y

B= -.01, SE= .05, 95% IC [-.12, .09]

X – FAutodidata; M1 – PFlexível;
Y – TAutoritário

X-FAutodidata; M2 - PDialogador;
Y – TAutoritário.

X - FAutodidata; M1 – PFlexível;
M2-PDialogador;Y- TAutoritário.

Discussão de Resultados

O presente estudo teve como objetivo determinar os fatores de mediação da tipologia da planificação e perfil de treinador, exercidas entre o grau de formação e tomada de decisão numa amostra de treinadores portugueses de desporto adaptado.

Para analisarmos os efeitos de mediação foi utilizado o comando “Process”, que consiste num procedimento para o SPSS que disponibiliza as ferramentas necessárias para o teste de várias formas de interação entre as variáveis e que gera efeitos diretos e indiretos em modelos de mediação e moderação (Hayes, 2012).

Em relação às hipóteses formuladas para este estudo foi possível verificar que:

Hipótese 1 - *O Treinador de Perfil Jogador Reciclado e a Tomada de Decisão Autoritário, exercem um efeito de mediação entre o Estilo de Planificação Rígido e o Perfil de Treinador Tradicional*

Não foi possível aceitar, visto que apresentam valores de confiança em que inclui o número 0. Apenas no primeiro efeito indireto encontrado das variáveis Perfil de Jogador Reciclado, Estilo de Planificação Rígido e a Tomada de Decisão Autoritário, em que o intervalo foi [.03,.44], verificámos um efeito de mediação.

Hipótese 2 - *O Treinador de Formação Académica e o Estilo de Tomada de Decisão Democrático exercem um efeito de mediação entre o Estilo de Planificação Flexível e o Perfil Inovador por parte dos Treinadores de Desporto Adaptado.*

Também não foi possível aceitar, visto que em todos os efeitos indiretos encontrados, incluíam o número 0 dentro do seu intervalo de confiança.

Hipótese 3, *O Treinador de Formação Autodidata e a Tomada de Decisão Autoritário exercem um efeito de mediação entre o estilo de planificação flexível e o Perfil de Treinador Dialogador.*

Esta hipótese não foi aceite devido a que nos resultados dos efeitos indiretos das variáveis, nos intervalos de confianças, o número 0 está incluído.

Podemos verificar que a nossa investigação apresenta resultados que sugerem que as mediações propostas não apresentam um efeito significativo, no qual pudemos verificar nas 4 análises de regressão representadas pelas letras a, b, c', d. Para que existisse um efeito significativo era necessário que todos os valores apresentassem um nível de significância superior a 0,05, sendo apenas verificado em algumas análises de regressão.

Podemos verificar no modelo em que avalia a mediação entre o Jogador Reciclado, Autoritário, Planificação Rígida e Perfil Tradicional, na análise de regressão nº1 (a1), no qual apresenta um valor de $p=.02$, verificamos também a existência de um valor significativo na análise de regressão nº2, mas apenas no valor de a2 que é de $p=.03$, mas podemos concluir que são valores praticamente nulos.

Relativamente o efeito total do Jogador Reciclado (x) e Autoritário (y), este apresenta um valor de $p=.04$, o que significa um efeito estatisticamente significativo, mas no que toca ao efeito direto, este deixa de ter um efeito estatisticamente significativo ($p=.78$), devido a ser superior a 0,05.

Quanto ao modelo em que realiza a mediação entre a Formação Académica, Tomada de Decisão Democrático, com a Planificação Flexível (M1) e o Perfil Inovador (M2), podemos verificar que na análise de regressão nº2, o valor de b1 apresenta um valor estatisticamente significativo de $p=.01$, mas também praticamente nulo. No que toca ao efeito total da Formação Académica (x) e da Tomada de Decisão Democrático(y), este apresenta um efeito significativo, mas passa a não ter um efeito significativo no efeito direto, apresentando assim um valor de $p=.08$.

Por último, o modelo que representa a mediação entre Formação Autodidata, Tomada de Decisão Autoritário, a Planificação Flexível (M1) e o Perfil Dialogador, podemos verificar na análise de regressão nº1, o valor de a1 apresenta um valor estatisticamente significativo de $p=.01$, o que se verifica extremamente baixo, quase nulo.

Ao observarmos o efeito total de Formação Autodidata (x) com a Tomada de Decisão Autoritário (y), verificamos um valor significativo de $p=.04$, mas perde o seu valor estaticamente significativo no efeito direto ($p=.08$).

Capítulo 4: Conclusões

5. Conclusões

Através dos estudos desta dissertação, foi-nos possível alargar os nossos conhecimentos acerca do desporto adaptado e sobre os treinadores que estão envolvidos neste domínio profissional dentro desta área que tanto tem para dar e evoluir.

Posto isto, em termos de conclusões mais específicas acerca dos nossos objetivos definidos, foi-nos possível verificar:

- Os treinadores de desporto adaptado apresentam um grau de formação académica, uma tipologia de planificação flexível, um perfil de treinador inovador que lhes permite ser mais criativo de maneira a que os atletas fiquem sempre motivados, e em termos de tomada de decisão optam por um estilo mais democrático;
- Verificámos que existe uma relação positiva entre as variáveis do grau de formação, da tipologia de planificação, do perfil do treinador e da tomada de decisão, isto é, globalmente, à medida que uma variável aumenta.
- Em termos de comparação entre géneros, foi possível verificar que não existem diferenças entre os géneros, apesar de as mulheres apresentarem uma média mais elevada em todas as dimensões;
- No que toca às mediações da tipologia de planificação e do perfil de treinador sobre o grau de formação e a tomada de decisão, os efeitos evidenciaram que não existe efeito de mediação.

Para dar resposta à nossa problemática de estudo, verificámos que o grau de formação académica dos treinadores tem influência em relação ao estilo de planificação, no processo decisional, e na sua orientação em relação ao treino, pois ao observarmos as correlações existentes entre as variáveis, a maioria das variáveis apresentam valores positivos, sugerindo que os treinadores o grau de formação ajuda a criar um perfil adequado para atuar nesta área do desporto.

Como aplicação prática dos resultados do nosso estudo, seria importante realizar ações de formação contínua com treinadores, refletindo os nossos resultados no sentido de uma modelação do comportamento destes em treino, tomando assim uma maior consciência da sua intervenção perante a deficiência.

6. Limitações e Recomendações

Após a reflexão e análise dos resultados obtidos, verificámos algumas limitações e sugestões, sendo elas:

❖ Limitações:

- A falta de treinadores certificados pelo IPDJ, que tivessem uma formação específica ligada à área do desporto adaptado;
- A falta de informação publicada acerca do tema de desporto adaptado dificultando a comparação de resultados e também para a nossa metodologia.

❖ Sugestões:

- Sugere-se que se efetue este tipo de investigação com uma amostra maior;
- Realização de uma investigação acerca da comparação entre os géneros e os anos de experiência.

Referências Bibliográficas

- Aaronson, N., Alonso, J., Burnam, A., Lohr, K. N., Patrick, D. L., Perrin, E., & Stein, R. E. (2002). Assessing health status and quality-of-life instruments: attributes and review criteria. *Quality of life research: an international journal of quality of life aspects of treatment, care and rehabilitation*, 11(3), pp. 193–205. <https://doi.org/10.1023/a:1015291021312>
- Abernethy, B., Summer, J. & Ford, S. (1998) Issues in the measurement of attention. Em J. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp.173-193). Morgantown: FIT.
- Adams, R., Daniel, A., Cubbin, J. & Rullman, L. (1985). *Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico*. Manole.
- Alexandre, C. Gallasch C., Lima M., & Rodrigues, R. (2013) Reliability in the development and evaluation of measurement instruments in the health field. *Revista Eletrónica Enfermagem*. 15(3), 802-9. <https://doi.org/10.5216/ree.v15i3.20776>
- Almeida, C. (2001). *O treinador em Portugal – Perfil social, caracterização da actividade e formação*. Instituto da Juventude e do Desporto.
- Almeida, C., & Cruz, I. (2010). *Treinadoras: dirigir outros desafios, situação das treinadoras em Portugal*. Queijas. Regiset
- Alsina, P., Díaz, M., Giráldez, A., & Ibarretxe, G. (2010). Ideas clave. El aprendizaje creativo. *Barcelona: Graó*.
- Alves, J. & Araújo, D. (1996). Processamento da informação e tomada de decisão no desporto. Em J. Cruz (Ed.), *Manual de psicologia aplicada ao desporto e à actividade física* (pp. 361-388). Braga: Sistemas Humanos.
- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education. (2014) *Standards for educational and psychological testing*. American Psychological Association.
- American Psychiatric Association [APA] (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-V)*, 5ª Edição. American Psychiatric Association.

- Anderson, D., Sweeney, D., & Williams, T. (2011) *Estatística aplicada à administração e economia*. Cengage Learning.
- Araújo, J. (1987). O Treino do Treinador. *Revista Horizonte*, 4(22), 114-119.
- Araújo, J. (1994) *Ser Treinador*. Lisboa. Editorial Caminho
- Araújo, P. (1997). *Desporto adaptado no Brasil: origem institucionalização e atualidade*. Dissertação apresentada para obtenção do título de doutor na área de Estudos da Atividade Física e Adaptação. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Indesp.
- Audley, P. (2002). People with Physical and Sensory Disabilities, Participation Levels and Barriers to Physical Activity. *Western Health Board: The Department of Public Health*. (p.29)
- Ayala-Zuluaga, C., Aguirre-Loaiza, H., & Ramos-Bermúdez, S. (2015). Formación académica y experiencia deportiva de los entrenadores suramericanos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 37(4), 367-375. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.09.001>
- Azpillaga, I., González, Ó., Irazusta, S., & Arruza, J.A. (2012). Análisis y valoración de la influencia que ejerce el perfil formativo de los entrenadores en jóvenes futbolistas. *Retos. Nuevas Tendencias En Educación Física, Deporte y Recreación*, 22(2), 62-64.
- Badillo, J. (2013). *Nuevas tendencias en el entrenamiento deportivo*. Universidad Internacional Menéndez Pelayo. Espanha.
- Bagozzi, R., & Yi, Y. (1988) On the evaluation of structural equation models. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 16(1), 74-94. <https://doi.org/10.1007/BF02723327>
- Banack, H., Sabiston, C., & Bloom, G. (2011). Coach autonomy support, basic need satisfaction and intrinsic motivation of paralympic athletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 82(4), 722-730. Estados Unidos da América. Press.
- Barros, J.M., Viegas, J., & Seabra, A.C. (2001). A recreação e o desporto. Em C. Louro (Coord.), *Acção social na deficiência* (pp. 227-252). Lisboa: Universidade Aberta.

- Bastos, T., & Martin, J. (2015). The Psychosocial Dynamics of Sport Participation for Athletes with Intellectual Impairments. Em E. Linton (Ed.), *Advances in Sports Research* (pp. 1-14). Nova Iorque. Nova Science
- Béland, S., Cousineau, D. & Loye, N. (2017). Utiliser le coefficient omega de McDonald à la place de l'alpha de Cronbach. *McGill Journal of Education / Revue des sciences de l'éducation de McGill*, 52 (3), 791-804. Canada. <https://doi.org/10.7202/1050915ar>
- Bohnert, A. (2016). Wheelchair Basketball Athletes: Motives for Participation. Greenville. Tese de Mestrado Dissertação, East Carolina University.
- Brown, T. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. Nova Iorque. The Guilford Press.
- Buceta, J. (2004). *Estrategias psicológicas para entrenadores de deportistas jóvenes*. Dykinson.
- Campo-Arias, A., & Oviedo, H. (2008). Propiedades psicométricas de una escala: la consistencia interna. *Revista Salud Pública*, 10 (5), pp. 831-839. Colombia.
- Cavazani, R., Cesana, J., Da Silva, L., Cressoni, F., Tavares Junior, A., Aranha, A., & Rodrigo, A. (2013) O técnico de judô: um estudo comparativo após 10 anos da regulamentação da educação física. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 21(3), 105-17. São Paulo.
- Chelladurai, P. (2007). Leadership in Sports, Em G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Ed.), *Handbook of Sports Psychology*, (pp. 113-135). Nova Jersey. John Wiley & Sons, Inc.
- Chelladurai, P., Haggerty, T. & Baxter, P. (1989). Decision style choices of university basketball coaches and players. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 11, 201-215. Washington.
- Cidade, R. & Freitas, P. (2002). Introdução à Educação Física e ao Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 33(2), 529-539. Florianópolis

- Coluci, M., Alexandre, N., & Milani D. (2015) Construction of measurement instruments in the area of health. *Revista Ciência Saúde Coletiva*, 20(3), 925-36. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015203.04332013>
- Cortela, C., Milistetd, M., Galatti, L., Both, J., & Balbinotti, C. (2019) Perfil e desenvolvimento profissional de treinadores de tênis. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(1), 167-178. Brasil.
- Cortina, J. (1993) What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology*. 78(1), 98-104. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.78.1.98>.
- Côté, J. (2006). The development of coaching knowledge. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 1(3), 217-222. <https://doi.org/10.1260/174795406778604609>.
- Council of Europe Committee of Ministers Recommendation (1992) *European Sports Charter* (1992 Revised 2001).
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra. Edições Almedina
- Crandall, B., Klein, G., & Hoffman, R. (2006). *Working minds: A practioner's guide to cognitive task analysis*. Cambridge, Massachusetts. MIT Press.
- Cregan, K., Bloom, G., & Reid, G. (2007). Career evolution and knowledge of elite coaches swimmers with a physical disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78, 339-350. Canada. <https://doi.org/10.1080/02701367.2007.10599431>.
- Cross, S., & Madson, L. (1997). Models of the self: Self-construals and gender. *Psychological Bulletin*, 122(1), 5-37. Estados Unidos da América. <https://doi.org/10.1037//0033-2909.122.1.5>.
- Cunha, C., Almeida, P., & Stackfleth R. (2016) Main psychometric evaluation methods of measuring instruments reliability. *Revista Atenção Saúde*, 14(49), 98-103. São Caetano do Sul. <https://doi.org/10.13037/ras.vol14n49.3671>.
- Cunha, G., Mesquita, I., Moreno, M., Boleto, A., Tavares, T.M., & Silva, P. (2010). Autopercepción de las competencias profesionales de los entrenadores de fútbol en función de la experiencia personal y de la formación académica. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 10(1), 23-36.

- Curado, J. (1982). *Planeamento do Treino e Preparação do Treinador*. Lisboa. Editora Caminho,
- Cushion, C., Armour, K., & Jones, R. (2003). Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. *National Association for Physical Education in Higher Education*, 55, 215-230. <https://doi.org/10.1080/00336297.2003.10491800>
- Dall'oglio, A., Sousa, M., Paiano, M., Nayara, M., & Cornelius, R. (2017) A liderança e sua capacidade de geração de resultados. Em 13^o Encitec, Toledo, Paraná.
- Del Villar, F., & Fuentes, J.(1999). Las destrezas docentes en la enseñanza del tenis. Em J.P. Fuentes (Ed.), *Enseñanza y entrenamiento de tenis. Fundamentos didácticos y científicos*. (pp. 1-36). Dykinson.
- Demers, G., Woodburn, A. J., & Savard, C. (2006). The development of an undergraduate competency-based coach education program. *The Sport Psychologist*, 20(2), 162-173.
- Depauw, K. & Gavron, S. (2005) *Disability sport*. 2.ed. Champaign: Human Kinetics;
- Domínguez-Lara, S., & Merino-Soto, C. (2015). Sobre el reporte de confiabilidad del Clarp-TDAH, de Salamanca. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13 (2), pp. 1316-1317.
- Douglas, S., Falcão, W., & Bloom, G. (2018) Career Development and Learning Pathways of Paralympic Coaches With a Disability. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 35(1), 93-110, 2018. <http://dx.doi.org/10.1123/apaq.2017-0010>.
- Duarte, D., Teques, P., Silva, C. (2017) Liderança e satisfação no futebol: testagem da congruência com recurso a análise de equações estruturais. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 12(1),71-82. Las Palmas.
- Duarte, T., Culver, D., & Diane M. (2014) Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective. *Journal of Applied Sport Psychology*, 26, pp.441-56. <http://dx.doi.org/10.1080/10413200.2014.920935>

- Duncan, S., Strycker, L. & Chaumeton, N. (2015). Personal, Family, and Peer Correlates of General and Sport Physical Activity among African American, Latino, and White Girls. *Journal of Health Disparities Research and Practice*, 8(2), 12–28.
- Elinder, L., Bergstrom, H., Hagberg, J., Wihlman, U., & Hagstromer, M. (2010). Promoting a healthy diet and physical activity in adults with intellectual disabilities living in community residences: Design and evaluation of a cluster-randomized intervention. *BMC Public Health*, 10, 761. <http://dx.doi.org/10.1186/1471-2458-10-761>
- Estatutos do comité paralímpico de portugal (2018). Acedido a 10 de maio de 2020. Disponível em:
<https://paralimpicos.pt/documents/20181/0/Estatutos+do+Comit%C3%A9+Paral%C3%ADmpico+de+Portugal/8e96eacf-2ff5-49d9-ae6e44dba8bf7d7>
- European Scrutiny Committee (2011) Commission Communication: *European Disability Strategy 2010-2020: A Renewed Commitment to a Barrier-Free Europe*.
- Falcão, W., Bloom, G., & Loughhead, T. (2015) Coaches' Perceptions of Team Cohesion in Paralympic Sports. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 32, 206-222, 2015. <https://doi/10.1123/APAQ.2014-0122>.
- Fávero, L., & Belfiore, P. (2017) *Análise de Dados – Estatística e Modelagem Multivariada com Excel, Spss e Stata*. Elsevier Editora, Ltda.
- Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (2012). *Regulamento Geral de 2012*. Acedido em maio 15 de 2020, em <http://fpdd.org/wp-content/uploads/2018/03/Regulamento-Geral-FPDD.pdf>
- Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (2011, março). Relatório de Atividades e Contas 2010. Portugal. Olival Basto
- Feu, S., & Ibáñez, S. (2001). La visión del entrenador en la transición a través de deporte 2000. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 1(3), 177-187. Espanha.
- Feu, S., Ibáñez, S. & Gozalo, M. (2010). Influencia de la formación formal y no formal en las orientaciones que adoptan los entrenadores deportivos. *Revista de Educación*, 353, 615-640. Espanha.

- Feu, S., Ibáñez, S., Lorenzo, A., Jiménez, S., & Cañadas, M. (2012). El conocimiento profesional adquirido por el entrenador de balonmano: experiencias y formación. *Revista de Psicología del Deporte*, 21(1), 107-115. Espanha.
- Feu, S., Ibáñez, S.J., Graça, A. & Sampaio, J. (2007). Evaluación psicométrica del cuestionario de orientación de los entrenadores en una muestra de entrenadores españoles de balonmano. *Psicothema*, 19(4), 699-705. Espanha.
- Fletcher, D., & Scott, M. (2010). Psychological stress in sports coaches: A review of concepts, research and practice. *Journal of Sport Sciences*, 28(2), 127-137. <https://doi.org/10.1080/02640410903406208>.
- Fornell, C., & Larcker, D. (1981) Evaluating structural equations models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing*, 18(1), 39-50. <https://doi.org/10.2307/3151312>.
- Forteza de la Rosa, A. (2001). *Entrenamiento deportivo. Ciencia e innovación tecnológica*. Havana. Editorial Científico-Técnica.
- Fraile, A. (2005). *Metodología de la enseñanza y entrenamiento deportivo aplicado al futbol*. Espanha. Gymnos.
- Fraile, A. (2008). *Metodología de la enseñanza y entrenamiento deportivo aplicado al futbol*. Espanha. Federación Española de Fútbol.
- Fraser-Thomas, J., Côté, J. & Deakin, J. (2005). Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 10(1), 19-40. <https://doi.org/10.1080/1740898042000334890>
- Freire, M. (2009). *Agentes de socialização no desporto adaptado: o caso português do basquetebol em cadeira de rodas*. Coimbra. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
- Gamonales, J., Gómez-Carmona, C., Córdoba-Caro, L, & Ibáñez, S. (2019). Influencia del perfil de entrenador en el diseño de las tareas en el fútbol. Estudio de caso. *Journal of Sport and Health Research*. 11(1):69-82. Espanha.

- George, D., & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows step by step: A simple guide andreference. 11.0 update (4th ed.)*. Canada. Allyn & Bacon.
- Gil, A. (2002). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo. Editora Atlas.
- Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo. Editora Atlas.
- Gilbert, W., & Trudel, P. (2001). Learning to coach through experience: Reflection in model youth sport coaches. *Journal of Teaching in Physical Education*, 21(1), 16-34. <https://doi.org/10.1123/jtpe.21.1.16>
- Gilbert, W., Côté, J., & Mallett, C. (2006). Developmental Pathwaysand Activitiesof Sucessful Sport Coaches. International. *Journal of Sports Science and Coaching*, 1, 69-76. . <https://doi.org/10.1260/174795406776338526>
- Gomes, R., & Resende, R. (2014). Assessing leadership styles of coaches and testing the augmentation effect in sport. Em C. Mohiyeddini (Ed.), *Contemporary topics and trends in the psychology of sports* (pp. 115-137). Nova Science Publishers.
- Gómez-López, M., Martínez, J. & Ruiz-Sánchez, V. (2018) Orientación de los Entrenadores de Balonmano. Influencia del género, edad, experiencia, formación y dedicación semanal. *Revista de Ciencias del Deporte*, 14(1), 27-34. Espanha.
- González, J., & Pazmino, M. (2015) Cálculo e interpretación del Alfa de Cronbach para el caso de validación de la consistencia interna de un cuestionario, con dos posibles escalas tipo Likert. *Revista Publicando*, 2(1):62-77.
- Guillen, P., Copello, J., Gutierrez, C., & Guerra, S. (2018). Methodology for improving the teaching-learning process of technical-tactical elements in combat sports. *RETOS. Nuevas Tendencias En Educación Física, Deporte Y Recreación*, 34, 33-39
- Hair, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R., & Tatham, R. (2009) *Análise multivariada de dados (6th. ed.)*. São Paulo. Bookman.
- Hamel, G. (1996). Strategy as Revolution. *Harvard Business Review*, 74(4), 69-82. Estados Unidos da América.

- Hargreaves, J. (1994). *Sporting Females. Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*. Londres. Routledge.
- Hashweh, M. Z. (2005). Teacher pedagogical constructions: A reconfiguration of pedagogical content knowledge. *Teaching and Teacher Education*, (11), 189-206. <https://doi.org/10.1080/13450600500105502>
- Hayes, A. (1995) *Medindo a satisfação do cliente*. Rio de Janeiro. Editora Qualitymark,
- Hayes, A. (2018) *Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis*. Nova Iorque. Guilford Press.
- Hernández, J. L., & Velázquez, R. (1996). *La actividad física extraescolar en los centros educativos*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, Secretaria de Estado de Educación.
- Horton, S., & Deakin, J. (2008). Expert coaches in action. Em D. Farrow, J. Baker & C. MacMahon (Ed.) *Developing Sport Expertise. Researchers and Coaches put Theory into Practice* (pp. 75-88). Londres. Routledge.
- Hyde, J. S. (2005). The gender similarities hypothesis. *American Psychologist*, 60(6), 581- 592. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.6.581>.
- Ibáñez, S. J. (1996). *Análisis del proceso de formación del entrenador español de baloncesto*. Tese de Doutoramento, Universidad de Granada.
- Ibáñez, S., Parra, M., & Asensio, J. (1999). Taxonomía de medios para la iniciación al baloncesto. *Revista de entrenamiento deportivo*, 13(4), 16-24.
- ICCE, & ASOIF. (2012). *International Sport Coaching Framework Version 1.1*. Champaign: *International Council for Coaching Excellence and the Association of Summer Olympic International Federations*. Champaign: Human Kinetics.
- Ignácio, S. (2010). Importância da estatística para o processo de conhecimento e tomada de decisão. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, 118, 175-192. Brasil.

- International Paralympic Committee (2014). *About us*. Acedido em maio 14 de 2020, em <https://www.paralympic.org/ipc/who-we-are>.
- International Paralympic Committee (2016). *Results Archive, Rio 2016*. Acedido em maio 14 de 2020, em <https://www.paralympic.org/rio-2016/results/participants>.
- Johnson, D., Johnson, R., & Holubec, E. (1999). *El aprendizaje cooperativo en el aula*. Buenos Aires. Paidós.
- Johnson, R., & Wichern, D. (2007) *Applied multivariate statistical analysis, 6a edição*. Nova Jersey. Prentice Hall International.
- Jones, R. (1992). Certified Football Association Coaches: Background, Training and Role Perceptions. *British Journal of Physical Education*, 12, 2-6. Reino Unido.
- Jones, R., Armour, K., & Potrac, P. (2002). Understanding the Coaching process: a framework for social analysis. *Quest*, 54(1), 34- 48. <https://doi.org/10.1080/00336297.2002.10491765>.
- Jung, C. (2009) *Metodologia científica e tecnológica: módulo 3 – variáveis e constantes*. Rio Janeiro.
- Jupp, V. (2006) *The Sage Dictionary of Social Research Methods*. Sage. <https://dx.doi.org/10.4135/9780857020116>
- Katz, M. (2006). *Multivariable analysis (2a ed.)*. Cambridge University Press.
- Keszei, A., Novak, M., Streiner, D. (2010). Introduction to health measurement scales. *Journal of Psychosomatic Research*. 68(4), 319-23. <https://dx.doi.org/10.1016/j.jpsychores.2010.01.006>
- Kimberlin, C. & Winterstein, A. (2008). Validity and reliability of measurement instruments used in research. *American Journal of Health - System Pharmacy*. 65(23), 2276-84. <https://dx.doi.org/10.2146/ajhp070364>
- Lamour, H. (1991). *Manual para la enseñanza de la educación física y deportiva*. Buenos Aires. Paidós

- Laveault, D., & Grégoire, J. (2002). *Introdução às teorias dos testes em ciências humanas*. Porto. Porto Editora.
- Lemyre, F., Trudel, P., & Durand-Bush, N. (2007). How Youth-Sport Coaches learned to coach. *The Sport Psychologist*, 21, 191-209. <http://dx.doi.org/10.1.1.463.5911&rep=rep1&type=pdf>.
- Lima, M. (2016) Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. Em Sesc São Paulo/CEBRAP (Ed.) *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo* (pp. 10 - 31)
- Lima, T. (2001) *Com que então quer ser treinador? Basquetebol – da aprendizagem à competição*. Centro de estudos e Formação Desportiva. Compendium.
- Lledó, E., Martínez, G., & Huertas, F. (2014). Perfil del entrenador de fútbol en la etapa escolar en escuelas de clubes de élite de la Comunitat Valenciana. *Cultura Ciencia y Deporte*, 9(25), 57-68. <http://dx.doi.org/10.12800/ccd.v9i25.389>.
- López, G., Vázquez, E., Jaenes, J., & López, E. (2018). Docencia y formación de los entrenadores de rugby en Cádiz. Apunts. *Educació Física i Esports*, 134(4), 84-94. [http://dx.doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.\(2018/4\).134.06](http://dx.doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.(2018/4).134.06).
- Malacarne, M., Luiz, S., Amaral, T., & Siqueira, M. (2017) Health service evaluation in Public Health: a survey of research on assessment in Public Health Graduate Programs. *Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde*, 18(1), 62-7. Brasil.
- Mallett, C. J., Trudel, P., Lyle, J., & Rynne, S. B. (2009). Formal vs. Informal Coach Education. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 4(3), 325-334. Australia.
- Mallett, C., Côté, J. (2006). Beyond winning and losing: Guidelines for evaluating high performance coaches. *The Sport Psychologist*, 20(2), 213-221. <http://dx.doi.org/10.1123/tsp.20.2.213>
- Marconi, M. & Lakatos, E. (2002). *Técnicas de pesquisa: planejamento, execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo. Atlas.

- Marconi, M. & Laktos, E. (2000) *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis; metodologia jurídica*. São Paulo. Atlas.
- Mariano, C. (2012). Educação Física: O atletismo no currículo escolar. 2 ed. Rio de Janeiro, Em Wak. Silva, C. S. (2018) *Formação, Capacitação, Carreira e Intervenção Profissional em Educação Física na Perspetiva de Treinadores Paralímpicos Brasileiros* Tese de doutoramento, Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil.
- Marivoet, S. (2014). Challenge of Sport Towards Social Inclusion and Awareness Raising Against any Discrimination. *Physical Culture and Sport. Studies and Research*, 59, 3-11. Portugal. <https://doi.org/10.2478/pcssr-2014-0017>.
- Marques, R. & Gutierrez, G. (2014). *O Esporte Paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas*. São Paulo. Phorte.
- Marques, R. (2007). *Esporte e qualidade de vida: reflexão sociológica* Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- Martens, R. (1997). *Successful coaching: the best selling coaching book*. Estados Unidos da América. Champaign: Human Kinetics.
- Martin, D. (1999) Capacidade de performance e desenvolvimento no desporto de jovens. Em A. Marques (Ed.), *Seminário Internacional Treino para jovens* (p.137). Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Martin, J. & Whalen, L. (2014) Effective practices of coaching disability sport. *Eur J Adapt Phys Activ*, 27(2):13-23. <https://doi.org/10.5507/euj.2014.007>.
- Martin, J. (2017). *Handbook of Disability Sport and Exercise Psychology*. New. Oxford University Press.
- Matveev, L. (1997). *Periodización del entrenamiento deportivo*. Editorial Raduga.

- McMaster, S., Culver, D., & Werthner, P. (2012) Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(2) 226-243, 2012. [https:// doi/abs/10.1080/2159676X.2012.686060?journalCode=rqrs21](https://doi/abs/10.1080/2159676X.2012.686060?journalCode=rqrs21).
- Meinberg, E. (2002). Training: a special form of teaching. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2(4), 115-123.
- Mesquita, I. (2010) Contributo para uma mudança de paradigma na formação de treinadores: Razões, contextos e finalidades. Em J. Bento, G. Tani e A. Prista (Eds.), *Desporto e Educação Física em Português*. Portugal.
- Messick, S. (1989). Validity. Em R. Linn (Ed.), *Educational Measurement (3rd ed., pp. 13-103)*. American Council on Education/Macmillan.
- Milistetd, M.; Galatti, L., Collet, C., Tozetto, A. & Nascimento, J. (2017) Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógica nos cursos de bacharelado em Educação Física. *Journal of Physical Education*, 28 (28).
- Milistetd, M.; Salles, N., Brasil, Z., Saad, A.; Nascimento, V. (2015) A formação de treinadores esportivos: realidade e perspectivas. Em M. Lemos, J. Greco, J. Morales (Ed.). *V Congresso Internacional dos Jogos Desportivos*. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 285-310.
- Mockevičienė, D & Savenkovienė, A. (2012). Aspects of life quality of persons with physical disabilities. *Social Welfare Interdisciplinary Approach*. ed. Lithuania: Šiauliai University, 2 ,84-94. Lituânia.
- Mokkink, L., Terwee, C., Patrick, D., Alonso, J., Stratford, P., Knol, D., et al.(2010) The COSMIN study reached international consensus on taxonomy, terminology, and definitions of measurement properties for health-related patient-reported outcomes. *Journal of Clinic Epidemiology*. 63(7):737-45. [https://doi.org/ 10.1007/s11136-010-9606-8](https://doi.org/10.1007/s11136-010-9606-8).
- Morales, P. (1998). *Medición de actitudes en psicología y educación: construcción de escalas y problemas metodológicos*. Tartalo: Universidad de Comillas.
- Moran, T., & Block, M. (2010). Barriers to Participation of Children with Disabilities in Youth Sports. *Teaching Exceptional Children Plus*, 6(3).

- Moreno, A., Miranda M, Blanco, M., & Sánchez, L. (2018). Diagnóstico de capacitación a entrenadores de Bádminton de la iniciación deportiva en Pinar del Río, Cuba. *PODIUM - Revista de Ciencia y Tecnología en la Cultura Física*, 13(1), 24-30. Cuba.
- Moreno, P., Del Villar, F. (2004). *El entrenador Deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación*. Barcelona. Inde.
- Mosston, M. (1978). *La Enseñanza de la Educación Física: Del comando al descubrimiento*. Granada. Paidós.
- Mosston, M., & Ashworth, S. (1993). *La Enseñanza de la educación física*. Bracelona. Hispano Europea.
- Muñiz, J. (1996). *Teoría clásica de los test*. Oviedo. Pirámide.
- Nash, C., & Collins, D. (2006). Tacit Knowledge in expert coaching: Science or art? *Quest*, 58(4), 465-477. <http://dx.doi.org/10.1080/00336297.2006.10491894>.
- Nazarudin, M., Fauzee, M., Jamalis, M., Geok, S., Din, A. (2009). Coaching Leadership Styles and Athlete Satisfactions Among Malaysian University Basketball Team. *Research Journal of International Studies*, (9), 4-11.
- Nelson, L., & Cushion, C. (2006). Reflection in coaching education: The casa of the national governing body coaching certificate. *The Sport Psychologist*, 20, 174-183. Brunel.
- Norman, L. (2008). The UK coaching system is failing women coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 3, 447-464. Leeds. <https://doi.org/10.1260/174795408787186431>
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric Theory (3rd. ed.)*. Nova Iorque. McGraw-Hill.
- Oliveira, R. (2005). A planificação, programação, e periodização do treino em futebol. Um olhar sobre a especificidade do jogo de futebol. *Revista Digital de Educación Física y Deportes*, 10(89), 1-1.

- Olmedilla, A., Ortega-Toro, E., Boladeras, A., Ortín, F., & Bazaco, M.(2013). Entrenamiento en estrategias y técnicas psicológicas y percepción de ayuda en futbolistas juveniles. *SportTK. Revista Euroamerica de Ciencias del Deporte*, 2(1), 51- 58. <https://doi.org/10.6018/185751>.
- Oviedo, H., & Campo-Arias, A. (2005). Aproximación al uso del coeficiente alfa de Cronbach. *Revista Colombiana de Psiquiatría*, 34 (4), 572-580.
- Oyanguren, I. (2004). El deporte escolar y el profesorado de educación física. Tesis de doutoramento, Universidad del País Vasco - Euskal Herriko Unibertsitatea.
- Pacheco, R. (2002). *Caracterização da Intervenção do Treinador na Reunião de Preparação da Equipa para a Competição no Futebol*. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Pascual, C. (2000). La pedagogía crítica: una cuestión ética. Em O. Contreras (Ed.), *La formación inicial y permanente del profesor de Educación Física. Actas del XVIII Congreso Nacional de Educación Física* (pp. 73-93). Castilla La Mancha. Servicio de Publicaciones de la Universidad.
- Pasquali L. (2013) *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis. Vozes.
- Pazo, C., Sáenz-López, P., Fradua, L., Barata, A., & Coelho, M.J. (2011). La formación de los jugadores de fútbol de alta competición desde la perspectiva de los coordinadores de cantera. *Apunts. Educació Física i Esports*, 104(2), 56-65. [http://dx.doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.\(2011/2\).104.06](http://dx.doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.(2011/2).104.06)
- Pérez, R. (2002) Caracterización del entrenador del alto rendimiento deportivo. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 2(1):15-37. Tarragona.
- Petitpas, A., Cornelius, A., Van Raalte, J., & Jones, T. (2005). A framework for planning youth sport programs that foster psychosocial development. *The Sport Psychologist*, 19(1), 63-80.
- Pieron, M. (1999). *Para una enseñanza eficaz de la actividades físico-deportivas*. Espanha. Inde.

- Polit, D., & Beck, C. (2011) *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. Porto Alegre: Artmed.
- Pulido, J., Sánchez-Oliva, D., Sánchez-Miguel, P., Leo, F., & García-Calvo, T. (2016). Influencia de la formación de los entrenadores sobre la motivación de los deportistas. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 16(64), 685-702. <http://dx.doi.org/10.15366/rimcafd2016.64.005>.
- Ramos, S., Ayala, C. & Aguirre, H. (2012) Planificación del entrenamiento en Juegos Suramericanos. Medellín 2010. Modelos, duración y criterios. *Revista U.D.C.A. Actualidad & Divulgación Científica*, 15, 67-76.
- Resende, R., & Gilbert, W. (2015). Desporto juvenil: Formação e competências do treinador. Em R. Resende, A. Albuquerque, & A. R. Gomes (Eds.), *Formação e saberes em desporto, educação física e lazer* (pp. 17-38). Visão & Contextos.
- Revelle, W., & Zinbarg, R. (2009) . Coefficients Alpha, Beta, Omega, and the glb: comments on Sijtsma. *Psychometrika*, 74(1),145–154. <https://doi.org/10.1007/s11336-008-9102-z>
- Reverter J, Jové C, Fonseca T., & Navarro E. (2012). Análisis de la planificación del entrenamiento en los deportes de equipo. *Movimiento humano*, 3, 79-98. Espanha.
- Reyes, Y., Quián, Y., Santana, G., & García, J. (2019) Programa de capacitación no formal para la preparación de entrenadores de fútbol de la liga de tercera división en Danlí, Honduras. *Revista de Ciencia Y Tecnología en La Cultura Física*, 14(1), 71-80.
- Rimmer, J., Riley, B., Wang, E., Rauworth, A., & Jurkowski, J. (2004). Physical Activity Participation Among Persons with Disabilities. Barriers and Facilitators. *American Journal of Preventive Medicine*, 26(5), 419-425.
- Ringle, C., Da Silva, D., & Bido, D. (2014) Modelagem de equações estruturais com utilização do SmartPLS. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), pp. 56-73. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2717>
- Roach, K. (2006) Measurement of health outcomes: reliability, validity and responsiveness. *Journal of Prosthetics and Orthotics*. 18(1), 8-12. Chicago.

- Roberton, T., Bucks, R. S., Skinner, T. C., Allison, G. T., & Dunlop, S. A. (2011). Barriers to Physical Activity in Individuals with Spinal Cord Injury: A Western Australian Study. *Australian Journal of Rehabilitation Counselling*, 17(2), 74-88. Australia.
- Roberts, P., & Priest H. (2006) Reliability and validity in research. *Nursing Standard*. 20(44):41-5. 37.
- Rodrigues, M., Pita, J., & Pereira, A. (2013). *O Deficiente e o Desporto: A primeira participação feminina portuguesa nos Jogos Anuais de Stoke Mandeville (1962). Livro de Resumos do Congresso Desporto no Feminino: As Mulheres e o Desporto nos séculos XIX e XX* (pp.46-48). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Romero, R., & Becali, A. (2014). *Metodología del entrenamiento deportivo. La Escuela Cubana*. Cuba. Editorial Deportes.
- Salazar, C., Flores, P., Pérez, M., Gómez, J., & Hernández, J. (2016). Formación y conocimientos del entrenador mexicano universitario. *Revista Mexicana de Investigación en Cultura Física y Deporte*, 7(9), 187-201.
- Salmela, J. (1994). Phases and transitions across sport careers. Em D. Hackfort (Ed.), *Psychosocial Issues and Interventions in Elite Sports*, (pp. 11-28). Frankfurt. Laing.
- Santos, J., Almeida, M., Oliveira, C., Fernandes, R., & Cruz-Santos, A. (2013). Desporto Adaptado em Portugal: do conceito à prática. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 18(5). <https://doi.org/10.12820/rbafs.v.18n5p623>
- Santos, P., Castelo, J., & Silva, P. (2011). O processo de planeamento e periodização do treino em futebol nos clubes da principal liga portuguesa profissional de futebol na época 2004/2005. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25 (3), 455-472.
- Saraiva, J., Almeida, M., Oliveira, C., Fernandes, R., Cruz-Santos, A. (2013) Desporto Adaptado em Portugal: do Conceito à prática. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 623-635. <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.v.18n5p623>
- Sbicigo, J., Bandeira, D., Dell'Aglio, D. (2010) Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Revista Psico-USF*, 15(3), 395-403.

- Schalock, R., Borthwick-Duffy, S., Bradley, V., Buntinx, W., Coulter, D., Craig, E., Gomez, S., Lachapelle, Y., Luckasson, R. & Reeve, A. (11^o Ed.) (2010). *Intellectual Disability – Definition, Classification, and Systems of Supports*. Washington, D.C.: American Association Intellectual and Developmental Disability.
- Schon, D. (2010) *La formación de los profesores reflexivos*. Barcelona. Paidós.
- Seiru-lo, F. (1987). Opción de planificación en los deportes de largo periodo de competiciones. *Revista de Entrenamiento Deportivo*, 1 (3), 53-62.
- Sicilia, A. (2005). La pedagogía crítica: una cuestión de política (y de ética). Em A. Sicilia & J.M. Fernández Balboa, *La otra cara de la enseñanza: La educación física desde una perspectiva crítica*, (pp. 159-173). Inde.
- Siedentop, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education*. Mountain View.
- Sijtsma K. (2009) On the use, the misuse, and the very limited usefulness of Cronbach's alpha. *Psychometrika*, 74(1),107-20. <http://dx.doi.org/10.1007/s11336-008-9101-0>.
- Silva, A., Marques, R., Pena, L., Molchansky, S., Borges, M., Campos, L., & Gorla, J.(2013). Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 679-687. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092013005000010>
- Silva, J., & Ribeiro-Filho, N. (2006) *Avaliação e mensuração da dor: pesquisa, teoria e prática*. Ribeirão Preto. FUNPEC.
- Simão, J. (1998) *A formação do treinador: análise das representações de treinadores em relação à sua própria formação*. Tese de Mestrado, Lisboa: UTL-FMH.
- Simon, H. (1990). Prediction and prescription in systems modelling. *Operations Research*, 38(1), 7-14. <http://dx.doi.org/10.1111/jan.12402>.
- Sousa, A. (2014). A experiência vivida de atletas paralímpicos: narrativas do desporto paralímpico português. Porto: Tese de Doutoramento: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Sousa, C., Cruz, J., Torregrosa, M., Vilches, D., & Viladrich, C. (2006). Evaluación conductual y programa de asesoramiento personalizado a entrenadores (PAPE) de deportistas jóvenes. *Revista de Psicología del Deporte*, 15 (2), 263-278. Barcelona.
- Special Olympics, Inc., (2001) What is Special Olympics? Releases. Washington
- Special Olympics, Inc., Tennis (1997) Special Olympics Sports Skill Program. Washington.
- Starkes, J. (2000). The road to expertise: is practice the only determinant? *International Journal of Sport Psychology*, 31, 431-45. Australia.
- Sterman, J.(1991). A skeptic's guide to computer models. Em G. Barney, W. Kreutzer & M. Garrett (Eds.), *Managing a Nation; The Microcomputer Software Catalog* (pp. 209-229). Boulder. Westview Press.
- Stoszkowski, J. & Collins, D. (2017). Using shared online blogs to structure and support informal coach learning—part 1: a tool to promote reflection and communities of practice. *Sport, Education and Society*, 22(2), 247-270. <http://dx.doi.org/10.1080/13573322.2015.1019447>
- Streiner, D. (2010) Starting at the beginning: an introduction to coefficient alpha and internal consistency. *Journal of Personality Assessment*. 80(1), 99-103. https://doi.org/10.1207/S15327752JPA8001_18
- Streiner, D., & Kottner, J. (2014) Recommendations for reporting the results of studies of instrument and scale development and testing. *Journal of Advanced Nursing*. 70(9), 1970-9. <https://doi.org/10.1111/jan.12402>
- Tawse, H., Bloom, G., Sabiston, C., & Reid, G. (2012). The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(2), 206-225. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.685104>.

- Townsend, R., Smith, B. & Cushion, C. (2015) Disability sports coaching: towards a critical understanding. *Sports Coach Rev*, 4(2), 80-98. <https://doi/10.1080/21640629.2016.1157324>.
- Trudel, P., Gilbert, W., & Werthner, P. (2010). Coach education effectiveness. Em J. Lyle & C. Cushion (Eds.), *Sports coaching: Professionalization and practice* (pp. 135-152). Amesterdão. Elsevier.
- Urbano-Arévalo, F., Mancha-Triguero, D., Gómez-Carmona, C., & Gamonales, J. (2020). Influencia del perfil del entrenador en el diseño de tareas en fútbol-base. Estudio de casos. *Retos*, 38(38), 204-212. Retirado de <https://185.79.129.203/index.php/retos/article/view/74456>
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre. Artmed.
- Vaello, J. (2009). *El profesor emocionalmente competente*. Barcelona. Graó.
- Vargas Molina, S. (2015). *Planificación, Programación y Periodización de la Hipertrofia*. PubliCE Lite.
- Viciano, J., & Zabala, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidad de los entrenadores deportivos. Una investigación sobre las instrucciones a escolares en fútbol de competición. *Revista de Educación*, 335, 163-187.
- Vizcaíno, C., Sáenz-López, P., Rebollo, J., & Conde, C. (2014). Opinión de entrenadores, árbitros y expertos sobre la enseñanza del minibasket desde una perspectiva cualitativa. *Retos. Nuevas Tendencias En Educación Física, Deporte y Recreación*, 25(1), 9-12. Espanha.
- Wareham, Y., Burkett, B., Innes, P., & Lovell, G. (2017) Coaching athletes with disability: preconceptions and reality. *Sport in Society*, 20(9) 1185-1202. <https://doi/abs/10.1080/17430437.2016.1269084?journalCode=fcss20>.
- Weinberg, R., & Gould, D. (2010) *Fundamentos de Psicología do Deporte y del Ejercicio Físico (4ª Edición)*. Murcia. Editorial Médica Panamericana.
- Wellichan, D., Santos, M. (2019) *Qualidade de vida e deficiência: o CrossFit Adaptado como experiência* (Trabalho não publicado).

Werthner, P., & Trudel P. (2006). A New Teoretical Perspective for Understanding How Coaches learning to coach. *The Sport Psychologist*, 20, 198-212.
<http://dx.doi.org/10.1123/tsp.20.2.198>

Winnick, J. (1990) *Adapted Physical Educacation and Sport*. Champaign: Human Kinectics.

Anexos

Anexo A - Questionário aplicado aos Treinadores de Desporto Adaptado

Caro(a) Treinador / Treinadora:

O questionário que lhe apresentamos faz parte de uma investigação que estamos a realizar na **Escola Superior de Educação de Castelo Branco**. Esta investigação pretende averiguar o Modelo do *Treinador de Desporto Adaptado – Caracterização do perfil de formação, orientação no treino, estilo de decisão e de planificação* e as variáveis que os afectam. Para isso necessitamos que responda aos seguintes questionários sobre os modelos e as variáveis que afectam o Treinador, bem como, o questionário sobre os seus dados pessoais e da equipa que treina.

Este questionário divide-se em três partes e no início de cada uma delas encontrará instruções para poder responder. Para facilitar, quase todas as perguntas se respondem escolhendo um valor e rodeando-o com um círculo, não tendo portanto que escrever ou redigir qualquer frase.

Esta investigação garante que todos os dados pessoais recolhidos se manterão no maior sigilo e anonimato.

Você foi seleccionado entre uma amostra de Treinadores e a sua colaboração é muito importante para esta investigação. **Por favor, responda a todas as perguntas de forma sincera e verdadeira.**

MUITO OBRIGADO!

Nº DO QUESTIONÁRIO:

QUESTIONÁRIO: MOD-EN

INSTRUÇÕES PARA RESPONDER AO QUESTIONÁRIO

Este questionário pretende averiguar as preferências dos Treinadores face às distintas situações ou problemas que surgem durante o treino. Para responder, siga as seguintes instruções:

1. Leia o cabeçalho em negrito com muita atenção e seguidamente leia atentamente cada ítem.
2. Rodeie com um círculo o valor que mais se ajuste com o seu grau de acordo ou desacordo con o ítem e com as suas preferências como Treinador

0 10 20 30 **40** 50 60 70 80 90 100

3. Se se enganar marque com um "x" e rodeie com um círculo a resposta que pretende.

0 10 20 ~~30~~ 40 50 60 **70** 80 90 100

4. Por favor responda a todos os ítems com a maior sinceridade possível.

MUITO OBRIGADO

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

	Totalmente em desacordo	Totalmente de acordo
1. Procurar meios e recursos materiais que melhorem o treino e abandonar os que não sirvam.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Utilizar o discurso e a palavra como um meio para conduzir o treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Criar nos jogadores um ambiente favorável à aceitação de novas tecnologias durante o treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
4. Inovar e procurar métodos e técnicas não habituais na minha modalidade.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
5. Analisar tudo até ao último detalhe de modo a eliminar todos os erros.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
6. Questionar os métodos de treino utilizados, procurando os mais perfeitos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
7. Dirigir pessoalmente todo o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
8. Ter jogadores que sigam fielmente as minhas instruções	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
9. Delegar funções e responsabilidades nos meus ajudantes	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
10. Planificar sozinho todo o processo de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

	Totalmente em desacordo	Totalmente de acordo
11. Inovar e experimentar na planificação do treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
12. Convencer os meus ajudantes através do diálogo sobre o melhor processo de treino a seguir.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
13. Fomentar um clima de treino onde todos saibam o que têm que fazer.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
14. Aplicar só métodos e técnicas de treino de reconhecida eficácia.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
15. Ter jogadores que sigam fielmente as minhas instruções.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
16. Dialogar com os jogadores de modo a favorecer a criação de um bom ambiente no grupo de trabalho.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
17. Utilizar meios e recursos materiais de cariz tecnológico	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
18. Ter jogadores com atitude crítica que analisem o seu trabalho e atitudes.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
19. Permitir que os meus ajudantes proponham coisas novas para o processo de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
20. Provocar um clima de reflexão e análise do trabalho realizado	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
21. Envolver o jogador num clima receptivo às alternativas e novidades que lhe proponho.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
22. Ter ajudantes especialistas na utilização dos instrumentos que os avanços tecnológicos nos facilitam.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
23. Planificar o treino com o apoio da tecnologia	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
24. Convencer, através da palavra, ajudantes, jogadores, directores, pais, das qualidades do projecto desportivo.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
25. Falar e convencer os jogadores sobre a planificação do treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
26. Expôr aos meus ajudantes exactamente o que espero deles para que possam seguir as minhas instruções.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
27. Procurar e utilizar novos meios e recursos materiais para conduzir o treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
28. Avaliar o processo de treino com a ajuda de instrumentos tecnológicos.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

	Totalmente em desacordo	Totalmente de acordo
29. Canalizar através dos meus auxiliares, se os tiver, a minha relação com os atletas.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
30. Ter auxiliares que analisem e reflectam sobre o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
31. Planificar, coordenando as capacidades de todo o corpo técnico.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
32. Fomentar um clima em que os jogadores se comuniquem inicialmente através dos meus auxiliares.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
33. Coordenar, com os meus auxiliares, a forma como vamos trabalhar durante os treinos.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
34. Ter jogadores que colaborem com as contínuas alternativas e inovações que se lhes propoem.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
35. Utilizar métodos e técnicas de treino apoiados em meios tecnológicos.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
36. Questionar criticamente o processo de planificação seguido.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
37. Utilizar a avaliação para fazer uma análise crítica do processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
38. Dialogar com os jogadores de modo a convencê-los da utilidade da metodologia de treino empregue.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
39. Delegar funções nos meus auxiliares, se os tiver, e coordenar o seu trabalho.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
40. Utilizar meios e recursos materiais de eficácia comprovada para a minha modalidade.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
41. Coordenar com os meus auxiliares, se os tiver, a selecção e utilização de meios e recursos materiais.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
42. Ter jogadores que colaborem nas tarefas que realizamos com o auxilio de instrumentos e aparelhos tecnológicos.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
43. Inovar procurando novidades e alternativas para o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
44. Utilizar métodos alternativos e inovadores na avaliação do processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
45. Utilizar o diálogo como meio de informação para avaliar o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
46. Utilizar meios tecnológicos para a planificação, controle e avaliação do treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

INSTRUÇÕES PARA RESPONDER AOS SEGUINTE QUESTIONÁRIOS

1. A seguir vamos-lhe apresentar quatro questionários.
2. Leia atentamente o cabeçalho (em maiúsculas e negrito)
3. Seguidamente leia atentamente cada ítem e **rodeie com um círculo** o valor que mais se ajuste com as suas preferências como treinador .

0 10 20 30 40 50 60 70 80 **90** 100

4. Se se enganar marque com um "x" a resposta errada e rodeie com um círculo a resposta que julgue conveniente

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 ~~100~~

Por favor responda a todos os ítems o mais sinceramente possível

OBRIGADO

ATENÇÃO: Certifique-se que respondeu a todas as perguntas do questionário MOD-EN .

QUESTIONÁRIO: VAR - ACTI

Este questionário pretende recolher a opinião dos treinadores sobre o que fazem e pensam sobre o controle e a tomada de decisões no treino.

NO CONTROLE E/OU NA TOMADA DE DECISÕES DURANTE O TREINO E A COMPETIÇÃO GOSTO OU PREFIRO:

	Totalmente de acordo	Totalmente em desacordo
1. Estar em consenso com os jogadores sobre os objetivos a alcançar	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Permitir que o jogador faça o que achar oportuno.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Permitir que os jogadores expressem a sua opinião sobre as orientações pré-determinadas.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
4. Estabelecer pessoalmente os objectivos a alcançar	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
5. Deixar aos jogadores a responsabilidade das decisões sobre as estratégias a seguir	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
6. Não discutir nem ralar com os jogadores para assim “ficar bem” com todos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
7. Tomar pessoalmente todas as decisões do processo de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
8. Deixar que os jogadores estabeleçam os seus próprios objectivos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
9. Tomar pessoalmente todas as decisões sobre o controle e a disciplina	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
10. Contar com a opinião dos jogadores na toma de decisões	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
11. Que os jogadores façam exactamente o que lhes ordeno	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
12. Que os jogadores se impliquem no estabelecimento de normas para o controle da disciplina	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

Cerifique-se que respondeu a todos os ítems. CONTINUE NA PÁGINA SEGUINTE COM O QUESTIONÁRIO VAR - PLAN

QUESTIONÁRIO: VAR –PLAN

Este questionário pretende averiguar como actuam os treinadores face às distintas circunstâncias ou situações que se lhe apresentam durante a planificação.

QUANDO PLANIFICO A TEMPORADA, OBJECTIVOS, METODOLOGÍA, SESSÕES E EXERCÍCIOS PREFIRO:

	Totalmente de acordo	Totalmente em desacordo
1. Modificar os objectivos em função dos acontecimentos que se vão produzindo	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Modificar os exercicios e tarefas consoante os jogadores alcancem ou não o objectivo.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Não definir objectivos e adaptar-me às ocorrências	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

4. Modificar a sessão prevista se as circunstâncias o tornem necessário	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
5. Não modificar os exercícios previstos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
6. Improvisar as sessões durante o treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
7. Improvisar os exercícios que se vão realizar	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
8. Não fazer alterações durante a sessão de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
9. Não planificar no principio da temporada e ir actuando conforme o que ocorra	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
10. Utilizar sempre a metodologia que estava prevista	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
11. Não modificar nada do que planifico no principio da temporada	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
12. Manter os objectivos previstos até ao fim	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
13. Variar , se fôr necessário, a metodologia prevista	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
14. Utilizar a metodologia que me ocorra durante o treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
15. Planear variações na planificação em função dos acontecimentos que se produzem durante a temporada	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

Certifique-se que respondeu a todos los ítems. OBRIGADO.

CONTINÚE NA PÁGINA SEGUINTE COM O QUESTIONÁRIO VAR - FORM

QUESTIONÁRIO: VAR – FORM

Este questionário pergunta-lhe sobre a importância que dá à sua formação na hora de realizar as tarefas e funções como treinador.

PARA LEVAR A CABO AS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO UTILIZAR:

Totalmente de
acordo

Totalmente
em desacordo

1. As experiências que se adquirem como jogador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
2. A metodologia que eu mesmo criei com a minha própria experiência.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
3. A experiência adquirida através dos exercícios que eu mesmo invento	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
4. Os conhecimentos adquiridos com os treinadores que me treinaram	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
5. Os critérios metodológicos aprendidos em cursos de formação de treinadores	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
6. O que aprendi durante a minha formação académica	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
7. Métodos que utilizavam os treinadores que me treinaram	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
8. Os conhecimentos aprendidos nos cursos de formação a que assisti.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
9. Os exercícios e tarefas aprendidos durante os cursos de formação de treinadores	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
10. Pôr em prática as teorias elaboradas com base na minha experiência pessoal.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
11. O que aprendi com outros treinadores enquanto era jogador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
12. Os conhecimentos adquiridos ao longo do meu trabalho e da minha experiência como treinador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
13. Os exercícios e tarefas que aprendi quando era jogador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
14. O que aprendi durante a minha formação como treinador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
15. O que aprendi por mim mesmo sem a ajuda de cursos ou de outras pessoas	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

Certifique-se que respondeu a todos os ítems. OBRIGADO

CONTINÚE NA PÁGINA SEGUINTE COM O QUESTIONÁRIO VAR - IMPLIC

QUESTIONÁRIO: VAR – IMPLIC

Este questionário interroga-o sobre a forma como posiciona face às tarefas que se lhe apresentam no seu dia-a-dia como treinador.

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR

	Totalmente de acordo	Totalmente em desacordo
1. Não consigo utilizar todas as minhas capacidades.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

2. Empenho todas as minhas capacidades no sentido de melhorar o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
3. Aplico todos os meus conhecimentos no desempenho das minhas funções	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
4. Só aplico alguns dos meus conhecimentos no desempenho das minhas funções	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
5. Não merece a pena utilizar todas as minhas capacidades	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
6. Vale a pena utilizar todas as minhas capacidades	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
7. Aplico-me bastante porque o que recebo como pagamento compensa-me.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
8. Com o que recebo treinar não merece a pena que me aplique muito	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
9. Tenho que improvisar dado que não posso dedicar o tempo necessário à planificação do treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
10. Preparo com suficiente antecipação os treinos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
11. Dedico o tempo necessário para preparar bem os treinos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
12. Não dedico o tempo suficiente para preparar os meus treinos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
13. A minha motivação não me permite aplicar-me devidamente	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
14.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
15. Estou muito motivado para a realização das minhas tarefas	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

DADOS PESSOAIS E DA EQUIPA QUE TREINA: INSTRUÇÕES PARA RESPONDER

1. Lela atentamente as perguntas sobre os seus dados pessoais e da equipa que você treina.
2. Marque nos quadros com um "x" a resposta que pretende.
3. Se se enganar rodeie com um círculo a resposta errada e marque com um "x" a resposta correcta.
4. Escreva os dados que lhe solicitamos quando apareça uma linha continua.

d.1.- Que modalidade treina?: Desporto Adaptado
Quais: _____

Instituição: _____

d.2.- Em que localidade treina? _____

d.3.- Distrito de: _____

d.4.- Data de nascimento: ____/____/____ **Edad:** _____

d.5.- Em que intervalo de idades se encontra a sua?

- | | | | |
|---|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Entre 16 e 17 anos | <input type="checkbox"/> Entre 26 e 30 anos | <input type="checkbox"/> Entre 41 e 45 anos | <input type="checkbox"/> Entre 56 e 60 anos |
| <input type="checkbox"/> Entre 18 e 20 anos | <input type="checkbox"/> Entre 31 e 35 anos | <input type="checkbox"/> Entre 46 e 50 anos | <input type="checkbox"/> 61 ou mais anos |
| <input type="checkbox"/> Entre 21 e 25 anos | <input type="checkbox"/> Entre 36 e 40 anos | <input type="checkbox"/> Entre 51 e 55 anos | |

d.6.- Género: Homem (1): Mulher (2):

ISTORIAL COMO JOGADOR

d. 7. Foi praticante da modalidade de que é treinador?

S N

d. 8. Quantas épocas jogou ou competiu?

- | | | | |
|--|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 época (1) | <input type="checkbox"/> entre 4 e 5 (3) | <input type="checkbox"/> entre 8 e 9 (5) | <input type="checkbox"/> mais de 11 (7) |
| <input type="checkbox"/> entre 2 e 3 (2) | <input type="checkbox"/> entre 6 e 7 (4) | <input type="checkbox"/> entre 10 e 11 (6) | <input type="checkbox"/> Nenhuma (8) |

d. 9.- Indique o nível ou categoria máxima em que competiu como jogador?

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Escolas de Jogadores (1) | <input type="checkbox"/> Juvenil (5) | <input type="checkbox"/> 1ª Nacional (Sénior) (9) |
| <input type="checkbox"/> Bambis/Benjamins (2) | <input type="checkbox"/> Júnior (6) | <input type="checkbox"/> Divisão de Honra(sénior) (10) |
| <input type="checkbox"/> Infantil (3) | <input type="checkbox"/> 3ª Divisão (Sénior) (7) | <input type="checkbox"/> Liga/Elite (sénior) (11) |
| <input type="checkbox"/> Cadete/Iniciados (4) | <input type="checkbox"/> 2ª Nacional (Sénior) (8) | <input type="checkbox"/> Outra (12) |

HISTORIAL COMO TREINADOR

d.10. Há quantas épocas exerce a função de Treinador?

- | | | | |
|--|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> 1 época (1) | <input type="checkbox"/> entre 6 e 7 (4) | <input type="checkbox"/> entre 11 e 12 (7) | <input type="checkbox"/> entre 21 e 25 (10) |
| <input type="checkbox"/> entre 2 e 3 (2) | <input type="checkbox"/> entre 8 e 9 (5) | <input type="checkbox"/> entre 13 e 14 (8) | <input type="checkbox"/> entre 25 e 30 (11) |
| <input type="checkbox"/> entre 4 e 5 (3) | <input type="checkbox"/> entre 10 e 11 (6) | <input type="checkbox"/> entre 15 e 20 (9) | <input type="checkbox"/> 31 o mais anos (12) |

d.11.-Que habilitações literárias possui? Indique qual e o ano em que a terminou

Titulo académico	Ano
<input type="checkbox"/> Pós-graduação, Mestrado ou Doutoramento, qual?:	
<input type="checkbox"/> Curso Superior, (1) qual?:	
<input type="checkbox"/> Curso Médio, (2) qual?:	
<input type="checkbox"/> Curso de Escola Profissional, (3) qual?:	
<input type="checkbox"/> Curso de Formação Profissional (4) qual?:	
<input type="checkbox"/> 12.º Ano, Ensino Secundário, (5) qual?:	
<input type="checkbox"/> Escolaridade Obrigatória (6) qual?:	

<input type="checkbox"/> Outra (7) qual?:	
---	--

d.12. Qual o nível máximo de Formação de Treinadores concluído? Descreva-o, indique a entidade que o organizou e o ano em que o obteve.

	Ano		Ano
<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> Não tem nenhum Curso (Passe à pergunta 14)			

d.13.- Indique o grau de adequação para exercer as suas funções de treinador dos conhecimentos e recursos que aprendeu nos CURSOS FEDERATIVOS de treinador. (marca a tua resposta com uma x na casa correspondente a cada ítem:

Áreas de conhecimento	Nada adequados	Pouco adequado	Regular	Adequado	Muito adequados
Técnica – tática individual					
Meios colectivos (Tática)					
Fases e sistemas de jogo					
Preparação física					
Planificação e programação do treino					
Pedagogia / Metodologia					
Iniciação desportiva					
Psicologia desportiva					
Medicina desportiva					
Educação Física					
Novas tecnologias					

d.14. Possui Grau Académico relacionado com o Desporto? Indique o ano em que o concluiu.

Grau Académico	Ano
<input type="checkbox"/> Licenciado em Ciências da Actividade Física/desporto/Educação Física (1): - Opção ou Formação Especifica na sua Modalidade? (2) <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> - Pediu Equivalência ao título de Treinador na Federação ? (3) <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> Licenciado Ensino Básico – Variante Educação Física (4)	
<input type="checkbox"/> Ensino Secundário (12-º ano) com Formação Técnica Desporto , (5)	
<input type="checkbox"/> Outra (6). Qual?	

d.15.- Indique o grau de adequação para exercer as suas funções de treinador dos conhecimentos e recursos que aprendeu na sua FORMAÇÃO ACADÉMICA na modalidade. (marca a tua resposta com uma x na casa correspondente a cada ítem:

Áreas de conhecimento	Nada adequados	Pouco adequado	Regular	Adequado	Muito adequados
Técnica – tática individual					
Meios colectivos (Tática)					
Fases e sistemas de jogo					
Preparação física					
Planificação e programação do treino					
Pedagogia / Metodologia					
Iniciação desportiva					
Psicologia desportiva					
Medicina desportiva					
Educação Física					
Novas tecnologias					

d.16. A quantos Cursos, Seminários ou Clínicas assistiu nos últimos dois anos?

- A um Curso (1)
- Entre 2 e 3 Cursos (2)
- Entre 4 e 5 Cursos (3)
- Entre 6 e 7 Cursos (4)
- Mais de 7 (5)
- Nenhum (6)

d.17. Indique o âmbito dos Cursos a que assistiu. (Pode marcar várias respostas)

- | | | |
|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> Técnica / Tática (1) | <input type="checkbox"/> Iniciação Desportiva (4) | <input type="checkbox"/> Educação Física (7) |
| <input type="checkbox"/> Preparação Física (2) | <input type="checkbox"/> Medicina Desportiva(5) | <input type="checkbox"/> Novas Tecnologias (8) |
| <input type="checkbox"/> Psicologia (3) | <input type="checkbox"/> Pedagogia / Metodologia (6) | <input type="checkbox"/> Outros(9):_____ |

d.18. Quantas horas de formação cumpriu nos últimos dois anos?

_____ horas de formação não creditadas.

_____ horas de formação creditada pelo IPDJ.

d.19. Indique o âmbito dos Cursos a que assistiu. (Pode marcar várias respostas)

- | | | |
|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> Técnica / Tática (1) | <input type="checkbox"/> Iniciação Desportiva (4) | <input type="checkbox"/> Educação Física (7) |
| <input type="checkbox"/> Preparação Física (2) | <input type="checkbox"/> Medicina Desportiva(5) | <input type="checkbox"/> Novas Tecnologias (8) |
| <input type="checkbox"/> Psicologia (3) | <input type="checkbox"/> Pedagogia / Metodologia (6) | <input type="checkbox"/> Outros(9):_____ |

REMUNERAÇÃO OU SUBSIDIO POR TREINO OU DEDICAÇÃO

d.20. Recebe algum montante por treinar?

d.21. Recebe algum outro tipo de incentivo?.....

d.22. Recebe salário ou vencimento como Técnico Desportivo ou Treinador?.....

d.23.- Considera a compensação económica (ou em espécie) que recebe por treinar a sua equipa?

- | | | | | |
|--|--------------------------------------|--------------------------------------|---|---|
| (1) Muito escassa ou nula <input type="checkbox"/> | (2) Escassa <input type="checkbox"/> | (3) Regular <input type="checkbox"/> | (4) Satisfatória <input type="checkbox"/> | (5) Muito satisfatória <input type="checkbox"/> |
|--|--------------------------------------|--------------------------------------|---|---|

d.24.Exerce a função de treinador em regime de exclusividade?.....

d.25. Se a sua dedicação não é exclusiva, a que outra coisa se dedica?

- Estudo (1) Trabalho (2) Outro:_____ (3)

d.26. Indique o número de horas semanais que dedica a treinar a sua equipa esta temporada?

- Uma hora (1) Três horas (3) Cinco horas (5) Sete horas (7)
 Duas horas (2) Quatro horas(4) Seis horas (6) Mais de Sete horas (8)

d.27. Quantas sessões de treino tem a sua equipa por semana, habitualmente?

- Uma sessão Quatro sessões Mais de seis sessões
 Duas sessões Cinco sessões Nenhuma sessão
 Três sessões Seis sessões

d.28. Quantos jogos faz a sua equipa por temporada, aproximadamente? (marcar com um x)

- Menos de 10 De 21 a 25 De 36 a 40 De 51 a 55
 De 10 a 15 De 26 a 30 De 41 a 45 De 56 a 60
 De 16 a 20 De 31 a 35 De 46 a 50 Mais de 60

DADOS DA SUA EQUIPA

NOTA: A partir de agora responda às perguntas referindo-se sempre à equipa que treina.

d.29.- Que categoria treina actualmente, em função da idade?

- Benjamín (1) infantil (3) juvenil (5) senior (7)
 Bambis (2) Iniciados (4) junior (6)

d.30.- Que categoria treina em função do género da equipa?

- Masculina (1) Femenina (2) Misto (3)

d.31.-Em que tipo de Competição participa a sua equipa?

- Escolar (1) 1ª Nacional (5) Selecção Regional/Distrital Outras: _____ (11)
 Distrital (2) Divisão de Honra (6) Selecção Nacional (9) Outras: _____ (12)
 3ª Divisão (3) Liga/Elite (7) Outras: _____ (10)
 2ª Nacional (4)

d.32.- Considera que a equipa que treina coloca problemas de disciplina durante os treinos?

- (1) Nunca (2) Quase nunca (3) Às vezes (4) Quase sempre (5) Sempre

d.33.- Considera que a equipa que treina tem problemas de disciplina durante a competição?

- (1) Nunca (2) Quase nunca (3) Às vezes (4) Quase sempre (5) Sempre

d.34.- Considera que a equipa que treina assimila os conteúdos dos treinos?

- (1) Nunca (2) Quase nunca (3) Às vezes (4) Quase sempre (5) Sempre

d.35.- Considera que a equipa que treina aplica em competição os conteúdos aprendidos nos treinos?

(1) Nunca

(2) Quase
nunca

(3) Às vezes

(4) Quase
sempre

(5) Sempre

d.36.- Indique o valor, de 0 a 100, em que se situam os objetivos da modalidade no que diz respeito à equipa que treina (rodear com um círculo)

Educativo 0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100

Recreativo 0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100

Alto Rendimento 0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100

d.37. Tem ajudantes, adjuntos ou colaboradores na sua equipa?

SIM (1) NÃO (2) AS VEZES (3) Não Sabe / Não responde (4)

Meios e Instalações que utiliza:

d.38.- Assinale o grau de adequação e disposição dos meios e instalações rodeando com um círculo o valor que mais se ajuste

	Nada adequado	Muito adequado
Material específico de Andebol	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100	
Material próprio de Educação Física	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100	
Material musculação – ginásio	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100	
Material para análise cinemática (video,..)	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100	
Equipas informáticas para controle e análise do treino e competição	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100	
Material tecnológico	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100	
Pavilhão para treinar	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100	
Pavilhão próprio para jogar	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 -80 - 90 - 100	

Certifique-se, por favor, que não deixou nenhuma pergunta sem resposta.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

